

A Revolução Artesanal: Da transformação sociocultural a novos paradigmas económicos

Renata de Cavalcante Lima

Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos

Versão revista e melhorada após a discussão com o Júri em provas públicas

Junho de 2021

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Denata de Amalente Lima

Lisboa, 15 de Junho de 2021

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),



Lisboa, 18 de Junho de 2021



**AUTORIZAÇÃO PARA ARQUIVO DE DISSERTAÇÃO
NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNL**

O arquivo no Repositório Institucional da UNL é de carácter obrigatório e contempla o texto integral

Nome: RENATA DE CAVALCANTE LIMA
Correio electrónico: RENATA DE CAVALCANTE @ GMAIL . COM Telefone: 918 49 3390
Bilhete de Identidade / Passaporte: _____
Título da Dissertação: A REVOLUÇÃO ARTESANAL : DA TRANSFORMAÇÃO SOCIO CULTURAL
A NOVOS PARADIGMAS ECONOMICOS
Orientador (es): PROFESSOR DOUTOR RUI SANTOS
Ano de Conclusão: 2021

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:
ECOLOGIA HUMANA E PROBLEMAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

Sem prejuízo dos direitos de autor relativos à minha dissertação e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros), declaro que:

- Entrego a dissertação, que corresponde à aprovada pelo júri, constituído pela Unidade Orgânica da Universidade Nova de Lisboa onde realizei os estudos.
- Concedo à Universidade Nova de Lisboa e aos seus agentes, através do seu repositório institucional, uma licença não - exclusiva para arquivar e tornar acessível, nas condições abaixo indicadas, a minha dissertação em suporte digital.
- Autorizo a Universidade Nova de Lisboa a digitalizar o exemplar da minha dissertação, que remeto em anexo, ou o exemplar que possui nas suas bibliotecas.
- Autorizo a Universidade Nova de Lisboa a arquivar sem alterar o seu conteúdo mais de uma cópia da dissertação e a efectuar a sua conversão para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Mais declaro que a minha dissertação poderá ser **disponibilizada** no Repositório Institucional da Universidade Nova de Lisboa na seguinte modalidade:

Disponibilização **imediate** do conjunto do trabalho para acesso mundial

Disponibilização com **acesso restrito**:

a. Disponibilização parcial do trabalho (resumo) com o seguinte período de embargo:

1 ano - 2 anos - 3 anos -

sendo que, após o tempo assinalado, autorizo o acesso mundial.

b. Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UNL

1 ano - 2 anos - 3 anos -

sendo que, após o tempo assinalado, autorizo o acesso mundial.

Data: 15 de janeiro de 2021

Assinatura: Renata de Cavalcante Lima

Agradecimentos

Dirijo o meu primeiro agradecimento ao meu orientador, o professor Doutor Rui Santos, pela paciência, dedicação e valiosa contribuição que não só me ajudou, mas me inspirou a construir este trabalho.

Aos meus companheiros de vida, amigos e família, que me incentivaram, me tranquilizaram e acima de tudo me ajudaram a olhar para mim mesma com mais compaixão e amor durante o doloroso, mas gratificante processo de escrever esta dissertação.

À todas as artesãs e artistas do Mana a Mana que com seus fazeres, força, resiliência foram as musas inspiradoras para este projeto, em especial as artesãs que participaram das entrevistas e que partilharam gentilmente suas alegrias e dores com tanto brilho no olho e carinho.

À minha ancestralidade e à força de todas as mulheres que vieram antes de mim e que me permitiram dar mais este passo.

Ao Universo, a Deus e à Vida por tamanha experiência que me ajudou não apenas a ter mais conhecimento de mundo, mas a conhecer a mim mesma.

Resumo

Esta dissertação busca entender como a valorização da atividade artesanal pode estar relacionada a uma alternativa mais ampla de mudança cultural e de estilos de vida, de valores materialistas e de consumo para valores pós-materialistas, a qual prioriza aspectos como qualidade de vida, bem-estar, autoexpressão, autonomia, preocupações ambientais, e uma nova relação com o trabalho. Para isso, foram investigadas, através de entrevistas em profundidade e conteúdos *online*, as representações e motivações de um pequeno conjunto de artesãs urbanas, participantes de um coletivo de mulheres na cidade de Fortaleza, no Brasil. A partir da análise dessas entrevistas e de discursos colhidos nas redes sociais do coletivo, pretendo entender o quanto o florescimento dessa atividade poderá indiciar um movimento dessas artesãs contra a hegemonia do sistema industrial e laboral vigente e propiciar o desenvolvimento de relações que privilegiem os laços entre produtores, compradores, mercados e ambiente, para além do empoderamento feminino e negro. Os resultados, embora limitados a essa amostra não representativa, indiciam fortes orientações nesse sentido.

Palavras-chave: artesanato, economia artesanal, valores pós-materialistas, empoderamento, redes colaborativas.

Abstract

This dissertation aims to understand how the appreciation of artisanal activity may be related to a wider alternative in cultural and lifestyle changes, from materialist and consumption values towards post-materialist values, which give priority to aspects such as quality of life, wellbeing, self-expression, autonomy, environmental concerns, and a new relationship to work. For that purpose, I have researched, through in-depth interviews and online contents, the representations and motivations of a small set of urban artisans, who participate in a women's collective in the town of Fortaleza, in Brazil. Throughout the analysis of those interviews and discourse in the collective's online social networks, I aim to understand to what extent the flourishing of such activities may indicate a move by those artisans against the hegemony of the industrial and labour system, and foster relationships privileging ties between producers, buyers, markets, and the environment, along with female and black empowerment. The results, albeit from a non-representative sample, do strongly indicate such value orientations.

Keywords: Handicraft, artisanal economy, post-materialist values, empowerment, collaborative networks.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1. Organização do estudo	3
<i>1.1. Enquadramento conceitual</i>	3
1.1.1. O conceito de atividade artesanal	3
1.1.3. Os impactos da sociedade industrial e de consumo e a resistência do artesanal	13
1.1.4. A nova economia artesanal	14
<i>1.2. Problemática</i>	20
<i>1.3 Método</i>	21
1.3.1. Operacionalização	21
1.3.2. Opções metodológicas e técnicas	22
1.3.3. Apresentação do caso e das participantes	23
Capítulo 2. Cultura artesanal: Valores e motivações	28
<i>2.1. Autoconhecimento, tempo e resiliência</i>	28
<i>2.2. Expressão criativa e ancestralidade</i>	32
Capítulo 3. Empoderamentos	40
<i>3.1. Feminino</i>	40
<i>3.2. Feminino negro</i>	44
Capítulo 4. O artesanal como contracorrente	51
<i>4.1. Alternativa ao modelo industrial e a busca por autonomia</i>	51
<i>4.2. Relação com o trabalho e com o conceito de empreendedorismo</i>	56
Capítulo 5. Desafios da sustentabilidade	67
<i>5.1. A sustentabilidade económica</i>	67
<i>5.2. A sustentabilidade ambiental</i>	73
<i>5.3. A sustentabilidade social</i>	80
Capítulo 6. As relações: Consumidores, feiras e lojas colaborativas	85
<i>6.1. Relação com consumidores e consumo consciente</i>	85
<i>6.2. As feiras e as iniciativas colaborativas</i>	92
Conclusões	99
Referências	104

Índice de tabelas

Tabela 1. Quadro de operacionalização	21
Tabela 2. Perfil das artesãs entrevistadas	25

Índice de figuras

Figura 1. Cartaz de divulgação da Edição Mães Empreendedoras da Feira Mana a Mana	43
Figura 2. Cartaz de divulgação da Edição Mulher Preta da Feira Mana a Mana	47
Figura 3. <i>Upcycling</i> : Bola de desperdício de linhas como objeto decorativo	79

Introdução

Atualmente, percebe-se o crescimento da valorização do artesanal, sobretudo em ambiente urbano. É no sentido de um potencial transformativo, pessoal tanto quanto social e econômico, em expansão que uso no título o termo, reconhecidamente exagerado, “revolução artesanal”. A semente de onde germinou este trabalho nasceu da minha própria experiência pessoal, quando num período repleto de desafios, descobri-me artesã. O processo do fazer revelou-me a mim e transformou profundamente a minha forma de enxergar a vida em toda a sua potência. Transformou a relação que estabeleço com o outro, potenciou o reconhecimento da natureza que em mim se faz presente, e levou-me a questionar e ressignificar toda a minha relação com o consumo. A maior surpresa, no entanto, foi perceber que a revolução que acontecia internamente em mim, era também parte de um processo coletivo e sobretudo feminino.

A sociedade moderna e globalizada baseia-se na produtividade e no consumo. O modelo econômico atual é insustentável e degradante para a humanidade, cria uma profunda desconexão do homem com a natureza, promove uma profunda transformação dos laços sociais e das características culturais da vida pessoal, e a falta de sentido na vida (Latouche 1998). É necessário, portanto, “encarar a possibilidade de desenvolver um novo estilo de vida, com novos métodos de produção e novos padrões de consumo: um estilo de vida traçado para durar.” (Schumacher 1980, 23). De modo convergente com essas preocupações, Ronald Inglehart (1990) teoriza uma lenta mudança societal de valores materialistas para pós-materialistas nas sociedades que designa como “industriais avançadas” ou “pós-industriais”, no sentido de valorizarem preferencialmente questões ambientais e estéticas do bem-estar individual e coletivo, a criatividade e a auto-expressão.

Esta dissertação se propõe a identificar possíveis relações da recente valorização da atividade artesanal e manual à transformação de aspectos culturais nas sociedades modernas; objetiva-se com esse trabalho entender se e como o crescimento da atividade artesanal e manual urbana está relacionado à mudança de valores, na transição de uma sociedade baseada em valores materialistas para valores pós-materialistas. Mais precisamente: o resgate da atividade artesanal e manual está relacionado a uma mudança cultural, como alternativa crítica ao modelo produtivista vigente e suas implicações no ambiente e na sociedade? A investigação contribuirá para identificar como essa atividade

poderá estar alinhada a uma estratégia dos seus atores na construção de novas formas de estar no mundo que priorizam aspectos como qualidade de vida, relações interpessoais, preocupações ambientais, valorização cultural e empoderamento.

Para este estudo se faz necessário a opção por uma abordagem qualitativa a fim de buscar compreender de forma aprofundada as questões, motivações e características que tange aos processos de produção da atividade artesanal e manual. A abordagem qualitativa será conduzida por meio de entrevistas individuais com artesãs pré-selecionadas de forma intencional, participantes do coletivo Mana a Mana e residentes na área urbana da Grande Fortaleza, no Brasil, e também através de coleta de dados netnográficos.

O Mana a Mana é constituído pelo ideal da valorização do trabalho feminino, e resulta em uma diversificação da atividade artesanal e manual desenvolvida por cada uma. Devido a sua própria natureza, o Mana a Mana atua no empoderamento de gênero e na sustentabilidade social.

O trabalho será dividido em 6 capítulos. O primeiro trata da organização do estudo, onde serão explorados o enquadramento conceitual, a problemática e o método da pesquisa. A partir do capítulo 2, serão apresentados os resultados. Inicialmente, irei apresentar os aspectos culturais do fazer artesanal e identificar quais os valores que norteiam a vida das artesãs, como a sua atividade está relacionada à busca por um estilo de vida simples e mais consciente, de que forma relacionam o fazer artesanal com a atribuição de sentido, o processo de autoconhecimento e de expressão criativa. No capítulo 3, irei explorar uma forte componente que emergiu nos discursos das entrevistadas, que é a questão de gênero, também associada à racial. Irei explorar como o fazer artesanal contribui para o empoderamento de gênero e negro, e como as entrevistadas relacionam o seu trabalho com independência e maternidade. No capítulo 4, irei analisar como a atividade artesanal caminha na contracorrente, atuando como resistência à produção industrial, ao consumismo e ao sistema normativo atual, e como as artesãs se relacionam com o trabalho. No capítulo 5, apresentarei como as artesãs pensam a sua sustentabilidade financeira e quais desafios encontram face à sustentabilidade ambiental. Por fim, no sexto e último capítulo, irei falar sobre como as artesãs se organizam e têm ressignificado as feiras e os eventos coletivos, como se relacionam com seus clientes e entre si.

Capítulo 1. Organização do estudo

1.1. Enquadramento conceitual

1.1.1. O conceito de atividade artesanal

Para melhor compreensão deste estudo, faz-se necessário delimitar o conceito de artesanal e o que está a ser considerado como tal. A atividade hoje designada como artesanal data de tempos remotos e se confunde com a história da humanidade (Fernández Chitti 2003). Nas formas tradicionais que ainda persistem, reflete aspectos culturais sobretudo nas zonas rurais, onde está profundamente relacionado com as condições e práticas sociais dos artesãos (Silva 1988), sua relação com a tradição e história de um povo e região. Em muitas comunidades rurais ao redor do mundo, a atividade artesanal atua hoje como alternativa ao desemprego e forma de sustentação cultural, sendo largamente incentivada pelo milionário setor turístico. Segundo García Canclini (2000), os consumidores estrangeiros enxergam nos artigos feitos à mão valores simbólicos e únicos ao promoverem um “fascínio nostálgico do rústico e o natural”. Além disso atuam como validadores do status socioeconômico desse grupo que possui condições de viajar, se mostra culto ao abraçar diferentes culturas, e de alguma forma vê nesse consumo a “rejeição de uma sociedade mecanizada” (García Canclini 2000 40).

De forma geral, o conceito tradicional de artesanato está relacionado ao universo das artes populares, dos objetos utilitários, decorativos, e lúdicos produzidos de forma manual por grupos populares, a partir de técnicas e modelos tradicionais, ou seja, um conceito sociocultural e etnográfico da atividade:

(...) o que se celebra no artesanato é o fato de ser uma produção manual, de raiz popular, com valor estético, publicamente reconhecido (inclusive pelos turistas e especialistas da cultura), e por aí, ser uma prova de grandeza, técnica, artística, da “sabedoria” e do “gosto” de certas componentes do que se intui ser a cultura popular. E é o fato de, sendo tudo isto, sendo já cultura, relativamente enobrecido, o artesanato não deixa de ser um elemento do universo popular, apropriável, como seu, pelos populares (Silva 1988, 20).

Porém, a definição de artesanal não é consensual e oscila, segundo Silva (1988), também para o conceito econômico, o qual considera “artesanal” qualquer produção

individual ou de pequena empresa (com número reduzido de funcionários) cujo proprietário é uma figura independente e ativa na execução do trabalho manual através da “produção, transformação e reparação de bens não-agrícolas”. A atividade artesanal dialoga com questões relacionadas à criatividade e criação, sendo assim expressão de elementos culturais, mas também com questões práticas como a sua importância para o mercado de trabalho e, portanto, mais relacionado aos aspectos econômicos.

O artesanal também se depara com a tensão ao nível conceitual ao enfrentar ainda as discussões acerca da diferenciação entre o artesanato e arte (Moraes, Seraine e Barbosa 2020). Quem advoga a favor dessa diferenciação baseia-se no entendimento do artesanato como algo de menor valor, devido à possibilidade de reprodução e repetição da técnica, em geral utilizada para produzir objetos utilitários e de cunho popular. Já a arte é tida como superior, e é muitas vezes percebida “como um dom divino”, reservada apenas a uma parcela da população, culta e capaz de apreciar o seu valor estético (Salgado e Franciscatti 2007). Essas fronteiras, entretanto, se dissolvem cada vez mais, na medida em que aparece uma emergente nova vaga de profissionais criativos advindos das áreas do design de produto, de comunicação, ou de interiores, das artes plásticas, entre outras áreas artísticas e criativas, que com elevados níveis educacionais, trazem inovação para a área dos ofícios (Esteves 2009).

As diferenças dessas perspectivas encontram grande relevância, não só por influenciarem questões jurídicas (Silva 1988) como também por definirem como o artesanal será percebido e validado frente aos diversos grupos sociais e pelos próprios atores em questão. Segundo Silva (1988, 2) “a emergência dos que se autodefinem por artesãos modernos, urbanos”, juntamente com a constante modernização dos processos produtivos da atividade artesanal e sua relação com a própria indústria, “vem ainda suscitar um outro motivo de debate” sobre o conceito. Ciente desse “outro motivo de debate”, em que se incluirá o objeto deste estudo, evitarei a designação de “artesanato”, privilegiando o uso dos termos “artesanal”, “manual” e “manualidade”. Isto porque busca-se fugir do imaginário à volta do termo artesanal relacionado a conceitos tradicionais de análise etnográfica, que consideraria como artesanato “a produção manual de objetos utilitários e decorativos segundo técnicas tradicionais regionais” (Silva 1988, 2).

A definição do artesanal a partir do Relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD (2008)

veio agregar os dois pontos de vista, sociocultural e econômico. Considera como produtos artesanais “aqueles produzidos inteiramente à mão ou com a ajuda de ferramentas e meios mecânicos, desde que a contribuição manual e direta do artesão continue sendo o componente mais substancial do produto acabado” (6, tradução minha). Pena e Laranjo (2000, 18) consideram necessário enquadrar no conceito “não só as manifestações artesanais entroncadas no modo de vida artesanal, mas também todas aquelas atividades que, incorporando novos processos produtivos, matérias primas e desenhos, conservam um caráter diferenciado relativamente à produção industrial seriada.” Outro aspecto relacionado ao artesanal, no que tange ao produtor, é o modo de fazer com as próprias mãos. Para Fernández Chiti (2003), o artesanato é como expressão da vida, desta forma o resgate do fazer manual passa também por uma necessidade de reconexão do homem com sua própria natureza, suas imperfeições e ciclos. Portanto, a partir dessas definições, o setor artesanal é capaz de entregar aquilo que a indústria jamais será capaz de reproduzir, a singularidade, criatividade e o “selo pessoal” (Pena e Laranjo 2000, 18) de quem o produz.

Atualmente, percebe-se o crescimento da valorização do artesanal, sobretudo em ambiente urbano. Seja por seu valor imaterial, uma vez que os produtos manuais e artesanais carregam consigo qualidades únicas como a “essência” de quem os produz, o respeito ao tempo de maturação das coisas e o resgate de saberes antigos; por sua própria natureza e produção em pequena escala indiciar a existência de uma preocupação com questões atuais e urgentes, como a seleção e os manuseios de matérias-primas, o descarte de resíduos, ou a humanização das relações ao longo da cadeia produtiva, impactando assim muitas vezes num estreitamento do contato entre produtor-consumidor (Pena e Laranjo 2000); ou porque a atividade artesanal representa uma oportunidade de desenvolver um trabalho com autonomia, flexibilidade e adaptabilidade para fazer seus próprios horários e processos, e onde pode-se explorar os potenciais criativos (Heying 2010).

No Brasil, o fazer artesanal também ganha nova perspectiva, na medida em que se observa histórica e progressivamente mudanças nas políticas públicas, no que diz respeito ao enquadramento da atividade. No início da década de 60, o artesanal passou a ser pauta de políticas assistencialistas e sem muito destaque, deixando a atividade em uma posição à margem das discussões econômicas e culturais. O que foi chamado por Seraine (2009) de “artesanato de subsistência” era comumente associado a grupos historicamente

marginalizados por sua raça e cor na sociedade, como o artesanato doméstico realizado pelas mulheres e o artesanato quilombola (Fontenele 2020).

Entretanto, mais recentemente e até à atualidade as políticas públicas vêm buscando a fomentação do “setor” artesanal como alternativa ao combate ao desemprego e para geração de renda, posicionando a atividade junto ao mercado internacional e turístico. A partir de então, inicia-se um processo de ressignificação produtiva do artesanato, que passa a ser visto politicamente como um negócio, um empreendimento (Moraes, Seraine e Barbosa 2020). A ideologia do empreendedorismo é portanto embutida no setor artesanal como uma alternativa à redução da pobreza, para a melhoria da qualidade de vida e a manutenção dos aspectos culturais de diversos grupos sociais (Seraine 2009).

O conceito de empreendedorismo é amplo e se apresenta de diversas formas. Entretanto, empreender nem sempre é uma questão de escolha. Seraine (2009) apresenta os conceitos de *empreendedorismo de oportunidade*, que é quando as pessoas desenvolvem o comportamento empreendedor por enxergarem oportunidades de negócios, de gerarem valor para a sociedade, valorizam a inovação e possuem potencial para a geração de renda e de novos postos de trabalho. Por outro lado, há quem empreenda movido essencialmente por uma estratégia de sobrevivência, o que se chama de *empreendedorismo por necessidade*. Ambos têm sido alvo de políticas e incentivos públicos no Brasil, que veem no empreendedorismo uma estratégia para colmatar os problemas sociais e contribuir para o crescimento e desenvolvimento econômico.

Porém, segundo Marquesan e Figueiredo (2014), os incentivos que visam transformar a produção artesanal em empreendimento não passam de uma manobra estratégica que implica a utilização de uma série de recursos comunicacionais para aparentar “uma inclusão social massiva e bem sucedida” (78), mas que não chega a se concretizar plenamente, e que, pior, acaba por contribuir para a perpetuação das diferenças sociais e também para a perda de valores e aspectos simbólicos das práticas artesanais. Os artesãos devem estar no centro da política (Fontenele 2020) e reivindicar seus direitos, para que façam parte de uma agenda pública que o compreenda o setor artesanal em “todas as suas facetas: econômica, estética, cultural, social e política” (195).

Retomando a definição conceptual proposto no início, para este trabalho, são considerados artesanais aqueles produtos de produção de objetos de cunho artístico ou

utilitários, que pode ser manual ou utilizar de artefatos tecnológicos, mas que qualquer dos casos dá espaço à experiência, à imperfeição e ao erro, privilegia o toque individual de quem cria e sua autenticidade. O artesanal objeto do estudo é, mais especificamente, uma atividade produtiva urbana, em que predominam o conceito individual e a operação manual direta das produtoras; que prioriza a valorização dos materiais, para que estes não sejam apenas um meio para um fim, mas sim a estrela de um produto acabado; que cria produtos que sejam desenhados visando uma maior durabilidade, e melhor eficiência dos recursos; e, por fim, é uma atividade que favorece a construção de relacionamentos entre quem produz e quem consome (Heying 2010).

É importante ressaltar que este estudo não foca no produto final e nem no processo de feitura do mesmo, mas sim busca analisar de forma holística tudo que envolve a atividade, o setor e o fazer manual e artesanal e como estas características se relacionam com questões sociais, ambientais e económicas nas narrativas da vida e da experiência de criação, trabalho e relação de quem os produz.

1.1.2. A mudança de valores sociais e os ideários da transição ecológica

Na sua teoria do desenvolvimento humano, Ronald Inglehart (1990) teoriza uma recente e lenta mudança cultural nas sociedades desenvolvidas, de valores materialistas para pós-materialistas, que já atingiram elevado nível e segurança da satisfação das necessidades materiais da generalidade das populações. Segundo o autor, o crescimento económico visto em tais sociedades, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, teria levado a melhoria nas condições de sobrevivência física e de segurança da população, o que permite valorizar preferencialmente questões que tangem aos aspetos ambientais e estéticos do bem-estar individual e coletivo, à qualidade de vida, à liberdade, à criatividade, à auto expressão, bem como à tolerância relativamente às diferenças. Alguns estudos associam ainda os valores pós-materialistas ao apoio ao feminismo e ao empoderamento de gênero, particularmente entre as mulheres (Steel, Warner, e Stiebler 1991; Hayes, McAllister, e Studler 2000).

Embora a relação crescimento económico/mudança de valores pareça, ela não é linear. “Esse processo depende do sentimento de segurança material, que é subjetivo, e não do nível económico objetivo dos indivíduos.” (Ribeiro 2007, 375). Inglehart (1990) alega que a percepção de segurança, fornecida pelo desenvolvimento económico (e também tecnológico) é percebida de forma distinta entre diferentes contextos sociais das

gerações. Por isso os indivíduos das gerações mais recentes adotam e incorporam com mais facilidade os valores pós-materialistas que as suas gerações anteriores, embora estas últimas já vivam em situação de prosperidade econômica.

As investigações lideradas desde a década de 70 por Inglehart e seus colaboradores, que buscam analisar como as mudanças nas prioridades valorativas das sociedades economicamente desenvolvidas alteram as relações sociais, o trabalho, a religião e a atividade política dessas sociedades, têm também sido realizadas desde 1991 em contexto brasileiro. Apesar de o país não ser enquadrado entre essas sociedades pós-industriais, mas sim em vias de desenvolvimento, os resultados encontrados corroboram a validade, também no Brasil, dos índices de materialismo e pós-materialismo propostos por Inglehart (Ribeiro 2007), bem como a sua associação, junto com o nível de escolaridade, à propensão dos indivíduos para a tolerância (Ribeiro e Borba 2010).

A partir dos elementos conceituais pós-materialistas, “a busca pelo lucro e pelo crescimento econômico estaria gradualmente perdendo espaço para estratégias alternativas de maximização do bem-estar no mundo contemporâneo” (Ribeiro 2007, 377). Entretanto, tal tendência não implica dizer que para todos estes públicos há necessariamente uma predisposição a valores anti-materialistas, de encontro ao sistema econômico atual, mas sim que tais valores pós-materialistas só são possíveis mediante o sucesso da percepção de segurança e de desenvolvimento criado por esse próprio sistema.

É enquadrado nessa teoria do desenvolvimento humano que este estudo se propõe a analisar as possíveis mudanças culturais emergentes na experiência do novo fazer artesanal, em um recorte qualitativo com um grupo de mulheres artesãs.

Desde meados do século passado, os valores pós-materialistas têm sido refletidos, em parte, através do surgimento ao redor do mundo de movimentos e grupos de pessoas que buscam seguir uma filosofia de vida alternativa, voltada para colaboração, conexão com a natureza, atenção plena, inspirados em valores espirituais e que pregam uma vida mais simples (Botta 2016). São grupos de ativistas ambientais, desde adeptos do movimento hippie até diversos outros motivados por aquilo que foi chamado de contracultura, como o neoruralismo, permacultura e culturas de transição, tendo em comum grupos de pessoas que lutam contra o sistema do consumo, a industrialização e mercantilização da vida, a degradação do ambiente, e que buscam um estilo de vida diferente, organizado em comunidades.

No contexto do Brasil, tem-se frequentemente como principal referência o estilo de vida dos povos originários indígenas, que apesar da tentativa de apagamento de suas culturas, ainda hoje bravamente resistem e conseguem manter vivo o seu modo de vida simples e integrado com a natureza. Os indígenas não se relacionam com a natureza como fonte de recursos mercantilizáveis, mas sim como um sistema integral do qual fazem parte (Krenak 2019). Para eles, a terra é “um organismo vivo que transpira, respira, inspira e dá sentido para vivermos” (Krenak citado por Altberg, Menegueti, e Kozlowski 2019).

Embora se situem socialmente nos antípodas dos protagonistas típicos da mudança de valores nas sociedades pós-industriais, e dos que começam a enraizá-los na própria sociedade brasileira, acabam por servir-lhes de referência. Desta forma, a cultura originária que tão cruelmente foi massacrada pela colonização no país, e que ainda hoje sofre com políticas públicas genocidas (Krenak, Ailton, e Cohn 2015), carrega valores que parecem influenciar tanto correntes filosóficas ocidentais, quanto recentes movimentos de resgate de um modo de vida mais equilibrado e sustentável.

O próprio artesanato brasileiro tem forte influência indígena, que desde tempos remotos produz seus utensílios e adornos feitos de diversos materiais recolhidos na natureza. Entretanto, a própria forma como as culturas originárias se relacionam com os objetos se apresenta de forma diferenciada do modelo hegemônico ocidental. A confecção artesanal representa uma “vontade de expressão simbólica” que pode não fazer distinção entre objetos para usos utilitários, decorativos ou para usos em rituais sagrados. Os objetos fazem parte da vivência em comunidade e representam um elemento de troca e de dádiva (Fontenele 2020).

Nos dias de hoje, as filosofias que promovem uma vida mais simples e com mais significado ganham cada vez mais espaço e têm feito cada vez mais sentido, sobretudo quando está claro o papel do atual modelo predominante na degradação social e ambiental. Vê-se emergir novos grupos que buscam viver baseados em valores como autoconfiança e colaboração. Preconizam atividades em que possam exercitar a criatividade, estar em maior contato com a natureza, que são sensíveis ao que é artesanal (Heying 2010).

Autonomia, liberdade e simplicidade é o que buscam, por exemplo, os adeptos da Simplicidade Voluntária, um estilo de vida baseado em uma visão não materialista, de base espiritual, cujos valores fundamentais são a recusa ao consumismo, a valorização do

trabalho humano em detrimento da produção industrial, maior autossuficiência, atitudes pró-ambientais, e aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal (Hor-Meyll e Silva 2016). Esses aspectos se relacionam com o novo artesão, que muitas vezes busca fugir de carreiras previsíveis e prioriza atuar em trabalhos com mais significado, mesmo que isso implique em menores rendimentos (Heying 2010).

Para quem se propõe a ter uma vida simples, é imprescindível lançar um olhar crítico sobre os seus hábitos de consumo e ter clareza no reconhecimento das suas reais necessidades, a fim de alcançar uma vida equilibrada. A emergente economia artesanal urbana estimula uma nova relação de consumo, onde o produto não é apenas consumido, mas sim apreciado. Além do mais, incentiva também que o consumidor desperte para as implicações sociais e ambientais que estão por trás dos processos de produção daquilo que consome (Heying 2010).

O consumo consciente e a busca por qualidade de vida também são aspectos centrais do movimento *slow living*, que sugere igualmente uma vida inspirada em valores simples e com comportamentos de consumo e produção menos acelerados. Propõe uma resignificação do tempo e do espaço para o desenvolvimento das potencialidades criativas humanas. Tem um anseio por reconexão (Botta 2016), não apenas com o tempo, mas também com a comunidade, com a produção local, em pequena escala, e artesanal.

As iniciativas que promovem a valorização do que é local têm sido amplamente difundidas por todo o mundo. Restabelecer a economia local consiste na mudança de políticas económicas a fim de desenvolver comunidades mais resilientes e menos dependentes do mercado global; promove o fortalecimento dos laços comunitários e ao mesmo tempo incentiva a regeneração dos sistemas ambientais (Norberg-Hodge 2019). Valoriza a produção artesanal e em pequena escala, na medida em que contribui para cadeias de produção mais enxutas e mais transparentes, e estimula uma nova relação de produção e consumo (Latouche 2011).

Os ideários da realocização estão diretamente ligados ao que Latouche (2011) chama de teoria do decrescimento. Trata-se de uma filosofia e um projeto político que preconiza uma revolução cultural a fim de estabelecer uma sociedade mais autónoma, sustentável e com relações sociais mais estreitas entre os indivíduos, os demais seres, o ambiente e os ecossistemas. Busca com isso uma mudança de paradigma da sociedade atual, que vê no crescimento económico infinito o meio para o desenvolvimento. Portanto

faz severas críticas ao modelo atual de produção linear, materialista, utilitarista e antropocêntrico, sugerindo uma transformação nas relações de produção. Para isso, o autor aponta um conjunto de mudanças de atitudes necessárias, que estão longe de ser um guia ou etapas a serem cronologicamente cumpridas, mas que são interdependentes e denominadas por ele como o círculo virtuoso dos 8 “R”: reavaliar, reconceptualizar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir e reutilizar. A ideia do decrescimento propõe lutar contra a mundialização e o liberalismo económico. É mexer com as bases do sistema de produção que favorece a banalização das coisas. É rever as formas de trabalho e o sentido que é dado ao tempo (Latouche, 2011). Embora todos estejam inter-relacionados, alguns desses R fazem especial conexão com o fazer artesanal, que irei explorar abaixo.

A reavaliação desse sistema e a busca de autonomia económica é uma das grandes bandeiras da teoria do decrescimento. A resignificação das relações de troca está bastante presente no mercado artesanal. A produção e o consumo de produtos feitos à mão têm papel importante na mudança de valores, ao oferecer uma reconceptualização e uma oportunidade para um novo olhar sobre os objetos, pois em geral reconhece-se o trabalho humano por detrás de cada artigo. Relocar passa pela valorização e o desenvolvimento da economia local. “Qualquer produção que se puder fazer à escala local e para as necessidades locais deveria, portanto, ser realizada localmente.” (Latouche 2011, 56). A regionalização e valorização da produção artesanal significa: “menos transportes, cadeias de produção transparentes, apelo à produção e ao consumo sustentáveis, dependência reduzida do fluxo de capitais e das multinacionais e maior segurança em todos os sentidos do termo.” (Latouche 2011, 56).

Reduzir também está estreitamente relacionado ao resgate dos fazeres artesanais e dos aspectos sutis que dizem respeito à qualidade de vida que isso inclui. Reduzir o consumo, o desperdício e o impacto que a sociedade causa no ambiente, mas, sobretudo reduzir o ritmo acelerado imposto pela sociedade moderna.

Não seremos capazes de edificar uma sociedade serena de decrescimento se não recuperamos as dimensões recalcadas da vida: o tempo de cumprir o dever de cidadão, o prazer das atividades de fabricação livre, artística ou artesanal, a sensação de voltar a dispor de tempo para o jogo, a contemplação, a meditação, a conversa ou até mesmo apenas o prazer de estar vivo (Latouche 2011, 70).

Reutilizar/reciclar é outra proposta do círculo virtuoso defendido por Latouche (2011), aquela que talvez esteja mais em voga e que, segundo o autor, “ninguém de bom senso contesta a necessidade de reduzir o desperdício desenfreado, de combater a obsolescência programada dos equipamentos e de reciclar os resíduos não reutilizáveis diretamente” (60). O fazer artesanal em muitos casos se apropria desses conceitos através de técnicas de *upcycling*, ao acrescentar valor a resíduos que comumente seriam descartados, e criando novos artigos.

O avanço das tecnologias e a hiperconectividade proporcionada pela internet afastou a sociedade de aspectos essenciais para a condição humana, como o toque e os demais fatores sensoriais relacionados. Vivemos numa sociedade conectada 24 horas, que experiencia o mundo através de ecrãs de computadores, celulares e tablets e estabelece relações cada vez mais virtuais. A nossa noção de tempo foi comprimida e tudo se tornou instantâneo e urgente. Perdemos a capacidade de perceber que tudo que está à nossa volta encontra na natureza sua principal fonte de recursos, o que inclui o respeito ao seu tempo de florescimento e maturação (Medeiros 2008). Há muito Edgar Morin falava, com pleno acerto, no paradigma perdido. Esse paradigma é integral e integrador. É o paradigma em que a pessoa e o universo físico estão em sintonia. Perdeu-se esse sentido de integralidade congénita com a Natureza. A racionalidade instrumental e técnica imperou e impôs-se. Temos, pois, necessidade de uma racionalidade afetiva e amorosa, uma racionalidade de acolhimento e discernimento.

Alega-se ser necessária, portanto, uma ressignificação do tempo, como escreve François Buene citado por Latouche (2011, 118-119): “fundamentalmente, é com uma reconquista do tempo pessoal que nos confrontamos. Um tempo qualitativo. Um tempo que cultive a lentidão e a contemplação, ao ficar liberto do pensamento do produto.” O fazer artesanal, entre outros pontos, traz essa reconexão de quem produz (sem excluir quem o consome), novos valores e formas de estar no mundo e atuar na sociedade.

A partir da conexão de todos esses ideários com o fazer e estilo de vida artesanal, fica evidente que a atividade artesanal desempenha um importante papel no ideário da transição para sociedades mais sustentáveis, pois é projetada para trabalhar respeitando os limites da natureza (Heying 2010). O artesanal poderá contribuir com o novo paradigma econômico, ao nível local, se contribuir para o florescimento humano, apoiar a comunidade e proporcionar meios de subsistência decentes (Jackson 2009).

1.1.3. Os impactos da sociedade industrial e de consumo e a resistência do artesanal

Carecemos de um sistema de ideias inteiramente novo, um sistema baseado no respeito pelas pessoas e não essencialmente no respeito pelos bens (os bens cuidarão de si próprios!)”

(Schumacher 1980, 66).

A sociedade moderna e globalizada baseia-se na produtividade e no consumo, como única via para o desenvolvimento. O modelo económico atual é insustentável e degradante para a humanidade. O estilo de vida das sociedades ocidentais modernas também tem sido guiado por valores materialistas, fundamentados em teorias que acreditam na abundância universal: “enriquecei-vos” como caminho para o desenvolvimento, prosperidade e paz (Schumacher, 1980).

Esse modelo, que teve início a partir do avanço da produção e do modo de vida industriais, promove também uma profunda transformação dos laços sociais e das características culturais da vida pessoal, devido à exploração da mão de obra, ao estímulo à competitividade, à busca desenfreada pelo lucro, à pressão por produtividade, à cultura da escassez do tempo, e à falta de sentido na vida (Latouche 1998). Os bens passaram a ser produzidos em série e em massa, e a sociedade a ser baseada no consumo, “criada pela multiplicação de objetos, serviços e bens materiais” (Baudrillard 1975, 1). O trabalho passou a ser mecanizado e especializado, e por ser considerado ferramenta indispensável para o desenvolvimento económico, tornou-se esmagador para a condição humana, para o estímulo à criatividade e à conexão da pessoa humana com a sua própria natureza.

Apesar da predominância de um processo produtivo em grande escala, a produção artesanal, mesmo que de forma marginalizada no sistema económico, sobreviveu à industrialização, seja por uma necessidade de subsistência de determinados grupos sociais, ou por muitas vezes atuar como forma de resistência cultural (García Canclini 2000).

A resistência do artesanal pode estar também relacionada com uma necessidade de diferenciação. Baudrillard (1970) afirma que “a concentração monopolista industrial, ao abolir as diferenças reais entre os homens, ao tornar homogêneas as pessoas e produtos, é que inaugura simultaneamente o reino da diferenciação” (135). Segundo García Canclini (2000), há uma certa contradição no próprio sistema industrial que sobrevive maioritariamente da produção em massa, porém, exige uma constante renovação de

“bens” para que sejam mantidos os elevados níveis de consumo que o sustentam. De acordo com o autor, “a demanda econômica não pode tolerar a estagnação da produção em um nível de reprodução monótona de objetos padronizados.” (40). Desta forma, os produtos artesanais “podem contribuir para a revitalização do consumo, uma vez que introduzem um certo grau de variedade e imperiosidade que oferecem a oportunidade de serem diferentes dos demais” (García Canclini 2000, 40). Entretanto, a necessidade de diferenciação pode também assumir a forma de recusa dos objetos e da recusa do consumo de produtos industrializados (Baudrillard 1970, 138). Nesse sentido, a opção por consumir produtos artesanais estaria relacionada a uma crítica ao modelo de produção industrial e seus impactos na sociedade.

Como defende o autor, o consumo passa a ser então um gigantesco campo político (Baudrillard 1970, 128), uma forma de agir perante os ideais e valores individuais ou coletivos contribuindo para a integração de um grupo (121). Os bens e seus valores simbólicos passam a ser uma extensão do eu, e permitem que as pessoas manifestem seus sonhos e aspirações de uma vida ideal à qual almejam (Jackson, 2013). O consumo passa a ser “as formas através das quais nós vemos o mundo e nossa posição dentro dele, medindo o progresso da nossa trajetória de vida.” (Portilho 2005, 77).

1.1.4. A nova economia artesanal

Juntamente com os novos ideários da transição, surge também uma “nova economia artesanal” (Heying 2010), na qual a relação com o trabalho também tem sido revista e a prioridade passa a ser posta em valores pós-materialistas, como flexibilidade, autonomia, autenticidade e criatividade, em oposição à heteronomia do trabalho industrial. Segundo Maristela Barenco,

Nós [sociedade moderna] aprendemos a naturalizar processos inconcebíveis. Estratificamos o trabalho e seu valor a partir de critérios estabelecidos de fora dele. De um sistema econômico, estabelecido por quem não o faz e nem mesmo conhece a sua complexidade, o seu esforço, o seu peso, o seu desgaste, mas sobretudo por quem lucra e por quem tem os meios de produção (Barenco 2020).

Surge, portanto, uma nova forma de se relacionar com o trabalho, encabeçada sobretudo por um movimento emergente de mulheres que estão comprometidas com uma busca pela reinvenção da vida. Mulheres que a partir da arte e da criação, da estética e do cuidado, buscam romper com o antigo modelo castrador e esgotante de trabalho e se

entregam a uma jornada autónoma de realizar algo com suas próprias mãos. Rompem com o paradigma da produtividade e competitividade e buscam tecer trabalhos com alma, com presença, com coragem e com dignidade (Barenco 2020).

A autonomia profissional foi o aspeto que mais sofreu o impacto com o processo de industrialização. Os artesãos que outrora detinham os meios de produção, foram forçados pelas transformações sociais e económicas do período, a adentrarem no mercado industrial e assalariado. "Esse movimento implicou a desvalorização do saber fazer e dos traços primordiais do artesanato, outrora transmitidas por artífices que se empenhavam em comunicar os segredos da produção, de geração em geração" (Figueiredo, Melo, e Machado 2015, 115). A desvalorização do sistema produtivo artesanal culminou na evasão da "força de trabalho masculina e sua paulatina substituição pela força de trabalho feminina" (115).

As mulheres que estão presentes no mercado de trabalho, desde o início da Revolução Industrial (Figueiredo et al. 2015) ainda sofrem com piores condições de trabalho. São as que enfrentam maior situação de vulnerabilidade por serem mais afetadas pela situação de desemprego no país (Hirata 2014), mas não só. Enfrentam também as vulnerabilidades de carácter ideológico e de estereótipos de género (Souza 2018). São as principais vítimas de violência, seja em ambiente público ou doméstico, e são também as mais prejudicadas com a sobrecarga da dupla jornada entre o trabalho e os cuidados com a família (Castro 2001). As diferentes vulnerabilidades ainda são mais intensas quando além das questões de género analisa-se transversalmente as questões étnicas. É o que ocorre com as mulheres negras que frequentemente se encontram em situações ainda mais precárias, sendo, por exemplo, a principal força de trabalho doméstico no Brasil (Hirata 2014). Sobre as vulnerabilidades a partir de um olhar interseccional, Castro (2001) reflete:

O reconhecimento da maior vulnerabilidade social das mulheres é também o reconhecimento de que sistemas de subordinações se cruzam, como os de classe, de raça e de género, o que me leva a insistir que políticas de ações afirmativas se fazem necessárias mais no sentido de minimizar discriminações por conta de identidades político-culturais, como o ser mulher, ser negra, ser jovem ou ser mais velha — não ao azar grupos mais vulneráveis, ou que vêm se destacando entre os que se encontram em relações mais precárias de trabalho, no setor informal, no serviço doméstico, em formas de terceirização, trabalhos a tempo parcial e domiciliar. (90).

O trabalho da mulher e o trabalho artesanal estão historicamente permeados por estigmas sociais. Segundo (Figueiredo et al. 2015),

A relação entre mulher e produção artesanal refere-se, portanto, ao baixo grau de sofisticação tecnológica da atividade, à associação entre o artesanato e os trabalhos domésticos “naturalmente” atribuídos às mulheres e à ideologia de que a mulher seria portadora de maior habilidade para o desempenho de tarefas minuciosas. (115)

Nos dias atuais, a atividade artesanal configura-se muitas vezes como uma atraente oportunidade para as mulheres que buscam um trabalho que lhes permita conciliar as responsabilidades familiares com a vida profissional, muito embora o trabalho artesanal possa implicar na ausência de vínculo empregatício, uma vez que no Brasil 67% dos artesãos trabalham em regime de informalidade (SEBRAE 2013). São elas, as mulheres, que representam 77% do setor artesanal no país (SEBRAE 2013) e que fazem da atividade artesanal um empreendimento, privilegiam a criação de empregos para outras mulheres, o que contribui para o combate à discriminação, para o empoderamento e a emancipação feminina (Ramadani, Hisrich, e Gërguri-Rashiti 2015).

O empoderamento passa por apropriar-se da sua própria história de vida e tornar-se consciente da sua capacidade em produzir, criar e gerir (Stromquist citado por Barbosa e D'Ávila 2014). Passa também por uma experiência coletiva, as mulheres ao conviverem com outras mulheres, desenvolvem autoestima e autoconfiança (Stromquist citado por Souza 2018). O processo de empoderar-se está para além da necessidade de autonomia económica, assume também carácter revolucionário (Souza 2018). Com seu próprio corpo, através de suas mãos, as artesãs produzem objetos, criam trabalhos, e gerem muito além de negócios, gerem o tempo, suas emoções e suas relações sociais. O trabalho artesanal é em si um ato político, uma forma de estar no mundo, “‘pensar como um artífice’ é mais que um estado de espírito: representa uma aguda posição crítica na sociedade.” (Sennett 2012, 56).

O conceito de empreendedorismo que está constantemente associado a uma motivação mercadológica, ou mesmo a uma necessidade de subsistência material (Seraine 2009), pode assumir no contexto do trabalho artesanal como uma necessidade profunda de transformação social, a partir do ímpeto por superar ou remover as restrições que lhes são impostas, sejam de cunho cultural, intelectual, psicológico e também económico

(Rindova, Barry e Ketchen citado por Figueiredo et al. 2015). Nessa medida, o empreendedorismo feminino na atividade artesanal contribuirá para a melhora do bem-estar e para a sustentabilidade social (Ramadani et al. 2015), muito embora estas mudanças sociais, nem sempre impliquem na emancipação feminina ou na subversão em relação às questões de gênero (Figueiredo et al. 2015).

As novas artesãs e artesãos urbanos são jovens com elevados níveis de escolaridade, muitos “munidos de competências na área do design, da gestão, do marketing” (Esteves 2009, 41) e são também familiarizados com as novas tecnologias, das quais muitas vezes dependem a prosperidade dos seus negócios. São, portanto, “pequenos empresários gerindo micro-negócios a tempo inteiro” (Helena Santos citada por Esteves 2009, 41). A eles “exige-se cada vez mais um leque variado de competências: a concepção do produto, o domínio técnico da sua produção, a gestão da sua empresa e o relacionamento com o mercado” (Cearte citado por Esteves 2009, 35). Muito embora seja importante ressaltar que algumas outras protagonistas de iniciativas artesanais urbanas no Brasil, não se enquadram dentro deste perfil, pois são mulheres com mais baixas qualificações e marginalizadas no mercado de trabalho (Sapiezinskas 2012, Sobrinho, Ferreira, Helal, e Costa 2013, Figueiredo et al. 2015), para as quais o empreendedorismo é essencialmente do tipo “por necessidade”.

No contexto citado por Esteves (2009), apesar da alta qualificação profissional desse emergente grupo de artesãos, depender da atividade artesanal envolve muitos riscos, uma vez que na maioria das vezes, em se tratando de profissionais autônomos, não há segurança de contratos ou garantia de comercialização de suas produções. Além disso, as mulheres artistas e artesãs enfrentam a desvalorização de uma sociedade acostumada à industrialização, aos preços estabelecidos com base em exploração, em insustentabilidade e em modismos. Tal desvalorização é constantemente refletida no hábito desrespeitoso de negociar, de pechinchar, do não cumprimento do pagamento pelo objeto ou serviço encomendado, ou na forma de intervir e apressar os processos do fazer (Barenco 2020). Portanto, é uma atividade que em geral não garante salários fixos ou rendimento estável no final do mês, o que muitas vezes provoca insegurança da sustentabilidade financeira para quem está envolvido no setor.

Este risco económico é frequentemente moderado pela construção de relações de confiança, uma forma de “solidariedade social” presente em redes sociais informais (Kong citado por Felton, Collis, e Graham 2010). Uma atividade na qual a organização

do trabalho é horizontalizada e colaborativa (Heying 2010) é largamente dependente de *networking*, apoio mútuo e da construção de relações de confiança. “Artesãos apoiam outros artesãos, encorajam seu trabalho, compram ou trocam artigos entre si” (48, tradução minha). As redes de apoio nos setores criativos, onde as manualidades e o artesanal se encaixam, são importantes não apenas para a manutenção da segurança financeira dos produtores, no que diz respeito ao hábito de compra de produtos feitos por seus pares artesãos, mas também no favorecimento da troca de conhecimentos e experiências individuais, além de ser uma atividade propícia ao nascimento de novos projetos colaborativos (Felton, Collis, e Graham 2010).

Embora o *networking* não seja um fenômeno novo para o desenvolvimento dos negócios, a forma como se institucionalizaram e transformaram as relações sociais em capital social, é. O crescimento da mercantilização das relações pessoais é especialmente observado em ambientes urbanos nas sociedades pós-industriais (Wittel 2001), e é fator intrínseco para o crescimento da economia criativa e a sobrevivência das atividades artesanais. Nesse contexto, a prática de *networking* transformou-se em importante ferramenta de trabalho. A importância da construção de redes sempre foi relevante para o setor artesanal, que historicamente precisou de organizar-se de forma coletiva para enfrentar os desafios causados pela produção industrial e em massa. A prática do cooperativismo e do associativismo oferece uma alternativa de sobrevivência, principalmente para os artesãos e pequenos produtores do campo, que de forma isolada podem encontrar barreiras para um maior dinamismo do seu negócio (Pena e Laranjo 2000). Pode-se dizer que o movimento cooperativista carrega em sua essência um caráter de oposição ao sistema produtivista e à forma convencional de fazer negócios. Propõe uma reforma econômica, baseada na educação e consciencialização da sociedade e que “pretende-se criar uma Humanidade nova, outorgar uma nova civilização ao Mundo.” (Sérgio s.d., vii).

Atualmente, os novos artesãos urbanos continuam a organizar-se de forma conjunta, seja em forma de coletivos ou de grupos que se juntam para comercializar em feiras e mercados de rua. O conceito de coletivo como forma de organização nasceu no mundo da arte, para definir grupos de artistas que se organizavam de forma não hierárquica, flexível, e que buscavam realizar produções coletivas, a fim de questionarem os seus papéis enquanto artistas e posicionarem a arte fora dos ambientes tradicionalmente a ela reservados (Paim 2006). São, portanto, grupos que fomentam a

disrupção de conceitos e ideias pré-concebidas. Essa característica disruptiva acompanha a evolução do termo e faz-se presente também na construção de outros coletivos, que não se resumem a grupos de pessoas com ideias comuns, são “um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco” (Migliorin 2012, 2). A organização de coletivos é oposta ao conceito da sociedade de massa, alimentada pela produção e consumo também em massa. Os seus laços são de troca, de partilha e de amizade, portanto não são rígidos. São fluidos e orgânicos, indo muito além das relações colaborativas de trabalho (Hissa 2015).

Outra forma de organização conjunta que também não é novidade são as feiras livres. As feiras além de possuírem estratégica função comercial para o posicionamento e lançamento de produtos no mercado (Esteves 2009), possuem carácter social e cultural. São eventos pontuais ou regulares em espaços públicos ou privados, produzidos em alguns casos pelas Prefeituras Municipais de cada cidade, ou em sua maioria idealizados e organizados pela iniciativa particular e individual de pessoas e grupos que têm o interesse em fomentar a economia local e artesanal. Estes encontros e espaços facilitam a troca de experiências e aprendizados e criam uma teia de relações à volta do modo de produção e do estilo de vida manual e artesanal. Juntos nesses espaços e tempos, os artesãos e as pequenas empresas com enfoque na produção artesanal ganham força e visibilidade (Pena e Laranjo 2000).

As mídias sociais e plataformas digitais também são importantes meios de encontros que fomentam a construção dessas relações sociais. Segundo Rheingold (citado por Wittel 2001), as tecnologias da informação possibilitam a revitalização de comunidades, ou até mesmo novas formas de se organizarem enquanto comunidade. Uma comunidade é uma construção simbólica à volta das semelhanças de um determinado perfil de pessoas, ou mesmo da necessidade de diferenciação de um outro grupo de pessoas; “representa uma estrutura intrincada de relações e modos de pertença social” (Anthony Cohen citado por Esteves 2009, 22).

Atualmente, essas relações são cultivadas através de grupos de Whataspp, das páginas de Instagram e Facebook das feiras e eventos presenciais em que participam, onde as artesãs continuam a trocar e partilhar aprendizados. Além disso, essas redes são importantes canais de venda de seus trabalhos. Os produtos artesanais são regularmente oferecidos em mercados virtuais aliados às redes sociais, como o Mercado Livre e o Etsy.

Ainda assim, apesar das vantagens e facilidades trazidas pela tecnologia, o contato face a face promove formas de conhecimento insubstituíveis, principalmente para a indústria criativa (Felton, Collis, e Graham 2010).

Fisicamente ou em interações à distância, é imprescindível a criação de relações de confiança para a prosperidade da atividade artesanal (Portilho e Castaneda 2011). O sistema de confiança é neste caso construído e produzido através das relações sociais (Portilho, 1991). Nesse tipo de relação, o foco deixa de ser posto no produto em si, mas na relação criada (Wittel 2001).

1.2. Problemática

Segundo Inglehart (2011), as sociedades industrialmente mais avançadas ao terem suas necessidades básicas atendidas através da melhoria das condições econômicas tendem com o tempo a se preocuparem com aspectos culturais, de bem-estar, qualidade de vida, equidade, liberdade, criatividade e autoexpressão. Visto isto, objetiva-se com esse trabalho entender se e como o crescimento da atividade artesanal e manual urbana, por "novas artesãs urbanas" com as características traçadas por Esteves (2009), está relacionado à partilha de valores pós-materialistas.

Quais as motivações e os valores que estão por trás da escolha por desenvolver suas atividades manuais? Essa atividade é representada por alguma melhora na sua relação consigo mesmo e com os outros e contribui para um processo de autoconhecimento? São, portanto, pessoas mais conscientes de si mesmos, de sua responsabilidade em atuar no mundo e preocupadas com questões ambientais? Existe uma busca de condutas mais positivas e integradas com o ambiente e da adoção de um estilo de vida mais simples e *slow*?

Objetiva-se, assim, identificar o que representa para as artesãs o trabalho artesanal e de que forma se relacionam com ele. Quais as características desse fazer e em que medida refletem a busca por uma alternativa ao sistema produtivo e laboral vigente e predominante. As artesãs colocam no centro das decisões fatores como sustentabilidade, criatividade, autonomia, consumo consciente, acessibilidade, inclusão social e demais conceitos ligados ao bem-estar geral (Latouche 2011)? Até que ponto isto é prioridade na escolha, em detrimento de outras questões, como a do proveito econômico? A ressignificação do artesanato como empreendedorismo (Moraes, Seraine e Barbosa 2020) está presente nas representações das mulheres artesãs que estudaremos, e se está, ela

aparece em conexão ou tensão com valores pós-materialistas? Faz-se também objeto de análise deste trabalho identificar como as artesãs se organizam de forma coletiva e de que forma se relacionam com valores que regem uma economia colaborativa e local. Como a atividade artesanal contribui para a ressignificação dos mercados e feiras de rua, e quais as relações estabelecem com os seus consumidores?

1.3 Método

1.3.1. Operacionalização

As atitudes e os valores subjacentes ao artesanal foram analisados junto de uma amostra intencional de artesãs, segundo três dimensões: a primeira cultural, a qual diz respeito à relação da artesã com o fazer e com sua própria essência humana, com a suas visões relacionadas à ancestralidade e as suas expressões criativas, como se dá o seu estilo de vida, e as relações com a maternidade e questões sobre o empoderamento de gênero e étnico; a segunda diz respeito aos aspectos económicos, atendendo a como se posicionam em relações a questões como a industrialização e o modo de vida produtivista, como enxergam os seus trabalhos, os impactos sociais e ambientais das suas atividades e modo de vida e suas necessidades financeiras; e a terceira dimensão sobre a forma como se organizam enquanto coletivos, como comercializam seus produtos, como se dão as suas relações com os clientes, com os fornecedores e demais produtores. Em suma, as três dimensões, no seu conjunto, visam analisar como as possíveis mudanças culturais emergentes a partir do trabalho manual e artesanal estão refletidas nas decisões de estilo de vida e na representação das relações económicas entre produtores, compradores, mercado e ambiente.

Tabela 1. Quadro de operacionalização

DIMENSÕES		
Cultural	Económica	Organizacional
Descritores		
Individual / Autoconhecimento <i>Entender se e como o fazer artesanal está relacionado com o conhecimento de si? Existe alguma relação no fazer com o respeito às limitações humanas e suas potencialidades?</i>	Oposição ao Sistema Industrial <i>Entender se e como o fazer artesanal implica em questionar ou fazer oposição ao sistema económico e de produção industrial vigente.</i>	Colaborativismo / Relações / Coletivos <i>Identificar como se dá a relação das artesãs com os conceitos de colaboração e coletivos.</i> <i>Como se relacionam com clientes, fornecedores e demais stakeholders?</i>
Estilo de Vida	Novos Modelos Económicos	

<p><i>Perceber se e de que forma o fazer artesanal está relacionado a uma mudança de estilo de vida para um modo de vida com mais significado e mais baseado nos valores pós-materialistas.</i></p>	<p><i>Perceber como e se o fazer artesanal pode contribuir para a criação de novos modelos económicos. Quais as atitudes e iniciativas podem contribuir para a construção de novos modelos económicos que valorizem a economia local, contribuam para a diminuição do impacto e/ou regeneração do ambiente.</i></p>	<p><i>Quais as possíveis barreiras e facilidades para a criação e/ou envolvimento do trabalho artesanal em sistema de colaborativos e/ou coletivos.</i></p>
<p>Social / Valorização humana <i>Perceber como se dá a relação entre o fazer artesanalmente com o capital humano dentro de toda a cadeia produtiva da atividade. Identificar se existe uma valorização das relações humanas e como.</i></p>	<p>Consumo <i>Identificar quais os hábitos de consumo das artesãs e suas percepções acerca dos valores e motivações dos clientes ao optarem por produtos artesanais?</i></p>	
<p>Cultura / Patrimônio / Ancestralidade (criação e inovação) <i>Perceber qual a relação do crescimento do artesanal com a valorização da cultura e dos saberes ancestrais. Como o saber artesanal pode contribuir para a sustentabilidade cultural.</i></p>	<p>Trabalho <i>Identificar qual a relação do fazer artesanal como uma oposição às relações de trabalhos estabelecidas na sociedade moderna pós-industrial. Essa opção está relacionada com a busca por maior autonomia, liberdade e por explorar os aspectos mais humanos e criativos?</i></p>	
<p>Empoderamento Feminino e Étnico <i>Identificar se e como o fazer artesanal contribui para o empoderamento feminino e empoderamento étnico. Identificar qual o impacto da maternidade em suas atividades e como as artesãs se relacionam com isso.</i></p>	<p>Meio Ambiente / Conexão com a natureza <i>Identificar se existe e qual a relação do fazer artesanal com as preocupações ambientais? Quais as atitudes e iniciativas sustentáveis são utilizadas na atividade dos ofícios? Existe alguma relação do ofício com uma tendência a ter uma maior conexão com a natureza?</i></p>	

1.3.2. Opções metodológicas e técnicas

A fim de buscar compreender de forma aprofundada as questões colocadas na problematização e que tangem às motivações, às características e às relações identificadas por trás da recente valorização da atividade manual e artesanal urbana, fez-se necessário uma abordagem metodológica de natureza qualitativa. Para Silva (2001) na pesquisa

qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” (20)

Os instrumentos e técnicas aplicadas foram combinadas a fim de aprofundar essa dinâmica entre os atores entrevistados e a atividade artesanal. Para isso, foram aplicadas entrevistas semi-directivas individuais em profundidade, além da coleta de dados netnográficos, os quais trata-se de pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa a comunicação mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural e comunal.” (Kozinets 2014, 60).

As entrevistas decorreram entre os meses de março e junho de 2020, sendo que metade foi realizada presencialmente e a outra metade foi realizada via Skype e chamadas via Whatsapp. Recorreu-se às entrevistas online devido às limitações encontradas após as orientações por parte de órgãos mundiais de saúde, que indicaram a necessidade de distanciamento físico por conta da pandemia do covid-19.

1.3.3. Apresentação do caso e das participantes

O Mana a Mana teve início em 2017 como uma feira que visava dar visibilidade às mulheres artistas e artesãs de Fortaleza, no nordeste do Brasil. Até o presente momento, foram realizadas 10 edições do evento que, além da exposição para comercialização dos produtos das marcas lideradas por mulheres empreendedoras, proporcionou rodas de conversas, workshops, troca de saberes, e resultou na criação de um coletivo.

Como um coletivo de mulheres artesãs, o Mana a Mana tornou-se um “espaço” aberto, embora fisicamente não possua uma sede, mas que também não se restringe à formação de um grupo fechado, caracteriza-se antes como “um centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações” (Migliorin 2012, 2). Embora baseados em convergência de ideias e interesses em comum, um coletivo não implica unidade, pelo contrário, faz-se coletivo através também das pluralidades, “em constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos” (Migliorin 2012, 2). O Mana a Mana é constituído pelo ideal da valorização do trabalho feminino, que engloba as mulheres em seus diversos contextos culturais, econômicos e suas experiências individuais e que resulta em uma diversificação da atividade artesanal e manual desenvolvida por cada uma. Devido a sua própria natureza, o Mana a Mana atua no

empoderamento de gênero, e busca aprofundar temáticas como sustentabilidade ambiental e social.

Para as entrevistas, as artesãs foram pré-selecionadas de forma intencional, tendo como requisito terem participado em pelo menos uma edição da Mana a Mana, serem ativas e engajadas no grupo de Whatsapp do coletivo, que serviu como uma lista de auxílio para a escolha. Com o objetivo de diversificar a amostragem, houve a preocupação em variar o perfil das entrevistadas selecionando-as a partir de suas atividades artesanais. Desta forma, foi possível analisar as peculiaridades do fazer artesanal e manual desde peças de vestuário, acessórios, sapataria, bordado, artesanatos tradicionais como a cerâmica, a esculturas em papel machê, bonecos em pano, encadernamento, e saboaria e cosméticos artesanais.

As entrevistas ocorreram em tom de conversa informal e seguiram um guião com tópicos a ser abordados, baseados nos descritores pré-definidos. Não existiu uma imposição de ordem nas questões abordadas, a fim de deixar a entrevistada mais à vontade e espontânea ao discorrer sobre os diversos pontos. Ainda sobre o guião, o mesmo esteve sujeito a alterações durante os quatro meses que decorreram as entrevistas, tendo sido revisitado e adaptado a partir do perfil de cada entrevistada e das informações obtidas.

Com o consentimento das artesãs, as entrevistas foram gravadas em formato de áudio e posteriormente transcritas. Os dados das entrevistas e da recolha netnográfica foram submetidos a uma análise de conteúdo de forma descritiva e interpretativa, usando os descritores referidos na operacionalização como primeiras categorias organizadoras. As entrevistas são anônimas e as artesãs serão mencionadas neste trabalho apenas com a identificação da sua atividade.

Ao todo foram entrevistadas dez artesãs. Entre elas, duas fazem parte da organização dos eventos, que informam que devido a problemas pessoais entre as organizadoras, o projeto está suspenso desde dezembro de 2019, sem previsão de retorno. A manutenção da relação enquanto grupo e coletivo tem se dado através de plataformas virtuais, como o grupo de Whatsapp das artesãs.

Tabela 2. Perfil das artesãs entrevistadas

Entrevistada	Idade	Atividade	Ensino Superior	Filhos	Local de trabalho
Entrevistada 01	27 anos	Vestuário	Moda	Sim	Casa
Entrevistada 02	32 anos	Bonecos de pano e bordado	Artes visuais	Sim	Casa
Entrevistada 03	30 anos	Cerâmica	Moda	Sim	Casa
Entrevistada 04	25 anos	Encadernação	Moda	Não	Casa
Entrevistada 05	31 anos	Saboaria e cosmética	Química	Não	Casa
Entrevistada 06	37 anos	Escultura em papel	Letras	Não	Casa
Entrevistada 07	29 anos	Sapataria	Oceanografia	Não	Casa
Entrevistada 08	31 anos	Saboaria e cosmética	Publicidade e Propaganda	Sim	Casa
Entrevistada 09	33 anos	Acessórios de moda	Moda	Não	Casa
Entrevistada 10	28 anos	Bordado	Psicologia	Não	Casa

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, e também visando oferecer uma contextualização sobre o cenário no qual essas artesãs estão inseridas, é importante traçar o perfil sociodemográfico da amostra, que foi composta por mulheres em idade entre 25 e 37 anos, com educação de nível superior completo e moradoras de Fortaleza e cidades vizinhas. O elevado nível de escolaridade das participantes foi um efeito não previsto no processo de escolha das mesmas, trata-se de coincidência e deve-se em parte à própria característica da feira e das suas participantes. Todas têm também em comum o fato de desenvolverem suas atividades em ambiente doméstico. Algumas dispõem de uma estrutura separada, um ateliê em casa, ou mesmo um cômodo onde trabalham. Outras, no entanto, desempenham suas atividades nos mesmos ambientes de convívio social e comum de suas residências. Além disso, quatro delas ainda precisam conciliar a atividade artesanal com a maternidade e quatro também dividem o fazer artesanal com outra atividade profissional.

Nos capítulos que se seguem, serão apresentados os resultados da análise de conteúdo indutiva de mais de dez horas de entrevistas e da leitura de posts nas redes sociais das artesãs e do coletivo. Após transcrição e em resultado da leitura orientada por aquelas questões, as entrevistas foram recortadas em segmentos significativos e estes agrupados nas categorias e subcategorias que nortearam a escrita interpretativa. Para esta etapa, selecionei os excertos mais relevantes e que melhor respondem às questões iniciais

estabelecidas na problemática e sua operacionalização. Privilegiei na escrita as falas das entrevistadas em extratos de discurso direto organizados, em cada tópico, segundo uma linha narrativa que é simultaneamente interpretativa, emergente da análise de cada discurso e das contiguidades ou contrastes entre eles.

Capítulo 2. Cultura artesanal: Valores e motivações

2.1. Autoconhecimento, tempo e resiliência

O produto de um trabalho manual e artesanal carrega por si a essência de quem o produz. A busca por essa essência e reconexão consigo é uma das motivações de quem decide enveredar pelo caminho da manualidade. Para a artesã de escultura em papel, o processo do fazer manual e artesanal tornou-se uma ferramenta de autoconhecimento contínuo:

Eu me conectei mais comigo mesma, eu acho que foi um processo assim de me aceitar como pessoa, de aceitar a minha essência, n'ê? Que foi assim uma coisa muito, muito importante p'ra mim. Isso me trouxe muita segurança p'ra me colocar no mundo p'ra ser quem eu sou ... continua sendo um processo também porque a arte me permitiu entrar em contato também com muitas coisas que eu tinha que melhorar na minha personalidade, eu tive que lidar com inseguranças, e aí à medida que o meu trabalho foi desabrochando, eu também fui desabrochando e é um processo contínuo. (Entrevistada 06, escultura em papel)

Essa reconexão é possível porque a atividade manual em geral é um trabalho que se desempenha sozinho e que demanda concentração e entrega:

[...] você está concentrada ali no seu trabalho, você 'tá centrada. Então tem muito disso, do autoconhecimento, do silêncio. Do silêncio externo e interno. (Entrevistada 03, cerâmica).

Uma das artesãs de bordado escreveu em suas redes sociais:

[...] Além de um fazer manual, o bordado livre é o meu momento de interiorização, de silêncio, de pausa e de desatar os nós da vida. (Entrevistada 10, bordado, post Instagram 05/08/2020)

Essa necessidade de reconexão está também relacionada ao distanciamento que enfrentamos, nos dias de hoje, do processo de fazer coisas simples e básicas que consumimos. Nos tira autonomia e independência para lidarmos com as questões da vida. Para a artesã bordadeira, por trás do aumento da procura por atividades manuais está a intenção da pessoa de

[...] estar mais próxima dos processos e estarem mais próximos de coisas reais, de um fazer real (Entrevistada 10, bordado).

A necessidade de reconectar-se com a essência individual e também com os processos de feitura das coisas, reflete a busca de fazer parte e criar sentido para a vida:

[...] o fazer com as mãos é isso, e a necessidade de fazer sentido. (Entrevistada 07, sapataria)

O interesse pelos fazeres artesanais e manuais também se dá como uma alternativa terapêutica para aliviar a ansiedade e o stress causado pelo modo de vida agitado e cheio de pressões por produtividade, característico do estilo de vida moderno. Uma das artesãs descobriu o universo da manualidade quando estava em busca de uma atividade que lhe proporcionasse um tempo para si.

Quando eu busquei o bordado sem saber que tinha alguma coisa ali p'ra mim, n'ê?, eu fiz as aulas, e aí eu comecei a encontrar mesmo esse resultado que eu não posso dizer de uma cura assim, mas que tinha um processo que era terapêutico esse processo de fazer com as mãos, n'ê? E esse processo terapêutico me ajudou muito mesmo a ter alguma coisa que naquele momento, eu tinha toda aquela pressão de ser a melhor no que eu 'tava fazendo e dar conta de várias atividades, então tinha aquele momento da pausa. De agora eu vou fazer isso e não tem um resultado específico que eu quero atingir, sabe? [...] Naquele momento era muito sobre essa terapêutica do fazer com as mãos, sabe? (Entrevistada 10, bordado)

Essa terapêutica associada à manualidade está vinculada à concentração que é necessária, o silêncio e o tempo consigo mesma, uma vez que em sua maioria o trabalho do artesão é solitário.

[...] se eu 'tou passando por um momento, um estresse emocional, n'ê?, vou lá, vou produzir o meu trabalho. Aquele processo ali de produção eu começo a me focar, eu esqueço o resto das coisas, os problemas, é quase uma meditação porque você vai misturando, você vai sentindo os aromas, é um processo de cura e de reflexão. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Entretanto, para quem tem a atividade artesanal como principal fonte de renda, o cenário pode ser diferente. A necessidade de gerar renda através do fazer levou uma das entrevistadas a elevados níveis de preocupação, culminando em crises de ansiedade.

[...] desde o ano passado que eu tive umas crises de ansiedade por conta de: “E aí, isso aí que ’tou fazendo vai me levar p’ra onde? P’ra onde é que eu vou com isso? Se eu preciso é de dinheiro. Se o mundo vive é de dinheiro e eu não ’tou ganhando dinheiro com isso”. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Apesar disso, a mesma artesã reconhece que o seu trabalho lhe proporciona um ritmo de vida mais tranquilo, com mais liberdade e poder de escolha.

[...] realmente esse fazer, esse momento de ’tar aqui sentada e fazendo me dá esse *time* de refletir e de ’tar pensando, mas não me traz mais calma não [risos], me dá mais loucura, mas ao mesmo tempo me dá um ritmo de vida mais suave, porque eu faço o que eu quero. Querendo ou não, eu só faço o que eu quero, o que eu gosto, o que eu acho massa. Se eu não gostasse eu não faria. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

A busca por um estilo de vida mais tranquilo e com qualidade de vida é identificado como um dos fatores decisivos para as artesãs desenvolverem suas atividades artesanais enquanto profissão.

[O antigo trabalho] Era algo muito automático, eu não pensava muito, no meio que a gente vive socialmente. Porque é tanto trabalho, é tanta coisa que você não tem tempo de refletir sobre *n* coisas que ’tão acontecendo ao seu redor, n’ê?, é muito intenso. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

O ritmo exaustivo de trabalho leva a uma vida também exaustiva, onde as pessoas têm que dar conta de muitas obrigações e terminam por adoecer. Alinhar o ritmo da vida com os ritmos da natureza parece ser um objetivo de quem opta por mudar a vida e o trabalho, para viver do artesanal.

Quando eu passei a estar com a [nome de marca da atividade artesanal], automaticamente eu já estava muito mais conectada com a natureza e isso me trouxe muitos saberes. Porque a natureza ensina a gente, então o que eu mais

aprendi, as ervas p'ra que servem, diminuir o uso de medicamentos [alopáticos], coisa que eu já estava usando mais do que o normal. [...] A partir da mudança que eu tive de vida, de estilo de vida eu passei a ter essa simbiose com o meio ambiente... e é isso que eu busco sempre, 'tar nesse ritmo e eu busco isso p'ra minha família também. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Essa simbiose com o ambiente também passa por adotar um outro tempo, que respeita os processos e os seus ciclos naturais, que abraça as características *slow* da produção artesanal e passa a adotá-la como um valor. Em alguns casos, identifiquei que desacelerar o ritmo também indica uma necessidade de diminuir as urgências e de resgatar as relações com o consumo e com o estilo de vida passado.

Como é uma coisa manual, tem um outro tempo, n'ê? Tem um outro tempo... não é o tempo da fábrica. Eu gosto muito de falar sobre isso assim porque às vezes as pessoas têm uma urgência, n'ê? [...] E aí como eu tenho outro tempo de produção também é uma outra lógica, sabe? Quando a gente queria uma roupa, menina, vou fazer a minha roupa para o Natal, n'ê? Tinha todo um tempo antes disso, tinha que comprar o tecido, tinha que combinar com a costureira, tinha que ir lá tirar as medidas, depois fazer um teste... Eu acho que é esse tempo que eu fico buscando também, sabe? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

O trabalho artesanal ajuda as artesãs a desenvolverem a capacidade de resiliência e paciência frente às frustrações, sobretudo com o tempo dos processos e com o manuseio das matérias-primas. Entender que a matéria também dispõe o tempo do trabalho é um dos aprendizados que o fazer artesanal trouxe para uma das entrevistadas, que relata,

[...] com a argila você trabalha com a queima, n'ê? E aí gente tem que esperar secar, n'ê? Então é no tempo da argila, é no tempo dela secar, é dependendo do que você faça, do que você molde, é que vai depender a quantidade de horas que precisa secar, n'ê? [...] A gente não trabalha sozinha, é um trabalho em conjunto com a argila. (Entrevistada 03)

Respeitar o tempo de produção e adotar um tempo de vida *slow*, alinhado ao modelo de produção artesanal, exige das artesãs respeitarem também as suas limitações humanas, assumir as limitações e sustentá-las.

Porque a gente não é máquina. Não dá p'ra ficar tendo produção em massa, aí então já começa daí então, é *slow* mesmo, e abraçar isso entendeu? E é entender que é isso, que não tem como você produzir em massa. Eu sou uma pessoa. Então vai faltar produto? Vai faltar. E vai ter daqui a uma semana ou duas e eu não me cobro. Não me cobro de ter todos os produtos ao mesmo tempo porque é impossível eu conseguir ter todos os produtos. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Quando a atividade artesanal é dividida com a maternidade, a necessidade do respeito ao tempo ainda é mais valorizada. Algumas das mães artesãs relatam as mudanças em seus ritmos após terem filhos.

Eu entendi por exemplo que trabalhar como eu trabalhava antes não dá mais porque eu não sou mais como era antes n'ê? [...] (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado).

Se antes [da maternidade] eu já era *slow*, agora é o quê? Tem outra palavra? [risos]. *Super slow*. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética).

A questão da maternidade se mostrou ser bastante significativa neste estudo, de tal forma que irei abordar em maior detalhe numa secção mais à frente.

2.2. Expressão criativa e ancestralidade

Uma das características do fazer manual é que ele imprime no objeto produzido a expressão individual de quem o faz. A necessidade de expressão está presente na fala da maioria das artesãs, seja pela necessidade de expressar o seu lado criativo, ou por uma “urgência” em expressar os seus valores pessoais.

É uma coisa assim que eu não sei nem explicar é uma coisa meio que assim uma urgência mesmo, sabe assim? De expressão, de necessidade mesmo, de colocar para fora coisas e discussões. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordados)

As posições aqui colocadas referem-se a apresentar novas possibilidades de ver as coisas e se relacionar com o mundo, no fundo a tentativa de expressão genuína de valores pessoais que fazem resistência à normatividade que é posta pela sociedade.

Para mim eu me vejo muito nesse lugar da resistência mesmo assim, de trazer cada vez mais a coisa da manualidade... às vezes até subvertendo um pouco a técnica. Eu dou aula de bordado também, aí eu falo assim, “gente, o meu bordado ele é uma coisa assim intuitiva mesmo sabe, assim?” Então não é aquele bordado perfeito, que o avesso é perfeito, é muito mais ligado a uma tentativa de se expressar... uma coisa que eu faço. Mas, eu vejo muito isso assim, um lugar de resistência e de cavar mesmo um espaço, sabe, assim? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordados)

Essa necessidade mostra-se bastante importante, uma vez que é comum que artesãs tenham desistido de carreiras profissionais convencionais, para as quais tiveram sua educação superior, em busca de um caminho no qual possam colocar a sua expressão única no mundo.

Eu entendi que se eu não colocasse o que eu sou no mundo eu nunca ia me colocar no mundo, então todas as áreas da minha vida iam ser prejudicadas se eu não fizesse o que eu queria fazer. (Entrevistada 06, escultura em papel)

Trabalhar com o que acredita e encontrar no fazer artesanal as ferramentas para fazer a diferença no mundo é uma das motivações presentes para a artesã de vestuário, que é licenciada em design de moda, mas que não se enquadrava no mercado da moda industrial e tradicional.

Eu gosto da moda, da história, dessa parte de criação, mas eu não via mercado [de trabalho]... [o que me motiva] é isso de conseguir ser criativa de fazer o que eu acredito, é isso de achar de que alguma forma eu 'tou fazendo alguma diferença no meu meio que é da moda, que é uma moda autoral... que eu gosto muito disso, do simples... (Entrevista 01, vestuário)

Outro aspecto ainda mais valorizado é a oportunidade de expressarem as suas potencialidades criativas através da atividade que desempenham. A exemplo da artesã que é licenciada em design de moda, a maioria das mulheres entrevistadas possuem formação superior em áreas relacionadas à indústria criativa, portanto é compreensível que essas sejam razões prioritárias na escolha de trabalharem com as mãos e com algo que lhes permitam ter liberdade criativa.

[...] eu 'tava me sentindo estagnada em questão de criação, enquanto criadora artística, n'ê? E aí eu 'tava procurando... Eu queria encontrar outra forma de expressão de linguagem artística que pudesse me complementar com a dança... Eu não 'tava criando, eu 'tava meio parada mesmo. E aí tive um *insight* assim, um dia, na vida, e aí pensei, vou modelar cerâmica, vou estudar cerâmica... a gente tem essa liberdade, enquanto ceramista, de a gente poder criar as formas que a gente quer, trabalhar com as cores que a gente quer. (Entrevistada 03, cerâmica)

Entretanto, essa questão da criatividade encontra também um caminho que pode vir a pressionar e suprimir a espontaneidade e o fluxo de criação das artesãs. A valorização da criatividade, contraditoriamente, pode minar a proposta do artesanal de ser uma atividade mais leve e com mais respeito às características individuais de cada uma.

E também acho que veio muito de uns anos para cá essa coisa da criatividade, n'ê? da valorização dessa palavra assim, n'ê? Que você até um nível meio louco assim que você tem que ser uma pessoa criativa [risos e enfática]. Que se você não criar, tem alguma coisa muito errada com você. Que você tem que despertar esse potencial criativo. Calma, n'ê, gente? Mas essa palavra vem muito forte, eu tenho percebido e aí a criatividade ela pode se expressar de várias formas, n'ê?, a partir de um olhar, a partir de um fazer, a partir da resolução de um problema, enfim. Eu acho que tem a ver também com isso, com esse olhar p'r'o criar e p'ra essa coisa do fazer de criativo. (Entrevistada 10, bordado)

A ancestralidade está presente muitas vezes no próprio fazer e manusear da matéria prima. No caso da matéria milenar e telúrica da cerâmica, desperta memórias profundas e ocultas

[...] o fazer manual, eu acho que mais especificamente a argila, ela lhe convoca assim, ela lhe traz, n'ê? E aí mais especificamente falando desse fazer ancestral, desse fazer milenar, porque a argila ela é uma matéria viva e milenar, n'ê? Você 'tá mexendo com barro, você 'tá mexendo com terra... Então aí, eu já 'tou ativando várias memórias... nós temos várias memórias dentro da nossa mente, do nosso corpo, a gente carrega várias memórias, e aí como esse fazer manual e ancestral com a argila, no caso, essas memórias são ativadas, memórias que até então 'tavam ali quietinhas, adormecidas. (Entrevistada 3, cerâmica)

A relação entre o fazer manual e as sabedorias ancestrais posiciona o fazer artesanal como um importante instrumento de autoconhecimento e uma oportunidade de revisitar as histórias e os saberes das famílias individuais. Muitas das entrevistadas relatam que somente após começarem a desenvolver as habilidades manuais, descobriram familiares que dominavam as técnicas e desenvolviam a manualidade, seja como meio de ganhar a vida, ou apenas como *hobby*.

É curioso isso. Meu avô morreu quando eu era muito criança ainda. E depois que eu comecei a fazer sapato, depois de muito tempo que eu já 'tava fazendo sapato, alguém da família simplesmente lembrou que meu avô era mestre sapateiro. (Entrevistada 07, sapataria)

Esse sentimento de força ancestral está bastante presente no trabalho da maioria das mulheres entrevistadas. É sabido que a cultura brasileira é permeada por saberes e influências da cultura ameríndia, dos povos africanos e europeus. A artesã de saboaria relaciona o seu interesse pelo conhecimento das plantas e das ervas, e também pela *coisa das mãos*, à sua ancestralidade materna.

[...] a minha bisavó ela era índia da Amazônia... a minha mãe é lá de Manaus, então tem todo esse conhecimento bem próximo, apesar de todo mundo no Brasil ter sangue de índio, mas a minha bisavó era índia mesmo, lá da Amazônia, então eu tenho essa corrente bem viva. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Embora predomine nos relatos que o interesse em desenvolver a atividade artesanal surgiu depois de adultas, a inconsciente influência ancestral é percebida, até no gesto do corpo.

Minha 'vó é costureira, a mãe do meu pai... e o interessante é que eu não aprendi nada com minha avó... mas aí quando eu comecei a costurar de fato, os meus trejeitos são todos dela, o jeito de botar linha na máquina, na hora que lambe, tudo é igual a ela, eu 'tava absorvendo aquilo ali, n'é?, só de 'tar perto, mesmo não querendo prestar atenção. (Entrevistada 01, vestuário)

A memória de ambientes antigos da família está presente de forma consciente no trabalho da artesã de bonecos de pano, a quem

[...] o cheiro do tecido... evoca muito essa coisa do quarto de costura na casa da minha tia, na minha 'vó. É uma memória, é muito forte assim então, eu sempre

quis trazer esses elementos p'ra o meu trabalho. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

O artesanal também se faz presente desde a infância da artesã escultora em papel, que reconhece a influência do trabalho do pai:

O meu pai é artesão, ele faz várias coisas de couro, de chinelas, trabalha com móveis também, com madeira. E aí tem essa coisa na minha infância. (Entrevistada 06, escultora em papel)

Essas memórias resgatam saberes que se perderam devido à industrialização que transformou o modelo de produção da sociedade, mas também muito devido à falta de valorização da atividade, sobretudo aquelas atividades cotidianas e banais das mulheres em ambientes domésticos, rotuladas como “coisas de mulher” e por isso algo sem muito valor.

Depois que eu comecei a bordar, que eu descobri que na minha família existe essas pessoas. Porque era como se fosse uma coisa do passado e não tinha muito valor, sabe? Mas eu tinha a sensação de que p'ra essas pessoas da minha família era uma coisa tão banal que nem valia a pena ser mencionado, sabe? Era um fazer por fazer, era uma coisa bem banal. (Entrevistada 10, bordado)

A mesma artesã bordadeira, que atua também como facilitadora desse ofício, observa o resgate do fazer manual, entre suas alunas, como tentativa de reconexão ancestral.

[...] eu vejo muito nos depoimentos das alunas que participam das aulas e como é que aquilo ali chega para elas assim. Muitas vezes é bem comum esse relato de “ai eu bordava quando eu era pequena eu odiava porque minha mãe ficou brava porque queria que eu fizesse tudo perfeito e eu peguei abuso. Nunca mais bordei. E aí agora eu 'tou querendo reconectar com esse lado da minha família.” (Entrevistada 10, bordado)

Para além da reconexão com os saberes tradicionais, o fazer manual e artesanal ganha um novo significado na medida em que promove o despertar para transformação de valores na sociedade. Isso vai depender do significado que cada artesã dá para o seu trabalho, mas é importante observar que essa motivação está presente em alguns casos.

[...] acho que além de resgatar eu acho que é uma tentativa de transmutar também, sabe? É de subverter, de trazer à tona, mas quando ele sai... não surge igual, surge claro que trazendo a força das que vieram antes, n'ê? Eu tenho uma coisa muito presente no meu trabalho, essa coisa desses ofícios que são ditos femininos, sabe? E aí algum lugar eu questiono isso. Porque é que se diz que é feminino, n'ê? se foi uma imposição do patriarcado por exemplo... Nas feiras Mana a Mana, eu participo muito com os bonecos de pano, então tem toda uma tradição aí de mulheres que faziam bonecos p'r'os filhos, e que não tinha dinheiro para comprar então inventava... muita gente que vai na feira chega para falar isso comigo sabe? "Aí minha mãe fazia, ou minha avó fazia." Então sim, tem todo o trazer essa força, n'ê? e aí ela se soma a minha força, n'ê? É uma coisa que é contemporânea que é o que 'tá acontecendo agora, n'ê? Então são as discussões do agora... Tem uns bonecos que eles, "são sereia ou é sereio?"... Aí eu falo, "não sei" [risos]. "Tem pra menino?" "Tem pra menina?" Tem toda essa discussão que eu acho que é mais contemporânea mesmo assim de deixar isso até evidente, n'ê? Nas feiras eu falo muito, é p'ra criança... não interessa se é menino ou se é menina. O leão usa saia, não sei quem tem bigode. Então eu sinto muito essa necessidade de dar uma subvertida em algumas... assim nessas condições. Eu acho que isso faz com que o artesanato... ganha um outro fôlego também. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

[...] existe mesmo uma forma de subverter essa linguagem, n'ê do bordado tipo de pegar essa linguagem do bordado que tinha toda uma função assim em um determinado momento da história, uma função bem alienante mesmo assim para as mulheres, n'ê? Não era um trabalho valorizado por ser feito por mulheres, também não era um trabalho de grande valor, depois quando passou a ser reproduzido na máquina desvalorizou ainda mais. Então, eu vejo a partir da arte em que tem artistas que revisitam o bordado e conseguem transformar essa linguagem em uma linguagem de denúncia também, a questão de gênero, em uma linguagem política então eu consigo perceber isso assim. Não é muito o caminho que eu sigo no sentido da minha expressão pessoal assim, mas é o que eu consigo perceber mesmo, eu consigo observar isso. (Entrevistada 10, bordado)

Ainda sobre a ancestralidade, até para aquelas que não percebem diretamente a influência ancestral, como fator contribuinte para a decisão de atuarem como artesãs, reconhecem habilidades manuais de algum familiar próximo.

[...] Ninguém trabalhava com isso [saboaria e cosmética] na minha família. Que eu conheça ninguém. Meu pai é bom p'ra artesanato, marcenaria e ele é um ótimo cozinheiro. Ele defuma a própria linguiça, ele cria os próprios temperos...essas coisas e a minha mãe também é uma ótima cozinheira. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

O processo pessoal de resgate de si, e resgate de suas raízes proporcionados em grande parte pelo fazer manual, não impactam apenas no trabalho das artesãs, mas também em seu modo de pensar e vivenciar a vida. O estilo de vida artesanal amplifica o reconhecimento das capacidades dessas mulheres que se tornam cada vez mais empoderadas de si e do seu papel na sociedade.

Capítulo 3. Empoderamentos

3.1. Feminino

O empoderamento de gênero é uma forte característica que permeia o meio artesanal, seja pela possibilidade de trazer algum rendimento ou porque o fazer manual proporciona o reconhecimento das potencialidades femininas, muitas vezes desconhecidas ou esquecidas, o que se mostrou motivo de reflexão entre grande parte das entrevistadas,

[...] quando eu aprendi que eu tenho a capacidade de fazer aquilo, eu fico: “nossa! então se eu sei fazer isso aqui, eu sei fazer qualquer coisa”, qualquer coisa que eu me proponho a fazer eu vou conseguir fazer, entendeu? então isso já me deu uma autonomia de mim mesma, de eu ter confiança no meu trabalho entende? Isso p’ra mim é muito importante (Entrevista 04, encadernação)

A descoberta das habilidades e o sentimento de realização por alcançar seus objetivos é valorizada pela artesã, principalmente considerando os desafios que enfrenta apenas por ser mulher,

[...] porque querendo ou não, nós mulheres, a gente vive numa sociedade que oprime, que diz que a gente não é capaz de muita coisa, então quando a gente vê que a gente é capaz que a gente pode ser respeitada, que a gente pode fazer acontecer... não, mulher não tem como não [sorri emocionada]. (Entrevista 04, encadernação)

A postura ativa que visa não apenas valorizar o feminino, mas também combater os preconceitos em volta das questões de gênero e das imposições sociais sobre o ser mulher é uma preocupação de outra artesã, que incorpora essas reflexões em seu próprio trabalho,

[...] como o meu trabalho é muito sobre esses trabalhos femininos... a mulher e o corpo feminino, n’ é, nas minhas representações sempre é o corpo da mulher, é um autorretrato é até uma reflexão sobre o meu próprio corpo, sabe assim que é um corpo que é gordo, que é flácido, que é isso, n’ é? Como aceitar esse corpo e pensar sobre esse corpo? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

A aceitação do seu corpo, o empoderamento através da autoconfiança e a expansão do conhecimento sobre o feminismo, e também as transformações observadas, se faz presente nas reflexões e aprendizados de outra artesã, que afirma,

O grande aprendizado, foi da minha parte como mulher mesmo.... principalmente sobre o feminismo, sobre o empoderamento, sobre aceitar o tamanho dos meus seios, aceitar o meu corpo, então foi uma coisa tão grande que eu fiquei assim: “caralho!” Que eu me tornei assim livre, sabe em muitas coisas. Muitas coisas, eu não acreditava quase nada em mim. Passei a acreditar em muita coisa, n’ê?, e tal. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Trabalhar em algo em que gosta e acredita, favorece a melhora do bem-estar, autoestima e contribui com o sentimento de empoderamento,

Eu acho que depois que eu comecei a trabalhar com o que eu realmente queria eu passei a me enxergar de uma forma melhor, minha autoestima melhorou e eu acho que quando nossa autoestima melhora aí é que começa o empoderamento n’ê? (Entrevistada 06, escultura de papel)

O processo de empoderar-se, entretanto, não acontece apenas na relação direta com o trabalho. Em alguns casos ele é vivenciado de forma coletiva, através do Mana a Mana que tece uma rede de contato entre mulheres que enfrentam situações semelhantes, e que também estão desenvolvendo o seu trabalho de forma autônoma.

Durante o começo da Mana a Mana eu passei por um relacionamento abusivo, n’ê? Então eu estava muito mal. Então estar com mulheres... Eu não sabia direito nem o que era feminismo, não era ligada. Eu só era uma pessoa que trabalhava e estudava e ficava ali naquele meu mundo ali, então eu nem sabia que existia alguém que fazia sapato em Fortaleza, que fazia roupa, eu não sabia nada disso. Então foi um mundo que eu fui conhecendo (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Conhecer e valorizar o trabalho de outras mulheres é também uma forma de incentivar o empoderamento feminino, é uma atitude política que ganha destaque nos dias atuais e torna-se uma mais valia capaz de ajudar na prosperidade de alguns dos negócios artesanais estudados, como observa a artesã e designer de cadernos,

[..] o interessante é que o fato de ser de nós duas, de duas mulheres foi o que deu mais margem p'ra gente crescer um pouquinho mais, através da Mana a Mana, dando entrevistas para projetos que são para mulheres e tudo mais, então é meio que contraditório assim, porque o feminismo nos impulsionou muito mais do que ir de acordo com a corrente, n'ê? [...] eu acho que a galera valoriza muito mais por ser feito por duas mulheres do que por ser feito em Fortaleza. (Entrevistada 04, encadernação)

A questão do empoderamento de gênero pode ser percebida também através dos preconceitos que enfrenta por atuar em uma área considerada por ser de domínio masculino. Desta forma, a artesã de sapatos identifica que empodera-se na medida em que se coloca face a esses desafios,

Eu acho que o mundo dos sapatos em geral é bem machista e de certa forma eu acho que é uma coisa que eu fui percebendo enquanto fazia. Quando eu vou num canto comprar matérias prima p'ra fazer as coisas... lá no começo que eu realmente não sabia como fazer, as pessoas já olhavam assim “menina, o que é que essa menina 'tá fazendo?” Sabe? Porque é um canto muito masculino em que você pensa num sapateiro, você pensa logo num homem. Não pensa numa mulher. E aí quando eu chegava lá no canto, aconteceram diversas coisas de a pessoa colocar o preço mais caro porque sabia que eu não sabia o que era, ou de muito tempo depois a pessoa querer me ensinar: “Você sabe como é que usa isso?”. “Moço, eu sou sapateira!” [risos]. E eu acho que a coisa do feminino p'ra mim quando fala eu penso mais nesses entraves do que realmente nessa coisa, porque eu não tenho muito problemas em casa, sei lá, eu não tenho filhos, eu não tenho marido que me faz sofrer [risos]. Então eu acho que eu comparo um pouco o meu trabalho com o trabalho masculino, mas ao mesmo tempo eu entendo todas essas questões. E eu vejo no artesanal muitas mulheres fazendo muito mais do que homem. Deve ter uma ligação aí, n'ê? (Entrevistada 07, sapataria).

O empoderamento feminino também é percebido através da relação que a artesã estabelece com a maternidade, através da criação e exemplo que se propõe a dar à filha,

[...] eu mostro p'ra minha filha que a mãe dela trabalha, não só nas coisas da casa, e também o pai faz a mesma coisa, que o pai racha tudo comigo, claro como

é óbvio, mas não é tão óbvio p'ra muita gente [risos] ainda. Isso p'ra mim, aí eu sempre digo “filha, a mamãe está trabalhando!” E ela já me pergunta: “mamãe porque é que você trabalha?” Eu digo: “Porque eu gosto. [risos]. É uma atividade que eu gosto de fazer. Você também não gosta de fazer isso, isso e isso? A mamãe gosta de trabalhar”. Eu não digo: “Porque tem que comprar as coisas” entendeu? Eu não digo isso, eu já puxo p'ra esse lado que o trabalho você tem que gostar n'ê? Enfim, e aí essa relação do empoderamento é isso. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

A fim de empoderar e dar visibilidade para o trabalho das artesãs que são mães, o Mana a Mana em abril de 2018 produziu sua primeira edição especial “mães empreendedoras”. Embora a data coincidissem com dias que antecedem o dia das mães, o grupo partilhou em suas redes sociais que o objetivo não era contribuir para a data no sentido comercial e alusivo ao consumo, mas sim um ter um evento especial para gerar reflexões,

não, nós não queremos colaborar com mais uma data no calendário comercial, não é sobre isso. nossa EDIÇÃO ESPECIAL MÃES quer, de fato, dar voz a essas mulheres/mães/empreendedoras. queremos abrir espaços de diálogo com empatia. (post Instagram Mana a Mana, 12/04/2018)

Figura 1. Cartaz de divulgação da Edição Mães Empreendedoras da Feira Mana a Mana



Fonte: Post Instagram Mana a Mana, 25/04/2018

3.2. Feminino negro

O empoderamento feminino, para algumas das entrevistadas, está diretamente relacionado com o seu despertar da consciência e empoderamento enquanto mulher negra. O empreendedorismo e a atividade artesanal desenvolvida por essas mulheres, indiretamente contribuíram para dar luz a essas reflexões.

Uma das artesãs após ter sido questionada pela organização de uma das feiras na qual participava sobre como é empreender sendo mulher negra no Brasil, reflete,

[No início] Aí eu fiquei naquela n'ê? Mesma coisa...aí fui conversando com outras pessoas, porque nunca tinha pensado, nunca tinha refletido sobre isso, aí eu fui pensando, pensando e pensando... aí comecei a pensar “Não tem nenhuma mulher negra na feira, só eu! Não tem nenhuma mulher preta na feira só eu!”. E aí eu fiquei pensando naquilo, ainda fiquei pensando “cara, eu ainda sou periférica.” E aí eu vi, Meu Deus do Céu! Esse tempo todinho eu aqui achando que era a pessoa que [pausa]... que era a designer artesã não sei o quê. Aí agora além de tudo eu ainda sou uma mulher negra, periférica, crespa no meio de um monte de gente branca numa feira que só acontece na Aldeota¹ [fala mais baixo]. (Entrevistada 09, acessório de moda)

Após a tomada de consciência, a artesã despertou para o seu papel e importância em lutar pela visibilidade e espaço das mulheres negras. Ela entende a sua responsabilidade em inspirar e ajudar outras mulheres nessa trajetória de empoderamento.

[...] enquanto mulher negra eu não vejo [pausa] tanta...tanta barreira, mas eu vejo espaços em que eu consigo estar e representar, meio que p'ra sei lá, “’tá faltando uma mulher negra aqui.” Eu, opa! “me chama que eu vou”. ’Tou lá representando. Porque a gente pensa que não, que ’tá cheio de negros, mas não ’tá. Pode até ’tá, mas as pessoas não estão lá se colocando dessa forma. Elas estão lá só por estar, digamos assim. Então, se fazer presente, se colocar, se posicionar com relação a isso também de se mostrar. Eu me mostro porquê? Porque eu sei que eu como mulher negra, me mostrando, mostrando o meu trabalho, mostrando onde é que eu ’tou, porque é que eu faço isso, vai inspirar, vai trazer outras mulheres p'ra

¹ Bairro localizado numa área nobre de Fortaleza.

perto e vai mostrar que sim, é possível eu viver de uma coisa mais interessante pra mim, ou que pode trazer inspiração, que pode... [pausa] como é que eu posso dizer? que eu posso ir além, que eu não sou uma máquina de fazer tal coisa, que eu sou múltipla, que eu posso 'tar onde eu quiser e essa coisas. (Entrevistada 09, acessório de moda)

O despertar para o empoderamento étnico-racial também é uma realidade na trajetória da artesã de cerâmica, que afirma que durante muito tempo, de forma inconsciente, tinha-se se deixado influenciar por crenças limitantes que lhe impediram de ir mais longe com o seu trabalho,

Então durante muito tempo eu ficava com esse negócio n'ê? “Poxa, mãe solteira, negra e tal”, caramba é muito complicado, n'ê? [...] eu sempre dei muitas pausas... dar pausas mesmo, de trabalho assim, de estar exausta, de me deixar levar por esses inconscientes coletivos e por essas crenças limitantes, n'ê? Eu acho que na verdade isso é o que mais contribuiu, n'ê?, que eu não tenha avançado mais ainda. (Entrevistada 03, cerâmica)

Entretanto, a mesma artesã reflete e, a partir de um lugar mais consciente, enxerga a importância de com o seu trabalho atuar pela luta da valorização do feminino e por influenciar outras mulheres,

Cara, é mais difícil, mas isso não me impossibilita de fazer o que eu quero e de fazer o que eu tenho que fazer, mas isso já me atrapalhou muito, hoje em dia não, tenho me trabalhado mais para ir contra essa corrente assim, sabe? [...] Então eu acho que é massa 'tá nesse lugar assim, para mostrar para mim e para outras mulheres como eu, que a gente pode, entendeu? Obviamente que é mais difícil para umas do que para outras, claro, mas que a gente pode sim estar onde a gente quer estar, onde a gente deve estar, entendeu? Mas a gente precisa trabalhar muito p'ra gente conseguir estar em alguns lugares, e abrir mão também n'ê, de algumas coisas, mas que a gente pode entendeu? Que a gente pode e que a gente é isso n'ê, que a gente é poder. (Entrevistada 03, cerâmica)

A ceramista sugere que deve-se evitar ficar apegada ao passado e que para combater o racismo é importante para as mulheres terem consciência de si, e valorizem o seu próprio trabalho, em um processo de empoderamento coletivo,

existe esse lance do apagamento, da negação também, n'ê, do racismo e tal, mas eu acho que a gente também passa muito tempo nesse lugar do que passou, do passado, sabe? E a gente traz p'ra gente uma coisa que não é nossa, entendeu? Não é nosso, esse sofrimento, a gente não precisa ficar nesse sofrimento a gente tem que combater, entendeu? A gente tem que combater com unhas e dentes o racismo, mas a gente tem que combater com as nossas virtudes, entendeu? Com o que a gente tem melhor, entendeu? Num é falando aí para o mundo, que a gente sofreu e sofre tal coisa e eu ia ficar sofrendo por aquilo ali, eu não preciso disso, a gente não precisa disso, entendeu? Pelo contrário, eu acho que a gente tem que falar que sim, que isso acontece. Mas que eu sou muito mais do que isso, entendeu? Eu sou muito mais do que essa galera diz, do que as pessoas dizem que eu sou, entendeu? Não sou nada disso, pelo contrário, eu sou massa, entendeu, eu sou linda, eu sei trabalhar, eu tenho potencial, entendeu? Eu faço um trabalho incrível. Faço um trabalho massa que as pessoas gostam, que as pessoas consomem, entendeu? E que elas não deixam de consumir porque eu sou isso, ou porque eu sou aquilo, entendeu? Porque eu sou branca ou porque eu sou preta, não, elas consomem porque acham massa, entendeu? Eu acho que é isso que a gente tem que levar para as pessoas, assim sabe? Que a gente é virtuosa que a gente pode fazer o que a gente quiser fazer, entendeu? O que a gente quiser. E que as pessoas valorizam e tem de valorizar aquilo, é o seu trabalho, entendeu? (Entrevistada 03, cerâmica)

A temática do empoderamento de mulheres negras mostrou ser uma das bandeiras da feira Mana a Mana. Embora as negras não sejam a maioria no coletivo, em novembro de 2019 as organizadoras que em sua maioria, sim são negras, resolveram dar visibilidade a essa questão e realizaram a primeira edição apenas com expositoras e profissionais pretas. Pela publicação feita no Instagram da feira, fica evidente a dificuldade em encontrar artesãs e artistas negras, ou que se enxerguem como tal.

FEIRA MANA A MANA EDIÇÃO ESPECIAL NEGRAS EMPREENDEDORAS estamos entrando no terceiro ano de M.A.M. e só agora conseguimos fazer uma edição só com pretas. aqui na organização somos maioria, mas no coletivo, entre as expositoras, não. ou não conseguimos ainda nos enxergar como MULHERES NEGRAS? foi e é tão difícil achar vocês, manas. mas

achamos e juntas vamos enegrecer a PRIMEIRA EDIÇÃO ESPECIAL NEGRAS EMPREENDEDORAS, só com Mana preta, DJ preta, fotógrafa preta, oficina de TURBANTES [...] vem fortalecer o [#afroempreendedorismofeminino](#), comprar das preta, comprar das mana, adiantar os presentes de Natal com produtos feitos por gente de verdade. e preta. e mulher. combinação perfeita. [#manaamana](#) [#coletivomanaamana](#) [#feiramanaamana](#) [#empreendedorismofeminino](#) (post Instagram Mana a Mana, 06/11/2019)

Figura 2. Cartaz de divulgação da Edição Mulher Preta da feira Mana a Mana



Fonte: post Instagram Mana a Mana, 06/11/2019

No seguimento da comunicação do evento, percebe-se a importância do papel do coletivo em trazer o assunto como pauta para reflexões e questionamentos, para o público em geral, mas também entre as próprias expositoras.

A Mana a Mana, Feira de Artistas Mulheres de Fortaleza, vem pra sua [#10edição](#) com uma curadoria de MULHERES NEGRAS, EMPREENDEDORAS e [#ARTESÃS](#) CONTEMPORÂNEAS. a ideia é incentivar cada vez mais o fazer manual e inspirar outras Manas a continuarem ou começarem seus negócios. sabemos das dificuldades de empreender hoje no Brasil, principalmente sendo [#mulhernegra](#), e são esses os diálogos que queremos ter com vocês na feira vai ter roda de conversa com o tema "Colorismo, oi?", para falarmos de toda a gama de peles negras que existem e como isso influencia na

identificação [...] seremos 11 marcas de trabalhos autorais, feitos por mulheres negras que trabalham com as mãos. (post Instagram Mana a Mana, 08/11/2019)

Nas redes sociais da feira, uma das entrevistadas partilhou a importância da edição especial como validador social, que confirma e valida a forma como enxerga a si mesma.

Participar dessa feira é um orgulho p'ra mim! Engraçado que há pouco tempo tive uma discussão com uma amiga porque eu disse: “Eu sou Nêga!”, e ela retrucou dizendo q' não. Aí virou aquele debate com todo mundo que 'tava ao redor... Qdo recebi o convite p'ra participar do Mana a Mana com esse tema, a primeira coisa que fiz foi encaminhar o convite pro whatsapp dela, com a legenda “e aí? Sou preta ou não sou?” 'Tô muito feliz de poder participar, pq é assim que me reconheço! Na minha mistura tem mais é preto sim! E ainda poder me juntar com essas mulheres incríveis... é muito inspirador. (Entrevistada 06, escultura em papel, post Instagram Mana a Mana 15/11/2019)

Na entrevista, a mesma artesã refere a importância de a luta pelo empoderamento feminino caminhar juntamente com o empoderamento da mulher negra.

[...] o fato do Mana a Mana, foi uma questão de muito empoderamento que quando eu participei não foi só uma coisa de coletivo de mulheres que 'tavam fazendo...elas 'tavam fazendo um coletivo de mulher e mulheres pretas. Aí foi até uma polêmica que é um outro assunto, porque eu tinha a pele muito clara, n'ê? [risos]. Mas eu participei. Mas é uma coisa do empoderamento feminino, eu acredito, e do empoderamento feminino também junto com a luta negra e as mulheres quando se juntam... no Mana a mana eu percebi isso muito, muito forte. As mulheres quando se juntam elas percebem o poder que têm, n'ê?. É uma força muito grande, é uma força de colaboração, n'ê?, de entender o outro, de entender o que a outra 'tá fazendo, então é muito, muito legal. (Entrevistada 06, escultura em papel)

Para outra entrevistada, que é uma das organizadoras, a edição especial foi necessária para dar visibilidade a essa parcela das mulheres que são pouco representadas na sociedade,

[...] essa edição é mesmo um sonho que está sendo realizado e mais que isso, um desafio de juntar mais de 16 marcas de MULHERES NEGRAS em um estado onde se diz que negros não existem, ou que são poucos, ou pior que não tem representatividade. Então, fazer essa edição é mostrar que nós existimos sim, que estamos vivas e estamos aqui fazendo nossos corres e que no futuro, além de estarmos aqui, estaremos juntas e cada vez mais fortes. (Entrevistada 09, post Instagram Mana a Mana 15/11/2019)

O engajamento das artesãs com o movimento feminista e também antirracista, indicia que são mulheres conscientes que buscam por romper pré-conceitos e barreiras sociais, e contrapor as normatividades impostas pelo sistema não só cultural, mas também económico e industrial.

Capítulo 4. O artesanal como contracorrente

“Sugerimos que algo diferente e mais essencial está mudando na vida econômica, algo que chamamos de abordagem artesanal de fazer e usar.”

(Heying 2010, 56, tradução minha)

4.1. Alternativa ao modelo industrial e a busca por autonomia

É sabido que as características da produção artesanal, o seu tempo de produção mais alargado e também a dimensão da sua capacidade produtiva por si só atuam de forma diferente do sistema industrial, que é baseado na grande escala e vive do consumo em massa. Entretanto, um dos objetivos deste trabalho foi buscar identificar como e se a opção por desenvolver a atividade artesanal representava, para as artesãs deste estudo, uma alternativa à industrialização e ao seu impacto na sociedade e ambiente; como as artesãs relacionam as questões sociais e ambientais com as suas necessidades económicas.

Buscar no artesanal uma oposição ao modo de produção e estilo de vida industrial, é em alguns casos uma decisão consciente e decisiva para a viragem de chave nas trajetórias académicas e profissionais das artesãs.

[...] eu lembro também que quando eu entrei no curso de moda, eu meio que quebrei todos os meus encantos assim, n'ê?, que eu tinha pela moda, toda aquela visão assim que eu tinha de Alice no País das Maravilhas foram quebradas pelo fato da indústria ser super poluente, pelo fato de grandes índices de trabalho escravo, de trabalhos exploratório. Sem contar no mundo luxuoso, n'ê, da moda, dos desfiles e tal, do *glamour*... que aquilo ali é uma grande mentira, é uma grande mentira, são máscaras, n'ê? E que você vai ver por trás, é o oposto assim, não tem *glamour*, as pessoas são super desvalorizadas, de tratam as outras, é muito desrespeito, entendeu? É muita exploração, enfim... é uma indústria realmente perversa, muito perversa em vários sentidos. Então foi algo que aos poucos eu fui assim me desencantando, sabe? (Entrevistada 03, cerâmica)

Negar o modelo industrial também está relacionada a intenção que as artesãs têm de não se deixarem influenciar pela lógica produtivista do capital, que enxerga na produtividade a fonte de geração e acúmulo de riqueza. Refletir sobre a produção implica lançar também

um novo olhar sobre o consumo. Advogar pelo não consumo é se opor a lógica do consumismo exacerbado. Da necessidade de ter, de possuir coisas, ou no caso das artesãs enquanto produtoras, da necessidade de produzir e vender sempre mais.

[...] a grande questão p'ra mim da [nome da marca] é tentar não ser indústria assim, é tentar produzir só o que eu preciso p'ra viver e entender que eu não preciso dar conta de todo o consumo, e eu acho que eu meio até que prego o não consumo, n' é assim? Eu me sinto bem por fazer um trabalho superficial, porque eu acho que se eu fizesse um trabalho realmente necessário, capitalista, eu ia sofrer muito, sabe, tipo 'tivesse num supermercado, meu deus! Eu preciso, como artesã saber que eu não preciso produzir uma quantidade de sapatos absurda pr'a ficar muito rica assim, não é isso que eu quero. Então eu acho que a [nome da marca] vive muito em torno disso assim. (Entrevistada 07, sapataria)

[...] a gente trabalha meio que com peças fixas, a gente não fica lançando novidades [...] tu não vai comprar quatro calças no ano, até p'ro nosso cliente ter esse respiro, entendeu?, de entender que ele não precisa ficar de dois em dois meses comprando uma calça. [...] dá p'ra gente educar de alguma forma ou sinalizar p'ro cliente que ele não precisa comprar de dois em dois meses e que 'tá tudo bem, a gente quer fazer uma roupa que dure ao menos um ano e depois que ela ficar bem para virar pijama. (Entrevistada 01, vestuário)

Quando a gente cria consciência do quanto é diferente [a produção artesanal] e do quanto o mercado ele explora... não tem como você aceitar isso, não tem assim... [expressão de indignação] você fica: “não, não quero isso, não quero isso p'ra minha vida, não quero isso p'ro meu futuro e eu quero realmente mudar e fazer parte dessa mudança. (Entrevistada 04, encadernação)

A artesã sapateira, que dias após nossa conversa publicou nas redes sociais um vídeo no qual entrevista duas outras artesãs do coletivo Mana a Mana, reflete sobre a importância do modo de vida artesanal para fazer frente ao que está normatizado no mundo e ajudar no combate às crises mundiais. O modo de produção artesanal já é uma forma de desencorajar a dinâmica devastadora do sistema predominante vigente. Além disso, refere-se mais uma vez à tentativa de produzir o necessário para satisfazer suas necessidades financeiras, e não para enriquecer.

[...] a produção artesanal possui um valor transformador fundamental e não é exatamente fácil, precisa ser algo que envolve paixão. E tem uma ideologia interessante por trás que é exatamente de não compactuar com o que já 'tá posto no mundo, que é uma forma de enfrentar as crises mundiais de produção nos aspectos social e ambiental. É preciso que a gente não acredite na produção exacerbada como modelo de vida. Então aqui eu tento produzir o mínimo que eu preciso p'ra viver. Assim, nem sempre dá certo [risos] mas eu faço de 12 a 14 sapatos por mês no máximo. (Entrevistada 07, sapataria, post Instagram 29/06/2020)

A postura anti modelo industrial também é motivada por uma busca por autenticidade e por diferenciação da produção. No caso da moda autoral, o artesanal possibilita o desenvolvimento de um conceito que vai na contracorrente da produção e das tendências ditadas pelas grandes indústrias do eixo Rio-São Paulo. É uma forma de valorizar as particularidades culturais e se posicionar contra um sistema que se baseia na padronização dos estilos e gostos.

[Qual a motivação de trabalhar de forma artesanal?] Por eu não acreditar nas indústrias, eu nunca quis trabalhar em indústria porque eu não acredito no sistema... eu não vejo identidade nas marcas daqui, eu não vejo esse espaço de criação, todas minhas amigas que trabalham como estilista em alguma fábrica é sempre nessa demanda de copiar, de seguir tendência, e eu não acredito que isso seja moda, eu não acredito que isso acrescenta em alguma coisa no mercado de moda. [...] a gente fica naquela de mais uma vez não está sendo influenciado pelo Sudeste [...] [Na indústria de moda cearense] eu não via nossa identidade e eu não identificava. (Entrevistada 01, vestuário)

A negação do sistema industrial está também na aspiração por autonomia e na intenção de ser capaz de diminuir a dependência da indústria para atender às suas necessidades básicas. Para algumas das artesãs, o artesanal é uma expressão genuína dos valores e do modo de vida que buscam seguir.

[...] eu queria ficar mais perto de um mundo em que a gente pudesse ser autônomo em quase tudo, n'ê? Em que eu posso ter uma parte da minha comida no meu quintal, e que eu seja capaz de fazer a minha comida, e que eu seja capaz

de fazer uma roupa p'ra mim, e que eu seja capaz de fazer um sapato p'ra mim se eu quiser e fazer o amaciante que eu uso na minha roupa e todas essas coisas, n'ê?... eu meio que busco isso na vida.

[...] ao longo de gerações eles [os sapateiros] vão perdendo a capacidade de fazer um sapato inteiro. Que é o que eu 'tava falando lá no começo, de autonomia de eu ter capacidade de fazer o que eu uso. Então, a partir do momento que a indústria quebra o processo, ele consegue também colonizar o profissional, n'ê? “agora você é só meu, você faz só o que eu quero”. Então eu acho que resgatar isso e voltar p'ra esse canto de que vamos fazer um processo inteiro, já é um grande avanço. (Entrevistada 07, sapataria)

Outra entrevistada também afirma que gostaria de produzir todas as suas próprias roupas, mas lamenta as limitações que encontra devido ao maquinário:

Hoje eu até penso assim, eu visto muito mais roupa e dou até mais valor às roupas que eu faço, e eu até gostaria de usar só roupas que eu faço, porém, a questão de maquinário n'ê? Minha empresa ainda é pequena, n'ê? Ainda não dou conta disso, tipo assim, eu quero ter uma blusa de malha, eu não costuro malha ainda, eu quero ter uma calça jeans, eu ainda não costuro jeans ainda, mas se eu pudesse, com mais investimento eu chegaria nesse lugar de usar peças só feitas por mim. Porque realmente eu acho mais prazeroso, assim porque tem isso de ser feito e você saber de onde 'tá saindo e tal, e também pela dificuldade de encontrar às vezes roupas fora do padrão. (Entrevistada 01, vestuário)

A autonomia passa por conseguir ver o resultado concreto do que se produz enquanto se faz. Torna o fazer algo concreto e realmente capaz de construir coisas.

[O fazer com as mãos] me traz uma possibilidade que é muito legal para mim assim que eu sempre gostei, que é você conseguir ver o resultado das coisas enquanto você faz. Então eu 'tô bordando e eu 'tô vendo que aquilo ali é uma coisa concreta. Então não tem assim uma meta, essas coisas bem abstratas. Então eu consigo construir com a minha mão mesmo, com o meu fazer mesmo, então me possibilita tipo trabalhar de casa, que nesse momento é tudo que a gente pode fazer e o que possibilita tal, o bordado combina total com isso. (Entrevistada 10, bordado)

O fazer artesanal também é uma forma de incentivar um modelo económico que privilegie a distribuição de renda e a equidade de oportunidades. A partir desse ideário, consideram que o fazer artesanal promove mudanças no sistema económico que contribuem para a sustentabilidade social.

[...] trabalho artesanal p'ra mim, quando fala artesanal, já está embutido que não é uma grande empresa que 'tá fazendo e que não é um monte de máquina que 'tá fazendo, e quando você vai por esse caminho você já joga que o dinheiro está sendo espalhado p'ra vários pequenos e isso já é um grande caminho económico assim, se várias pessoas têm um pouquinho ao invés de uma única ter muito a gente já tá caminhando bem no sentido económico, que várias pessoas vão ter mais pra poder consumir também, n'ê? Girar. E aí eu não sei muito, porque é economia, mas eu entendo que essa lógica faz bem p'ra todo mundo [risos].
(Entrevistada 07, sapataria)

Comprar de quem faz ou comprar do pequeno produtor é um movimento que ganha força, sobretudo por em geral possuir impacto social e ambiental mais justo, quando comparado com as grandes cadeias industriais. Entretanto, o uso do termo “pequeno” para se referir a um artesão e produtor que tem a capacidade produtiva enxuta é encarado com desconforto pela artesã ceramista,

Tem essa questão de você apoiar os pequenos produtores, n'ê? Eu não gosto desse nome, mas não vou contra o que é usado também, n'ê? [Porque não gosta?] Porque eu acho que ninguém é pequeno, n'ê, a gente pode 'tar ali, sei lá, micro, não sei. Uma pequena cadeia, não sei. “Pequeno” me dá essa ideia mesmo, de que a gente que não é industrial, que não faz parte da indústria, a gente é pequeno assim, sabe, como se tivesse pouco potencial. Não sei, passa essa impressão assim, não gosto. Enfim é como se “apequenasse” a gente, não compre da indústria, compre do pequeno sabe? E a gente não é. (Entrevistada 03, cerâmica)

Questionar o sistema vigente também passa por questionar o pensamento hegemónico que difere socialmente o artesanato e a arte e que atribui menor valor ao artesanato.

[...] uma coisa mais manual ela foi perdendo um lugar de destaque. Então, foi entrando muito nesse lugar pejorativo, assim, sabe? De um artesanato que seria

uma coisa menor. E assim na verdade isso é realmente uma discussão que ela é muito assim, sobre... eu acho que é elitista mesmo, de segregar, de dizer não vocês ficam com essa parte aí, que os grandes artistas ficam com os museus, com as galerias e num sei o quê. [...] E aí todas as coisas me pareciam uma discussão muito elitista, sabe? “Não, a arte é uma coisa assim mais elevada, é para quem... tem uma intencionalidade naquilo, tem um grau de instrução, e o artesanato não”. E eu sempre fiquei... muito nesse lugar de tensionar isso nas minhas produções artísticas, sabe?... então não faço mais essa divisão, n’ê? no meu trabalho, assim, o que é arte, o que é artesanato? E justamente porque hoje eu trago isso para dentro do meu trabalho artístico, n’ê? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

4.2. Relação com o trabalho e com o conceito de empreendedorismo

A forma como as artesãs se relacionam com o trabalho difere consoante as diferentes experiências individuais, e o momento de vida de cada artesã. Algumas dizem não acreditar no modelo de trabalho de 9h às 18h, que exige a presença física da pessoa mesmo quando o trabalho é possível ser desenvolvido de qualquer lugar e com mais flexibilidade. Considera o seu trabalho enquanto artesã como fora do padrão.

[...] o fato de eu não querer, de não me sentir bem me acordando 8h da manhã p’ra ’tar num lugar com cara de pateta durante o dia inteiro, faz com que eu... [pausa] nem acredito nesse sistema. Eu chegava lá e pensava assim “eu podia ’tá fazendo tudo isso da minha casa bem deitada [...] Totalmente desnecessário eu tá ali. Eu não acredito nesse sistema de trabalho que a pessoa tem que ’tá ali, e tal, num sei o quê. Eu não acredito nisso. Então só por eu não acreditar nisso, eu acho que o meu fazer... essa coisa de acreditar que eu vou enrolar várias cordas e transformar em acessórios e que as pessoas vão comprar e que sim eu vou ganhar dinheiro com isso eu acho que já uma coisa fora do sistema, n’ê? E aí a gente vive as consequências disso, n’ê? De ’tar fora do sistema. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

A grande maioria passou ou está a passar por uma transição de carreira. Grande parte das artesãs abriram ou estão em processo de renunciar a um trabalho estável, por conta de outrem e que lhes garante um rendimento fixo do mês. Nesse processo, é possível observar uma busca por ressignificar o papel do trabalho em suas vidas, que

deixa de ser apenas uma atividade, um meio para alcançar rendimentos e passa a dar sentido e proporcionar prazer à vida.

A minha relação com o trabalho hoje, comparando com a época de professora, é uma relação muito mais tranquila. [...] uma coisa que é tão importante p'ra mim nessa relação com o trabalho que é o fato que eu acho que é o principal, que eu acho que foi o que mais me motivou a fazer isso foi ter que me desprender de um trabalho que não era p'ra mim. Não era o meu trabalho, eu 'tava trabalhando um trabalho que era de outra pessoa, 'tá entendendo? Quando eu 'tava no colégio eu 'tava trabalhando p'ra diretora do colégio, eu não 'tava trabalhando p'ra mim, e aí isso também foi uma das coisas que me motivou a fazer o trabalho artesanal. [...] A rotina também mudou demais. Tem dia que eu trabalho sábado e domingo. É um trabalho que eu amo fazer, então eu não me importo se é sábado, domingo ou feriado. Eu trabalhei por exemplo num domingo que era meu aniversário [risos] e aí se eu fosse fazer esse trabalho, por exemplo se eu 'tivesse lá no [nome da escola] e tivesse que trabalhar num domingo que era meu aniversário eu ia ficar com muita raiva... [risos] mas como é meu trabalho que eu amo, então 'tá tudo bem pra mim. Eu 'tava fazendo uma sereia [risos]. Eu não tenho o peso de ser um trabalho. (Entrevistada 06, escultura em papel)

De forma mais subjetiva, o trabalho é encarado como qualquer atividade que seja essencial para a vida e não apenas como a atividade que proporciona rendimentos:

Olha, eu acho que o trabalho é mais uma coisa que eu quero fazer. Eu me esforço mesmo para acreditar num conceito de trabalho como algo que engrandeça assim, e aí eu não enxergo o trabalho só como a [nome da marca], p'ra mim o trabalho é a minha respiração, é a relação com as pessoas. (Entrevistada 07, sapataria)

A mesma artesã mostra-se desconfortável com o conceito de trabalho da forma como é entendida pelo sistema capitalista:

[...] eu acho que a tua pergunta deve caminhar mais para o que é o trabalho capitalista n'ê? É porque eu acho que o uso da palavra trabalho acabou indo p'ra esse lugar, que é uma coisa que eu acho que enfraquece, porque se eu 'tou aqui trabalhando, mas não 'tou trabalhando a minha postura eu 'tou ficando uma pessoa pequena assim. (Entrevistada 07, sapataria)

A falta de limites entre o trabalho e a vida pessoal é um desafio encontrado pela artesã de acessórios de moda, que constantemente observa a sobreposição dessas duas esferas em sua vida. Durante mais de uma hora de entrevista, a artesã esteve sentada, atenta a nossa conversa, mas sempre com as mãos ocupadas a produzir. A simplicidade do seu fazer manual, que necessita apenas de uma tesoura, corda, barbante e cola, e que permite que o trabalho seja realizado a qualquer momento do dia e em qualquer lugar, pode ter relação com a dificuldade que a artesã encontra em fazer essa distinção entre vida particular e profissional. Também é interessante perceber a relação simbiótica e identitária que a artesã enxerga com o seu trabalho, ao afirmar:

Minha relação com a [nome da marca] é uma coisa assim que...como é que eu posso dizer? [pensando] é porque é tudo, n'ê? A [nome da marca] sou eu [nome da artesã]. Sou eu, não tem nem como me desvincular. As vezes muita gente me chama até de [nome da marca], me chama pelo nome da marca n'ê? Mas como é meu nome, então é tranquilo, então a gente tem essa relação de amor e ódio mesmo. De racionalizar esse tipo de ter de fazer tantas peças, tem que fazer não sei quantas peças p'ra levar num sei para onde, p'ra vender não sei quantas, p'ra bater a meta e fazer o financeiro, e postar e num sei o quê e tem de ir p'ra academia e tem que não sei o quê. Aí já mudou tudo, n'ê? 'tava falando de trabalho e já veio p'ra coisa pessoal. Então eu 'tou no processo de separar a minha vida pessoal do meu trabalho, porque se não eu só trabalho. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Essa relação simbiótica com o fazer, em certa medida, implica em segurança e chega a oferecer uma zona de conforto para a artesã, que acredita que sempre terá o saber manual como alternativa face a trabalhar em algo de que não gosta.

[No ano passado] 'Tava trabalhando num salão [de beleza] e que era a coisa que eu mais odiava na minha vida que eu nunca tinha tido um emprego fixo, n'ê?, com 32 anos nunca tinha assinado minha carteira nem nada. E de 'tá lá todos os dias fizesse chuva, fizesse sol, feliz, triste, todos os dias da minha vida 8 horas da manhã naquele lugar... mas eu 'tava derrotada, já chegava derrotada [...] quando ela [a proprietária do salão] disse assim: “Você não precisa mais vir” Nossa! [fala de alívio] E o melhor de tudo é que eu não preciso disso aí. Eu tenho isso aqui [aponta para as bijuterias], mesmo que não paga as minhas contas, não sei o quê, um monte de coisa. Eu tenho isso aqui, eu sempre vou ter isso aqui. Se essa loja

fechar, acabar, eu sempre vou ter isso aqui [se referindo as bijuterias].
(Entrevistada 09, acessórios de moda)

Por outro lado, o fazer artesanal urbano também surge como alternativa ao desemprego, impulsionado por uma necessidade de rendimentos.

[O antigo trabalho] ... era um trabalho sacal. Eu estava vendo meu diploma jogado fora [...]. E eu também levei calote de muitos. Tipo assim de eu ir trabalhar e chegar lá o portão estava fechado, a empresa não estava aberta. O dono foi embora e eu não recebi meu salário. Aí eu 'tava cansada disso e não conseguia trabalho. Eu já tinha saído da sala de aula, então estava totalmente fora do mercado. E indústria, eu não consegui emprego em indústria. Aí um dia, mulher, eu sempre digo que foi meu retorno de saturno [risos], eu do nada, eu 'tou aqui sentada assistindo Ana Maria Braga², que eu nem assisto, aí ela foi ajudar uma moça que vende aromatizador de ambiente [...]. Aí a moça foi fazer um curso, aí mostrou como era o curso [...] aí pronto eu disse: “é isso que vou fazer”. Não sabia que existia uma empresa. Que você comprava a matéria prima e ele te ensinava a fazer, aí foi um *boom*!! (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

A busca por atender as necessidades financeiras também foi o que impulsionou a artesã a produzir bonecos de pano. Mas não só, para ela é importante também desenvolver algo em que acredita poder oferecer ao mundo.

[O trabalho como artesã de bonecos de pano] Surge muito de uma necessidade financeira... eu precisava vender alguma coisa que eu produzia porque é o que eu tenho assim para oferecer, a minha produção e já vinha de uma pesquisa fazendo bonecos de pano, mas fazendo assim só p'ra amigos, filhos de amigos, aí eu resolvi fazer. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

Outra artesã declara que encontra em sua atividade a possibilidade de ter liberdade e flexibilidade de horários, o que nos sugere que ela busca ter uma relação ressignificada com o trabalho,

² Programa televisivo Mais Você transmitido de segunda a sexta nas manhãs da Rede Globo.

A flexibilidade é incontestável que é maravilhosa, isso de eu não ter que sair todo dia de casa (Entrevistada 01, vestuário)

Ter flexibilidade e poder respeitar os seus limites, os limites do corpo, e poder fazer escolhas é um privilégio.

Aí se eu quiser me acordar 10h, não eu tenho que me acordar 8h da manhã, mas se eu 'tiver com febre e eu não quiser levantar eu não levanto. É um privilégio, n'ê? Então acho que tem um lado ruim como todas as coisas da vida, mas eu acho que o lado bom supera muito. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

O trabalho artesanal também ajuda a construir um novo olhar sobre o trabalho do outro,

[...] eu não preciso exatamente consumir p'ra ficar interessado no seu trabalho e muito menos quando é uma feira assim, que a gente vai vender junto e aí você vai conhecendo o trabalho do outro. Acho que tem um respeito né a partir do momento que eu consigo te mostrar o meu trabalho e tu tem atenção a isso a gente já constrói uma pequena ligação ali [...] (Entrevistada 07, sapataria)

e para algumas artesãs, trabalhar com o artesanal proporcionou uma ampliação da consciência sobre o valor do trabalho do outro. Passaram a ver o trabalho de forma mais humanizada, promovendo até mudanças de hábitos culturais e seus comportamentos:

Um aprendizado muito grande que eu tirei assim é a questão da valorização e valorização do trabalho do outro, sabe? A gente aqui principalmente Nordeste, n'ê, Ceará, a gente já é muito acostumado a pechinchar, a não valorizar o trabalho das pessoas, achar que... “Ah, isso não vale. Esse trabalho aqui não vale o que ela 'tá cobrando”, a desvalorizar mesmo, né? E depois que eu comecei a trabalhar com a [nome da marca], isso se transformou assim, sabe? Essa visão que eu tinha, esse comportamento, n'ê, na verdade. Se transformou, e aí assim, eu acho que passei a ver as coisas de uma forma mais humana mesmo, sabe? Ver assim de uma forma mais humana mesmo e parar de pechinchar. (Entrevistada 03, cerâmica)

No Brasil as mulheres são protagonistas quando o assunto é empreender (SEBRAE 2013). Entretanto, entre as artesãs entrevistadas há um entendimento divergente acerca do assunto que reflete na forma como elas definem a si próprias e seus

trabalhos. A maior parte delas definem-se como empreendedoras e usam durante toda a nossa conversa termos como empreender e empreendedorismo.

Porque é isso, o que é ser profissional hoje ainda mais sendo empreendedor independente? Você quer ser mais humano, mas você também quer cumprir metas e você também quer ganhar dinheiro n'ê, quer sobreviver do seu trabalho. (Entrevistada 01, vestuário)

E aí a gente vê uma crescente como eu tinha falado, essa crescente dos ateliês, das pessoas empreendendo, mais especificamente mulheres. Tanto em outras áreas como na cerâmica também, n'ê? E aí nessa área como em vários outros a gente vê pouquíssimas mulheres negras empreendendo assim, e nessa área. (Entrevistada 03, cerâmica)

[...] mas é muito também do criar consciência e ter essa troca com outros empreendedores. [...] a gente descobriu uma feirinha de economia criativa, e falaram que era ideal p'ra gente porque era de pequenos empreendedores. (Entrevistada 04, encadernação)

Empreender e ser dona do próprio negócio proporciona em certa medida alguma segurança,

[...] é algo que é p'ra mim, por mim, não é p'ra outra pessoa, tipo, quando eu trabalhava, eu sempre tinha a obrigação de estar fazendo aquilo ali com medo de ser demitida, com medo do patrão brigar e “num sei o que”, e não! aquilo ali é meu, então eu que tenho que “botar” o valor. (Entrevistada 04, encadernação)

Ao encontro do ideal do empreendedorismo, uma das entrevistadas afirma que vislumbrou no fazer artesanal uma oportunidade de atender uma necessidade de mercado.

Quando a [nome da marca] começou também foi uma oportunidade que eu vi de mercado. De pensar numa coisa que não tinha no mercado e que tinha um valor agregado, n'ê? (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Essa mesma artesã publicou em suas redes sociais os desafios e vantagens de empreender e trabalhar com o que gosta.

Empreender é um carrossel de emoções. Um dia a gente acorda bem alegre e satisfeita porque conseguiu aquela meta e 'tá tudo dando certo, meia hora depois aparece um monte de problema que você não sabe por onde começar p'ra resolver. Ninguém disse que era fácil, mas ninguém disse q todo dia dava vontade de desistir, chorar, jogar tudo p'ro alto, juntar tudo enquanto chora e por aí vai. Eu fui privilegiada por poder viver do que eu gosto mas isso exige paciência, dedicação, cuidado e acima de tudo que eu aprendi e aprendo com a vida todo dia é preciso olhar pra si! (Entrevistada 09, acessórios de moda, post Instagram 27/03/20)

Outra entrevistada define a si mesma na descrição de seu perfil nas redes sociais como empreendedora, e com isso busca fazer a diferença com o seu negócio. Não empreende apenas por empreender, mas sim para causar um impacto positivo com o seu trabalho.

Empreender com valor é muito difícil. Eu decidi que ia mudar a regra geral. Eu decidi que ia empreender com impacto socioambiental positivo. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética, post Instagram 22/03/19)

Apesar de enxergarem-se como empreendedoras, a maioria das artesãs afirma não terem tido qualquer tipo de organização e planejamento ao iniciarem os seus negócios.

Eu acho que também durante muito tempo. Eu ia fazendo as coisas assim, sabe? Eu só fazendo, as coisas chegando e eu ia fazendo assim, digerindo e diluindo. Mas não especificamente pensando numa coisa já planejada, formatada, entendeu? (Entrevistada 03, cerâmica)

A falta de planejamento reflete-se até hoje na falta de gestão das pequenas empresas criadas pelas artesãs. A desorganização está na gestão de estoque, gestão financeira e na falta de metas de vendas claras.

Então eu 'tou nesse momento organizando o estoque p'ra deixar todos esses lugares abastecidos e aí a partir daí eu vou recomençar uma observação. Porque eu não tenho dado nenhum, eu não sei quantas peças tem em loja nenhuma, eu não tenho nada. Isso são anos de desorganização que eu quero resolver em dois meses. Eu sou doida? Sou! Mas tenho que resolver. Não sei se vou conseguir, mas vou tentar. Aí meu problema hoje é esse. Eu não tenho um dado de nada. Eu sei o que

vende mais, eu sei as cores que as pessoas gostam, eu sei de tudo isso, porque, n'ê, tem algum tempo que a pessoa 'tá aí. Sei o que vende, o que não vende, mas eu vou dar mais passos para trás p'ra eu poder seguir p'ra frente. Então o problema que eu 'tou é esse. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

A questão financeira é outro desafio para quem quer começar um pequeno negócio. Uma das artesãs aponta que por mais que fazer sociedade com outras pessoas seja desafiador, às vezes é a melhor opção para juntas ultrapassarem os desafios financeiros que um pequeno negócio necessita.

[...] aí foi quando eu percebi também que eu teria outra dificuldade que é a sociedade, porque para empreender como pequeno empreendedor é bom começar com sociedade se você não tiver investimento e aí já é outra dificuldade [...]
(Entrevistada 01, vestuário)

Para a mesma artesã a mulher enquanto empreendedora precisa lidar com outras atividades que lhe são socialmente atribuídas, e em tom de crítica, diz:

[...] mulher empreendedora nunca é ser só mulher empreendedora, o cara quando vai trabalhar... ele vai só trabalhar, e a mulher quando vai empreender ela ainda tem todas as coisas que o homem não faz, porque se você for trabalhar é a mulher que tem que ficar com a casa se tiver filho, tem filho, ainda tem que estudar, então assim [...] (Entrevistada 01, vestuário)

Existe ainda um estereótipo de que empreender fará a pessoa trabalhar menos e ganhar melhor, mas isso dificilmente é uma realidade. Empreender com consciência é saber, na verdade, que vai trabalhar mais e ganhar menos, pelo menos segundo a visão da artesã:

[...] porque nem todo mundo ainda tem uma noção... como cresceu muito esse mercado de... “vou ser dono do meu próprio negócio”, muita gente não tem a noção do que é ser dono do próprio negócio, então muita gente... “ah, porque eu acho que eu vou trabalhar menos” tem essa visão muito ilusória, que não é verdade, a gente vai trabalhar muito mais porque enfim vão ser vinte e quatro horas ali, né?, [respira fundo, em jeito cansado] e aí tem muito disso da galera não ter essa noção, então essa galera eu acho que já num vai muito se dispor no

coletivo, de forma coletiva, porque tá pensando muito em si, e muito em ganhar dinheiro e trabalhar menos, a galera pensa muito nisso sendo que na verdade a gente trabalha mais e ganha não tão bem, n'ê? [risos], mas já tem outra galera, a galera que realmente 'tá buscando fazer isso acontecer de verdade, e tem consciência e investe no seu negócio, que sim, muitos se ajudam, tipo na Mana a Mana. (Entrevistada 04, encadernação)

Uma das artesãs relata a dificuldade de empreender sem ter o apoio da família. Os familiares muitas vezes não valorizam o trabalho, ou não entendem o fato da atividade ser realizada em casa, em ambiente doméstico, onde é difícil fazer a divisão entre o tempo para o trabalho e para o cuidado com a casa.

[...] as dificuldades que a gente encontra são essas n'ê, de não ter um apoio direto da família porque já levei isso até inclusive p'ra terapia. [...]. Se eu fosse uma advogada, eu com certeza teria o apoio deles para fazer qualquer outra coisa, n'ê, mas enfim, aí não ter esse apoio dentro de casa [...] então não se vê esse trabalho como um trabalho de verdade, n'ê? Todo mundo achar que você 'tá lá fazendo suas coisas, você 'tá livre, 'tá de boa para limpar uma casa, 'tá de boa para fazer uma coisa. Só que eu não 'tou, meu amor, eu estou tra-ba-lhan-do igual a você [risos]. Eu trabalho inclusive mais que você. Mas eu estou bem menos remunerada, mas tem meses que eu sou muito mais remunerada do que você n'ê? Então, vamos pensar nisso também, n'ê? (Entrevistada 09, acessórios de moda)

[...] tem familiar meu que olha e fala: “ahh tem uma marca”, mas aí zero se interessa, entendeu? (Entrevistada 01, vestuário)

O conceito de empreendedorismo, no sentido como tem sido apropriado pelo mundo dos negócios, é encarado com certo desconforto por esta outra artesã que assume uma posição crítica em relação ao termo. A entrevistada argumenta que enxerga o seu trabalho mais relacionado a uma forma ancestral de comercializar, de estar na rua, onde pode estar mais próxima das pessoas, onde pode conversar, dialogar e estabelecer uma outra relação com quem compra.

[...] quando você falou e me escreveu, eu fiquei pensando assim, será que é sobre empreendedorismo? Que é um termo que é bem assim, pelo menos para mim, ele é assim complexo sabe assim, pensar esse lugar do empreendedorismo e tal

entendeu? [...] eu digo que é questionável e tal, mas é porque talvez eu nem tenha um aprofundamento assim p'ra dizer por que me incomoda, mas assim é porque eu talvez me interesse muito mais essa ideia de feira, de mercado, sabe? Porque quando falam de empreender, parece que é uma coisa que inventaram agora, n'ê? E a gente sabe que isso realmente é muito ancestral mesmo assim, a coisa do mercado, de 'tá na rua, botar banca, n'ê? Vender doce, vender tapioca, minha mãe é quituteira, sabe? Minha mãe vende coxinha, minha mãe vende bolo, vende chocolate.... Então assim, é uma coisa que é mesmo do mercado sabe assim? Mercado no sentido de fazer, de uma grande feira, de 'tá na rua, da troca, dessa conversa, do negociar. Me interessa muito mais 'tá nesse lugar sabe, do que vamos tipo assim “vamos fazer um plano de ação com não sei o quê”, eu acho que deve ser importante também, mas assim dentro da minha visão e de como eu tenho produzido é muito mais nesse lugar de fazer, trocar, conhecer, conversar. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

De forma geral, as artesãs atuam na contracorrente ao repensar o modelo econômico vigente e questionar o sistema industrial e suas estruturas hierarquizadas e exploradoras. Ao buscarem oferecer um novo lugar para trabalho em suas vidas, e apesar dos desafios, priorizam empreender em prol de liberdade, autonomia e bem estar social.

Capítulo 5. Desafios da sustentabilidade

5.1. A sustentabilidade econômica

Uma questão delicada que emergiu na maioria das conversas com as artesãs diz respeito à dimensão econômica individual e à capacidade de terem autonomia financeira a partir dos rendimentos de suas atividades artesanais. Digo que é delicada porque o tema foi abordado permeado por múltiplos sentimentos, que envolvem frustrações, reflexões, resiliência e esperança.

Para garantir a subsistência financeira, metade das artesãs precisa de uma outra atividade paralela que lhes garanta rendimentos, algumas dessas atividades nada têm de relação com o artesanal ou com o estilo de vida que buscam viver.

[...] voltei na verdade a trabalhar com a minha mãe. Então, uma empresa que é da minha família, n'ê? De viagens, então, não tem nada a ver com o bordado, é como se fosse o bordado em uma outra caixinha assim da minha vida. (Entrevistada 10, bordado)

Eu ainda não consigo viver da cerâmica, então eu preciso focar no meu ganhapão, n'ê, que é a dança, que são as aulas, n'ê, na escola. Então eu preciso até realmente um foco maior no que me sustenta [...]. (Entrevistada 03, cerâmica)

A outra metade das artesãs ainda depende, direta ou indiretamente, das famílias para ter suas necessidades financeiras atendidas.

[...] eu tenho uma vida muito confortável. E assim, eu tenho uma vida confortável porque meus pais estudaram muito e passaram num concurso, trabalham muito até hoje e tal, e eles me deram essa condição hoje. (Entrevistada 01, vestuário)

[Questão de subsistência financeira] isso aí que pega viu. Pega. Porque olha, não é fácil, não é mesmo. Muito dos que eu conheço não consegue viver só do artesanato, cosmético, n'ê, 'tou falando da minha área. Não consegue. Sempre tem o cosmético e tem outra coisa, n'ê? É bem, bem complicado mesmo. Isso tem que ter apoio, muito apoio da família. Se você não vem de berço de ouro, n'ê, então tem que ter apoio da família mesmo, p'ra abraçar e fazer com aquele negócio cresça, entendeu? Porque não é fácil, eu 'tou aí há 6 anos, quase 7, no mercado

que eu vejo que 'tá crescendo, muitos já desistiram porque não tem fluxo de caixa, entendeu? É difícil, tem que ter apoio. Ou então pedir dinheiro ao banco. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Uma das artesãs reflete sobre o desafio em conciliar um estilo de vida antagônico ao industrial, que se assenta em uma outra lógica de tempo e de produção, quando se tem responsabilidades e necessidades não só individuais, mas de toda a família.

É aí tu chegou num ponto que é que é um ponto de conflito mesmo, n'ê? Assim, como é que eu vou... como é que eu opto por esse tempo mais expandido, n'ê? quando a Coelce [nome da antiga companhia de energia elétrica] não opta também por isso n'ê? [risos] então eu tenho que fazer... como é que eu vou então conduzir isso, n'ê? E aí eu acho que eu consigo falar um pouco sobre dois momentos n'ê? Antes da minha filha nascer e agora depois, n'ê? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado).

A impossibilidade de terem autonomia financeira que possa atender necessidades básicas, como questões de saúde são umas das razões que frequentemente desmotivam as artesãs e chega a ser fator que promove ansiedade e desesperança.

Você precisa tirar um dente e aí, não tem, esse mês não vai dar. (Entrevistada 07, sapataria)

Você num poder pagar um plano de saúde por um tempo. É você 'tá nessa... você não ter uma grana fixa no mês. E você não poder assumir um aluguel porque você não sabe se vai ter aquela grana naquele mês. O que pega mais p'ra mim realmente é isso. [...] eu tenho pensado muito nesses primeiros três meses desse ano e tenho pensado desde o ano passado que eu tive umas crises de ansiedade por conta de: "E aí, isso aí que 'tou fazendo vai me levar pra onde? P'ra onde é que eu vou com isso? Se eu preciso é de dinheiro. Se o mundo vive é de dinheiro e eu não 'tou ganhando dinheiro com isso. Eu vou fazer o que? O que é que eu 'tou fazendo? A real é essa. A real do pensamento é o desespero, amiga. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Entretanto, em alguns casos, apesar de os resultados financeiros não serem satisfatórios, as artesãs encontram outros ganhos que são tão ou mais importantes para

elas, como o tempo para a família, a expressão criativa, a saúde mental e a possibilidade de escolha.

[...] e não vou dizer que o retorno financeiro é tão bom quanto a gente espera ainda, mas os outros retornos estão todos dentro das expectativas, que no meu caso de ser mãe é: ter tempo com minha filha, é flexibilidade, é isso de conseguir ser criativa de fazer o que eu acredito...(Entrevistada 01, vestuário)

[Vale a pena?] mulher, só em ser saudável, não saudável, porque ninguém é saudável mentalmente, mas tipo assim que almeje, que esteja já com uma sanidade mais tranquila, uma mente mais tranquila, não tem preço não, Renata. Pelo que eu vivi, pela pressão, coisas que eu precisei fazer [...]. Então com o que eu vivo hoje num paga, minha mente está muito melhor. Eu tenho muito mais discernimento, eu tenho muito mais tudo... eu consigo hoje em dia pensar “não isso aqui não faz parte”, “isso aqui eu não quero mesmo”, não ter que tipo “ah eu não quero, mas tenho” entendeu? (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

As artesãs acreditam que conseguiriam ter sucesso financeiro com a atividade artesanal, mas afirmam que precisariam de bastante tempo para que os resultados apareçam, o que se torna um empecilho uma vez que precisam pagar as contas do mês.

[...] porque vai levar um tempo p’ra você conseguir ter o sustento completo só daquele trabalho, e não dá p’ra gente esperar porque a gente tem contas p’ra pagar, n’ê, tem os boletinhos chegando e tal [...] (Entrevistada 04, encadernação)

[...] e eu lembro das meninas da [nome de uma marca artesanal que é referência no Brasil], eu fiquei chocadíssima quando elas me contaram isso, que elas começaram a ganhar dinheiro mesmo, depois de 10 anos. E eu já ’tava sentindo um pouco essa coisa que eu ia demorar muitos anos p’ra conseguir ganhar dinheiro. E aí eu fiquei tipo gente, eu não tenho esse tempo que vocês tiveram. Eu não posso me dar esse luxo e que vou diminuir aqui e tentar fazer outra coisa. (Entrevistada 07, sapataria)

Apesar disso, a mesma artesã acredita que viver exclusivamente do fazer artesanal exigiria uma opção por uma vida mais simples, ela mesmo já passou alguns anos nesse estilo de vida, mas agora mostra-se insatisfeita.

Só que pensando nisso eu acho que se eu fosse viver só de artesanal eu não ia conseguir viver só de sapatos, eu teria que fazer várias coisas, um ateliê multiuso sabe. Adoraria isso um dia [pausa] Viver do artesanal, seria muito viável, mas aí você deve entender que você teria que viver uma vida muito simples, n'ê? E até onde você que ir com isso n'ê? Eu acho que eu passei quase dois anos, dizendo “não, tá tudo bem, eu consigo super viver com um salário mínimo aqui”. Mas aí você diz, isso não dar mais. É um sonho sofrido. (Entrevistada 07, sapataria)

A artesã ceramista acredita em sua capacidade de tornar a atividade artesanal financeiramente sustentável, entretanto precisou de resiliência, paciência e pés no chão para planejar fazer essa transição.

[...] No segundo semestre do ano passado, eu estava decidida a abrir mão de tudo e viver só da [nome da marca] sabe? Mas aí depois eu fui ver assim, que por enquanto realmente eu tenho que ir devagar, n'ê? Tenho que ir aos poucos, mas assim eu sei que é super possível, eu sei que eu posso eu sei que eu sou capaz, n'ê? (Entrevistada 03, cerâmica)

Para algumas das artesãs, o desafio da sustentabilidade econômica é potenciado pelo de conciliar a maternidade com a atividade profissional. Das quatro mães entrevistadas, duas afirmam que passaram entre um e dois anos distantes da produção, enquanto outra precisou compreender as mudanças que a maternidade trouxe para sua vida e ressignificar a relação com o trabalho.

[...] a maternidade me tirou quase dois anos de produção, eu fiquei bem *away* mesmo, mas aí voltei (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Eu acho que eu passei o ano de 2016 parada, foi a época que eu tive bebê, passei um ano parada, aí 2017 a gente voltou. (Entrevistada 01, vestuário)

[...] o primeiro ano é bem difícil, assim de conseguir conciliar o trabalho e a maternidade. Dentro dessa lógica, n'ê, que eu 'tou te contando assim de mãe solo e tudo mais... mas eu entendi por exemplo que trabalhar como eu trabalhava antes não dá mais porque eu não sou mais como era antes n'ê? Então assim não dá para eu, 'perai, agora eu vou criar, vou 'tar aqui no ateliê, vou produzir muito, muitas horas ininterruptas, e não. Eu entendi já. Demorou n'ê? Porque eu ficava assim

frustrada, pô, eu quero fazer tal coisa, eu quero participar da feira tal e não tem produção. Então eu entendi que eu preciso também recriar esse lugar, n'ê? da produção. Então seja trazendo mais pessoas n'ê? para perto para produzir junto, dividindo, n'ê? o trabalho ou também inventando horários, e outras possibilidades. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

Nas redes sociais do Mana a Mana, a artesã ceramista confessa,

Ser mãe, tornar-se mãe, é na maioria das vezes confuso e conflituoso... e quando se trata de ser mãe e empreendedora, é preciso quase que operar milagres para que as coisas caminhem. cobranças externas e de nós mesmas surgem ao longo do tempo, o que me torna mais forte e confiante. minha cria me torna mais forte. e essa fortaleza é que me traz paciência e resiliência nessa caminhada. (Entrevistada 03, cerâmica, post Instagram Mana a Mana 29/04/2018)

Conciliar as duas responsabilidades familiares e de trabalho se torna ainda mais desafiador tendo em vista que todas as entrevistadas desenvolvem o fazer manual em ambiente doméstico.

É muito difícil, é uma das coisas mais difíceis que tem. É fazer essa relação mãe-trabalho, principalmente porque meu trabalho é em casa, n'ê? Então o meu trabalho da [nome da marca] se confunde muito com o restante. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

[...] essa produção que 'tá aqui dentro de casa, n'ê? assim no quarto de costura [...] (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

Na minha casa, na sala da minha casa, tipo, eu tenho uma estante que lá tem todas as “tranqueiras” da gente utilizar, e é ali entendeu? Não é algo tão profissional de ter um ateliê e “num sei o quê num sei o quê”, não, a [nome da sócia] pega os cadernos leva e costura lá no quarto dela, é bem nós fazendo o negócio mesmo. (Entrevistada 04, encadernação)

Esse desafio ficou ainda mais evidente durante o período de restrições causadas pela quarentena obrigatória para conter a pandemia do covid-19. A maioria das entrevistas foram realizadas no meio da pandemia, quando todos os serviços considerados como não

essenciais foram suspensos, incluindo as escolas e creches infantis. Uma das mães, portanto, ressalta com humor sobre esta situação,

Então eu tive que fazer todo um rearranjo aqui... e aí eu não tenho produzido assim, tenho algumas encomendas, mas eu não consegui. E aí eu sou bem franca nessa comunicação, assim, quando a pessoa, são três pessoas, n'ê?, que me encomendaram bonecos. E aí eu falei, “olha, infelizmente eu não ’tô conseguindo produzir porque eu não ’tô conseguindo dentro dessa...” É bem louco, porque p’ra algumas pessoas estão entediadas, n’ê? E aí assim, tem gente assim, “ai, eu não aguento mais ler livro, ai, não aguento mais ver filme...” [risos]. E eu assim, olhando com ódio n’ê? [risos]. E aí assim, a gente tem que explicar mesmo, “olha, eu não ’tô conseguindo produzir porque a dinâmica casa, com criança, então assim tem toda uma dedicação aqui no momento para ela.” (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

Apesar das dificuldades enfrentadas poder acompanhar de perto a criação da filha, é um valor prioritário que compensa inclusive a insegurança que enfrenta em relação ao seu rendimento no final do mês:

[...] eu participei e estou participando ainda de toda a infância da minha filha. Eu não perco nada. Eu sinto que ela é uma menina muito feliz, muito segura de si, eu sinto que... ela é uma menina muito segura, muito destemida e eu tenho plena certeza de que no caso dela é a minha presença de está sempre com ela entendeu? Que é ter um tempo flexível que eu posso trabalhar em casa e é isso que proporciona ela a ter essa segurança e isso não tem preço. O preço que eu ’tô pagando é não ter o salário fixo no final do mês, mas eu acho que ’tá valendo a pena. (Entrevistada 01, vestuário)

Lidar com os desafios financeiros e a ausência de rendimentos fixos do trabalho artesanal e autônomo assume nova importância na medida em que são mães. Para uma das artesãs só é possível conciliar os dois porque tem uma atividade profissional paralela que lhe garante uma outra fonte de renda.

[...] aí eu acho que eu consigo falar um pouco sobre dois momentos n’ê? Antes da minha filha nascer e agora depois, n’ê? Que aí tem um outro capítulo, que é maternar [risos]. Porque assim, quando você ’tá sozinha, n’ê? No caso eu agora,

eu moro com a minha mãe e com minha filha n'ê? Mas fazer essas escolhas [trabalhar com o artesanal e não ter rendimento fixo] e segurar a onda dessas escolhas, tipo, o aluguel vai atrasar um pouco esse mês então vou fazer uma oficina, n'ê? Porque como eu também sou educadora eu consigo disponibilizar outras possibilidades, n'ê assim? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

Além dos desafios financeiros, as artesãs enfrentam também dificuldade para terem seus projetos alinhados à sustentabilidade ambiental.

5.2. A sustentabilidade ambiental

O fazer manual e artesanal em pequena escala, em essência, já dialoga com as questões relacionadas à sustentabilidade ambiental. Entretanto, como objeto de análise deste estudo, busquei identificar quais as iniciativas adotadas pelas artesãs em suas vidas privadas e profissionais que favorecem a sustentabilidade ambiental. Face a essas questões, pude observar os desafios encontrados por elas e também deparar-me com um aspecto inesperado: em alguns casos a preocupação ambiental está refletida apenas na dimensão profissional, não nos seus comportamentos da vida pessoal e familiar. Pelo contrário, algumas conseguem estabelecer essa relação integrada entre os valores pessoais, que são vivenciados como um processo contínuo de aprendizado, e os valores ambientais que estabeleceram em suas iniciativas profissionais

Exemplifica esta última situação a artesã de saboaria e cosmética que produz produtos biodegradáveis, e adota a política de retorno das embalagens e frascos em vidro, em troca de descontos em compras posteriores, como alternativa de evitar o descarte e produção de resíduos. Para esta artesã, o próprio fazer manual ao demandar sua energia física para o trabalho já carrega intrinsecamente o aspecto sustentável, uma vez que sua produção não necessita de grandes equipamentos, e de uma grande demanda de energia elétrica. É o seu corpo e suas mãos o seu principal recurso.

A questão da sustentabilidade está totalmente atrelada ao meu modo de vida, porque eu trabalho com isso, os meus produtos são biodegradáveis então eles são sustentáveis, n'ê?, e é o que eu busco essa simbiose no trabalho, essa simbiose na alimentação, é tudo. [...] os produtos são biodegradáveis, vai p'rá água, e não vai sujar os rios. Também troquei tudo [embalagens] p'ra vidro. [...] A questão do vidro é mais sustentável porque a pessoa vai reutilizar ele e não vai descartar tão

rápido. Dá um novo uso ao vidro é mais sustentável do que o plástico nesse sentido. [...] E ela também pode voltar com o vidro p'ra mim e eu dar um desconto p'ra ela na próxima compra. [...]

O manual, por ser manual já é mais sustentável, porque é sua energia, n'ê?, você que 'tá trabalhando manualmente, não é uma máquina que 'tá fazendo, então já começa daí, n'ê?. É energia mesmo, num é nem energia espiritual não que eu 'tou falando, é energia física. Então já começa daí, por o trabalho manual já ser sustentável. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

A preocupação ambiental pode não ser reconhecida como fator determinante para que as artesãs optassem por desenvolver a atividade artesanal. Mas sem dúvida, o ter a possibilidade de contribuir com a sustentabilidade ambiental, ao ressignificar e valorizar materialmente os resíduos que iriam para o lixo, é um fator que garante orgulho para a artesã e artista em esculturas de papel machê.

Eu realmente sou uma pessoa muito da natureza assim, mas eu não digo que eu fui trabalhar com isso porque eu sou preocupada com a natureza, não foi, foi uma coisa que aconteceu comigo, mas ao mesmo tempo eu gosto muito de ter um trabalho que aproveite o lixo, n'ê, e tem assim umas coisas que eu procuro cuidar da natureza, n'ê? (Entrevistada 06, escultura de papel)

Entretanto, como disse, observei que algumas artesãs assumem haver uma incongruência perante às preocupações ambientais, entre as iniciativas que buscam trazer nas propostas de valor de seus pequenos projetos artesanais e os comportamentos que estabelecem em suas vidas pessoais.

Eu não sou uma pessoa sustentável, na minha vida. Eu reduzo, tipo assim, eu produzo o meu desinfetante, eu produzo o meu xampu, o meu creme, o meu lava-louça lá em casa quando dá, porque p'ra usar o meu óleo de coco para produzir isso eu fico morrendo de pena, é foda! Mas é verdade. Aí, eu não sou assim tão sustentável. [...] Eu enquanto [nome da marca], por exemplo, quando eu vou comprar coisa p'ra [nome da marca], eu prefiro comprar em caixa, eu não compro p'ra mim, mas na [nome da marca], eu prefiro que eles embalem na caixa de papelão. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Na vida pessoal, hábitos já bastante enraizados tornam-lhe mais difícil promover mudanças em prol de comportamentos mais sustentáveis. Assim, o ambiente profissional pode funcionar como forma de experimentar, testar, e de estar mais próxima das discussões a volta do tema que tem sido amplamente explorado por outras marcas, e pela sociedade em geral.

[...] mas assim hoje a minha vida, os meus hábitos de consumo, eu não considero totalmente alinhado com a ideia de sustentabilidade, não sabe? Mas eu tento nas coisas do [nome da marca]. 'Tava até mostrando [nas redes sociais] esse processo que eu 'tava tentando fazer as embalagens sem plástico, nenhum item de plástico, com o que eu tinha em casa, papel, embalagens. Mas é algo que eu coloco na marca. Mas na minha vida pessoal assim, não é uma coisa, não é natural para mim, sabe, não é uma coisa que eu olho para isso o tempo todo, sabe? [...] eu tento reduzir algumas coisas, mas eu vejo que tropeço em muitas outras, sabe, em muitos outros aspetos assim. (Entrevistada 10, bordado)

Há ainda quem seja inclinada a adotar hábitos sustentáveis na atividade artesanal e também na vida pessoal, ainda que questione o conceito de sustentabilidade da forma que foi apropriada pelo sistema capitalista.

Eu não acredito na sustentabilidade. Mas tem uma evolução aí, n'ê? A sustentabilidade quando começou como um conceito era essa coisa de a gente conseguir viver no ambiente e que não faremos mal a ele e depois a palavra foi sendo usada nesse canto mais cooptada pelo capitalismo. E eu não acho que é possível o nosso estilo de vida conviver com o ambiente de uma forma sustentável, em que tudo se sustente ali, n'ê?. É tanto que o que eu prego na [nome da marca] é tentar fazer as coisas com o mínimo impacto ambiental possível, que é o máximo que posso fazer. E ainda assim eu tenho muito p'ra melhorar. [...] E na minha vida mesmo, eu acho que eu faço poucas coisas, mas também o mínimo, é de tentar comprar orgânico, tentar comprar de quem eu sei que fez, tenho uma composteira em casa, essas coisinhas pequenas que enfim, já seriam alguma coisa se fossem massificadas. (Entrevistada 07, sapataria)

A artesã ainda reflete sobre os desafios de ter uma produção com menor impacto ambiental sem deter recursos financeiros que lhe deem a oportunidade de desenvolver um produto alinhado às diretrizes de circularidade dos recursos, ou de zero desperdício.

Eu acho que eu sinto um pouquinho de peso na [nome da marca], que é de como você só consegue crescer nisso se você já tiver dinheiro, porque eu fiz um projeto desenhei aqui uma engenharia [...], porque eu tenho um subproduto de borracha durante a minha produção, tenho vários pedacinhos pequenos. E a borracha em algum momento da produção da folha da borracha, ela vem de vários pedacinhos pequenos então eu podia juntar aquilo, tenho sacos e sacos de pequenos pedaços de borracha que eu espero um dia conseguir construir um processo em que eu consigo derreter de novo a borracha, colocar ela p'ra secar de novo na forma e eu tenha uma nova borracha a partir do teu antigo. Só que p'ra fazer tudo isso eu tenho que já ser alguém que tem alguns bons *moneys* e eu ainda não sou essa pessoa, então tem toda essa questão de como você só faz a coisa acontecer ambientalmente correto se você 'tá aí em algum lugar já. (Entrevistada 07, sapataria)

A questão do investimento é também um dos desafios encontrados pela designer e produtora de roupas artesanais, que relaciona a falta de capacidade de investimento a uma impossibilidade de comprar matéria prima orgânica, devido ao seu preço mais elevado. Assumindo as suas limitações, a artesã buscou, pelo menos, uma opção de matéria prima que fosse a “menos ruim”. Ela privilegia um fornecedor nacional, que afirma ter procedimentos ambientalmente e socialmente responsáveis.

Eu não sei se esse é meu maior problema, mas é um dos problemas, claro, n'ê?, que é a questão do investimento, eu vejo ainda que a matéria prima, algodão orgânico e “tal”, realmente ainda é muito caro.

[...] linha a gente compra de poliéster, porque de algodão realmente é bem mais caro, a de poliéster é quatro reais a de algodão é vinte e é muito menor a de algodão [...]

[...] eu tento fazer as coisas dentro das possibilidades, eu compro tecido de uma indústria nacional de Minas Gerais que diz ter tratamento de água, que mostra pelo menos no site fotos de trabalhos sociais que eles têm na região, trabalho com

criança, tem escola, e tal. [...] Eu ‘tava procurando marcas de 100% algodão que fosse nacional, primeiro era isso, aí dentro das empresas que eu encontrei que eu fui atrás procurando tecido, comprei, porque você trabalhar com representante você já tem que pedir em uma certa demanda, é uma coisa totalmente elitista, realmente p’ra empresa grande, aí eu fiz o quê? Pesquisei na internet e fui nas lojas atrás do tecido, aí eu comprei um pedacinho de cada tecido testei, lavei, engomei, costurei, e aí vi que esse era o de melhor qualidade. E de preço relativamente acessível n’é, porque geralmente o tecido dele é na faixa de dezoito reais o metro, que não é dos mais baratos, porém não é um algodão orgânico que é uns trinta “conto” [...], não é que confio mas é um dos que eu achei menos ruim entendeu? [risos]. (Entrevistada 01, vestuário)

Outro desafio encontrado pelas artesãs está no “rastreio” da matéria-prima. Muitas vezes não têm acesso às informações de como foram produzidos os insumos e qual o processo que a matéria-prima levou antes de chegar até suas mãos. Apesar disso, é importante deixar isso claro para os seus consumidores, serem verdadeiras e transparentes nessa relação, para que os consumidores saibam exatamente aquilo que estão a comprar e o impacto que pode ter por trás desse consumo.

Eu acho que esse é um dos meus grandes problemas ambientais. Porque eu não consigo ter um rastreio da minha matéria prima, eu consigo dizer que é linda e bonitinha a partir do momento que a matéria prima ’tá comigo, mas eu não sei de onde vem o meu látex, eu não sei de onde vem a borracha, eu nunca consegui comprar algodão orgânico, essas coisas. E eu gosto muito de falar isso p’ras pessoas. Tipo “oh, tu vai comprar isso” e é isso. Essa aqui é minha realidade sabe e que eu acho que é uma coisa que falta muito no comércio, é tipo “bicha fala teus podres também” diz p’ra mim p’ra eu saber exatamente o que é que eu ’tô comprando. (Entrevistada 07, sapataria)

[...] eu não sei como é que é essa argila, porque eu uso uma argila processada, n’é, uma argila industrial. Na verdade, a gente não chama argila, a gente chama de massa cerâmica, argila é o produto bruto, n’é? E aí p’ra essa argila ser queimável, n’é, digamos assim, ela passa por alguns processos e são adicionados, n’é, outras substâncias para que ela possa ser queimada no fogo. Então, por exemplo nesse processo, eu não sei como é que é que é feito, entendeu? Não sei,

por aí dentro desse processo se tem aí alguma coisa que seja ilegal, ou que não seja. Porque é muito difícil também, por mais que a gente lute contra esse sistema, mas é muito difícil a gente deixar de consumir coisas que se a gente for deixar, a gente anda nu e não come mais, n'ê? Porque é bem difícil, ou então você come só o que você planta ali e pronto. (Entrevistada 03, cerâmica)

Assim mesmo, algumas artesãs baseiam-se nas informações oferecidas pelos fabricantes em seus sites, ou confiam em órgãos certificadores, a exemplo da Ecocert que certifica produtos orgânicos.

Ah eu procuro [produto] certificado, n'ê? A maioria da minha matéria prima. Geralmente quando é certificada a gente sabe, ela diz matéria prima Ecocert. Aí eu peço o laudo. Quando dá p'ra comprar certificado, eu compro certificado. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Os desafios em prol da sustentabilidade ambiental não desanimam as artesãs que procuram na medida do que está em seu alcance e em pequenas ações adotar iniciativas que possam reduzir o impacto das suas produções. Essas iniciativas ocorrem desde a preocupação com os resíduos gerados na produção, no cuidado com a escolha dos acessórios, até a iniciativa de desenvolverem peças específicas a fim de aproveitarem o máximo dos recursos.

Os retalhos a gente doa, a gente já doou para uma mulher que faz tapete e a gente doou p'rá Unifor³, que a Unifor precisa de retalhos p'ràs aulas de costura porque eles não compram tecido... e aí alguns retalhos maiores a gente faz outra peças, que a gente fez uma coleção de vestido no caso que ele é tipo emendado, duas cores, que foram os restos das calças. A gente tenta aproveitar o máximo possível e os demais a gente doa [...]. A gente compra aquela embalagem de papel reciclável, nossos cartões, nossos tags são tudo feito desse papel reciclado, os cordõeszinhos é de algodão, a gente evita usar coisas de metal, tipo aviamentos. A gente compra elástico que também é nacional ele é o mais resistente e também é o mais caro, porém também é da indústria nacional, [...] a gente evita aviamentos de metal que enferruja, de plástico também por ser plástico, a gente não usa botão, não usa zíper, no máximo quando a gente usa zíper a gente pega o

³ Universidade do Fortaleza, instituição de ensino superior privada em Fortaleza.

melhorzinho com o metal melhor que dura mais e que ele por fora é algodão. Tudo que a gente compra a gente avalia antes de comprar, o menos ruim. (Entrevistada 01, vestuário)

Figura 3. *Upcycling*: Bola de desperdício de linhas como objeto decorativo



O que fazer com o restinho de linha? É difícil descartar um resíduo tão bonito né? Aqui vão algumas ideias do que você pode fazer com essas sobras de linha do bordado: • “estofar” um agulheiro: você pode usar os restinhos para rechear uma almofadinha de guardar agulhas • usar em projetos futuros: a mistura de linhas e cores que se forma a partir dos restinhos pode ser inspiração para um projeto de bordado com um toque mais experimental! • usar o pote cheio de linhas como objeto de decoração: cada pedacinho de linha pode ser um lembrete sentimental de um bordado que você fez, ou um lembrete da sua dedicação a esse fazer manual. Fonte: Entrevistada 10, bordado, post Instagram 10/08/20.

A busca por matérias primas naturais e produtores locais também está relacionada com uma preocupação ambiental.

[...] hoje procuro trabalhar só com algodão, por ser uma matéria prima natural n'ê, ... eu compro de produtores daqui, de uma fábrica que é daqui do Ceará mas compro na loja, [...] mas eu procuro, tenho esse cuidado de ver, se a loja e a produção que é daqui, faço tudo com algodão, procuro fazer também com coisa que não dão alergia, acabamentos que não dão alergia e tal. De descarte eu praticamente não tenho nada. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Ao priorizarem produzir algo de qualidade e que faça sentido para quem consome, as artesãs também concebem que já estão a contribuir para a maximização do ciclo de vida dos produtos, o que é uma forma de contribuir para minimizar o impacto ambiental.

eu 'tou fazendo um sapato p'ra alguém e é importante que aquela pessoa use e que não vá jogar fora depois de uma semana. (Entrevistada 07, sapataria)

5.3. A sustentabilidade social

Intrinsecamente relacionada aos desafios ambientais, está também a sustentabilidade social que apareceu como questão a que algumas artesãs tomam atenção.

Enquanto houver pobreza não tem como haver sustentabilidade. Porque uma pessoa que ganha um salário-mínimo p'ra cinco pessoas, para sustentar cinco pessoas na família, ela não vai poder comprar o sabonete de vinte e cinco reais. Então, enquanto não houver igualdade de distribuição de renda justo, eu não tenho como ser sustentável, isso aí é certo. Então quer dizer, eu ainda tenho uma pequena parcela da população consumindo o meu produto. Eu 'tô fazendo quase nada de diferente do mercado tradicional, entendeu? Então o que eu tento hoje? Hoje eu tenho um projeto que já vou botar em prática esse mês que é o preço social. Eu quero fazer o preço social. Eu quero reduzir 50 e 60% do meu preço. E eu vou ter o preço normal e vou ter o preço mais alto, que é para quem pode mais, pagar mais. Aí vai partir da autoavaliação da pessoa. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

O preço social ainda não foi uma realidade, entretanto, desde que fomos apanhados pela crise do covid-19, a artesã tem feito uma série de campanhas promocionais de seus produtos cujo objetivo é reverter um percentual do seu lucro líquido para organizações não-governamentais que trabalham com mulheres e crianças em situação mais vulneráveis. As doações foram realizadas entre os meses de abril, maio e junho e reforçam os valores de responsabilidade social, de priorizar as minorias que são incorporadas pela artesã.

Solidariedade. Responsabilidade social. Comprometimento com a Sustentabilidade. Se você acompanha nossos stories já sabe que nós firmamos uma #conexãosolidária com o @institutoesportemais. Pequena ONG aqui de

Fortaleza e "fundado em 2014 por jovens ávidos pela transformação social, o Instituto Esporte Mais é uma organização da sociedade civil cearense e foi criado para promover o desenvolvimento integral das pessoas e o empoderamento das meninas e mulheres. Liderado por mulheres, apresenta princípios & valores inegociáveis e fundamentalmente sólidos: “Paixão pelo que fazemos”; “Criatividade e vanguarda”; “Transparência em tudo, com todos”; e “Valorização das pessoas”. Os valores da [nome da marca] casaram-se perfeitamente com os do IEMais. Deu match. A gente fica muito feliz por poder contribuir um pouco com esse trabalho tão lindo! O atual projeto deles é acompanhar famílias chefiadas por mulheres da periferia de Fortaleza. É ou não é um match perfeito? Não fazer nada nesse período tão incerto, não foi uma opção nossa. Dividir um pouco dos nossos lucros com quem precisa, aquece nosso coração e nos mostra a que viemos. Compartilhar com a sociedade o que ela mesmo me proporcionou. Obrigada a cada um de vocês, clientes, que continuam ajudando a [nome da marca] a existir e assim, nos deixando, também, ajudar outras mulheres. Em Abril, demos 20% do nosso ganho líquido para a ONG e, em Maio, estamos repassando 15%. Com muita alegria e sentimento de empatia nós fazemos isso. Podemos estar em casa enquanto as guerreiras do Instituto estão na comunidade fazendo o trabalho de contato/ajuda às famílias. #solidariedade #ajudacontracovid #todoscontraocoronavírus #compredopequeno #apoieopequeno ([nome da marca] da Entrevistada 05, saboaria e cosmética, post Instagram 10/05/20)

Há quem, entre o desafio de ser mais sustentável ambientalmente ou ser mais acessível socialmente, privilegie as pessoas, não com o foco de vender mais ou ganhar mais dinheiro com isso, mas sim com o objetivo de fazer com que uma produção mais justa, e que carrega diversos valores e lutas anti hegemônicas, possa alcançar mais e mais pessoas, sobretudo estudantes e pessoas de classe média. Para essa artesã, antes de ser sustentável o seu vestuário tem de ser acessível:

[...] eu vejo ainda que a matéria prima, algodão orgânico e tal, realmente ainda é muito caro, e aí não rola trabalhar com ele, e aí se eu conseguisse comprar eu não sei se eu teria público para vender ele, porque eu realmente não queria trabalhar com classe média alta. [...] É mais jovem, jovem estudante. Eu acho que eles compram mais a ideia do que de fato o status, até porque a minha roupa é

relativamente barata, uma coisa que também é um empecilho p'ra gente crescer, mas é uma coisa que eu acho importante, e que eu vou segurar até onde der, que é p'ra chegar nesse público assim. E a questão da natureza, eu tento fazer as coisas dentro das possibilidades [...]. E eu entendo que eu incorporo como eu posso, essas empresas grandes poderiam fazer a diferença, porque o que eu não tenho é grana p'ra fazer, e eles têm. Aí pega faz uma coleção... quando a coleção tem setenta peças “bota” cinco com algodão orgânico, entendeu? E eles podiam fazer toda a diferença porque eles são no topo da cadeia, eu 'tô falando de empresa muito grande, mas nem empresa tão grande, até marcas pequenas daqui de Fortaleza que tão começando pega e vende, tem uma dona aí que 'tá vendendo vestido de setecentos “conto” de seda, começou agora, ano passado a marca dela, mas ela já vinha trabalhando em uma grande indústria, ela já tinha nome. E aí tá levando as famas, né?, mas ela tá vendendo um vestido de setecentos “conto”, mulher! Eu não vejo isso como ser sustentável, ah que é seda e tal, mas qual é a diferença que ela está fazendo? Vender um vestido de setecentos “conto” p'ra atriz da Globo usar uma vez em evento, e aí? [...] A acessibilidade é uma coisa muito importante, talvez até antes de surgir a sustentabilidade vem a acessibilidade no [nome da marca] quando eu falo que a roupa é barata é p'ra chegar nessa galera que só pode comprar em loja departamento. (Entrevistada 01, vestuário)

Sobre os aspectos que tangem à sustentabilidade financeira, ambiental e econômica, a artesã de sapatos desabafa:

Ah, eu acho que a gente precisava destruir esse mundo [risos]. Eu acho que a gente podia começar transformando o sistema profundamente. Eu não consigo imaginar pequenas mudanças. Eu acho que elas seriam só mascarar as coisas. A gente precisa de fato mudar não só a presidência, mas todo o mecanismo, mudar a forma como a gente se relaciona como o sistema. 'Tou falando de macro, mesmo. É só a partir daí. Inclusive, falando de moda. Acho que a gente precisaria pensar um mundo onde a moda não seja moda. Não faz sentido. A moda vestimentas n'é? Porque é uma indústria que eu acho que ela acaba sendo base de quase todos os problemas mundiais. E eu acho que se a gente conseguisse enxergar isso não como tendência, mas como roupa, ou como sapato, a gente poderia começar um pouco isso, mas isso vem de uma mudança mais profunda. (Entrevistada 07, sapataria)

A intencionalidade e atitudes pró ambientais e sociais incorporadas pelas artesãs em seus pequenos empreendimentos, são refletidas também através dos relacionamentos que as artesãs estabelecem com toda a sua cadeia, seus pares e clientes.

Capítulo 6. As relações: Consumidores, feiras e lojas colaborativas

“Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”

(Krenak 2020, 24)

6.1. Relação com consumidores e consumo consciente

Outro objeto de análise desse estudo foi identificar como as artesãs do grupo se relacionam com a temática do consumo. Quais as reflexões que fazem em seus hábitos diários de consumo particular e como essa visão influencia na relação que as artesãs estabelecem com seus consumidores.

Um aspecto unânime observado entre as artesãs é a proximidade que estabelecem com seus consumidores, algumas com mais dificuldades em estabelecer uma relação mais afetiva e outras nem tanto; porém todas sentem que em alguma medida a forma de contato entre elas que produzem e quem compra os seus trabalhos é mais humano.

Meu público é o melhor público que tem.... Eu não sei como é que eu montei, como é que de certa forma a [nome da marca] montou um público tão perto, tão próximo e tão compreensivo eu não sei [fala com expressão orgulhosa]. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

[O relacionamento que estabeleço com o cliente] é muito humano, eu acho que é muito massa, tem um diálogo e um contato bem próximo [...] eles tratam a gente super bem, muito difícil eu ter um cliente que ele foi estúpido comigo, não, sempre eles tratam como amigo, tipo é um amigo ali que chegou e quer comprar um caderno, e ela conversa, a pessoa conversa e quer entender como é, a gente sempre pergunta: “você sabe como é feito?” “você conhece a [nome da marca]?” a pessoa: “não”, eu: “vamos conhecer?”, aí explica tudo e num sei o quê, a gente tem um contato muito bom, e eu acho que isso é uma das coisas mais legais. Às vezes a gente ’tá em, tipo... não estou em feira, não estou, estou na minha vida curtindo, aí alguém: “Tu é da [nome da marca]? Ai meu Deus, eu amo o trabalho de vocês!” (Entrevistada 04, encadernação)

Uma das artesãs afirma ter dificuldade em criar um vínculo afetivo com seus clientes, sobretudo no pós-venda e em respostas nas redes sociais, e relaciona essa questão à falta de tempo e às suas limitações com os dispositivos tecnológicos:

Como eu sempre fiz muita coisa e faço até hoje, então eu tenho várias demandas, e a [nome da marca] é algo que eu faço sozinha, faço tudo só, então p'ra mim existe essa dificuldade, de manter um vínculo não só de comprador e vendedor, n'é, esse vínculo comercial, mas mais especificamente um vínculo afetivo com as clientes, isso é muito difícil p'ra mim ainda, é uma dificuldade que eu tenho, infelizmente. [...] Por conta do tempo e por questões mesmo tecnológicas, eu não sou boa com Instagram, com rede sociais, eu acho que eu tenho melhorado agora, assim que eu acho que eu tenho me empenhado mais, mas assim nunca fui boa com isso, então teve épocas, teve não até agora, há pouco tempo, antes da pandemia também que eu passava assim de meses, de semanas sem postar nada, sabe? (Entrevistada 03, cerâmica)

A relação muitas vezes extrapola a dimensão comercial. É comum a criação de laços de amizade entre as artesãs e o público consumidor, o que se inicia através de uma construção mútua de confiança. Nem sempre esse contato termina em troca comercial, muitas vezes as pessoas buscam as artesãs para obterem orientações, e tirarem dúvidas, já que as enxergam como alguém com autoridade no assunto no qual trabalham.

Eu sempre priorizei esse contato de meio que “sacoleira” [vendedora de porta a porta]. A gente vai deixar em casa e o esquema é: a pessoa prova sozinha lá e depois a gente vai pegar [...] porque cria até uma relação, acaba virando amigas. (Entrevistada 01, vestuário)

Com os clientes, n'é, a gente troca muitas ideias. Porque eles acabam vindo, “ah quero comprar um sabonetinho, uma coisinha, ’tou com isso, ’tou com aquilo, ’tou com insônia, ’tou muito estressada” e a gente acaba conversando e acaba fazendo um pouco de terapia ali, é... não somente dos produtos, mas a gente conversa sobre outras coisas. Isso é interessante demais, porque as pessoas também vêm me buscar às vezes para conselhos, não vem com esse intuito, mas na conversa acaba que a gente entra nisso [...] muitas vezes nem fecham compras, mas rola essa

conversa, rola esse papo, é bem interessante por esse lado. (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

A relação mais humana é também reflexo de uma comunicação humanizada e transparente. Muitas artesãs sabem do seu papel de informar o cliente, de ser claras, verdadeiras em seus processos de feitura.

Eu sou bem ativista no sentido de ser verdadeira em rótulo. [...] Por eu ser totalmente aberta com os meus produtos e com os meus consumidores. Só em compartilhar o conhecimento com o consumidor. Eles entenderem o que é aquele produto, o que é aquela matéria-prima e tal que aquilo não é legal e porque, eu acho isso já muito bom. O conhecimento liberta. [...] E a gente informar, n'ê, além de ser artesanal, a nossa forma de comunicação é uma forma de comunicação próxima, a gente 'tá o tempo todo conversando com eles. E eu tipo assim, eu sou muito pessoal, eu faço muitos posts de forma muito pessoal assim para eles, “olha é assim e tal, é muito difícil, não sabia que ia ser tão difícil ser sustentável assim, fazer isso, fazer aquilo” e aí eles acabam entendendo esse lado também. Quanto mais pessoal eu sou, mais eu recebo retorno deles. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

[...] eu tento muito fazer com que a [nome da marca] seja um canto em que quem vem comprar enxergue quem faz e como é feito. Inclusive os problemas disso. (Entrevistada 07, sapataria)

A sinceridade também inclui expor suas limitações produtivas e assumir uma posição responsável quanto ao consumo.

Eu sou bem franca na comunicação, de dizer assim, “olha eu não 'tou produzindo porque não 'tou conseguindo”. [...] E aí assim, eu acho que é uma coisa que eu tento deixar evidente assim nas minhas comunicações e tudo. Tem hora que por exemplo, eu paro de postar [nas redes sociais] porque eu não estou produzindo. Então às vezes até essa coisa assim de ficar o tempo todo jogando nas redes, isso sabe assim, p'ra instigar um consumo, mas eu não 'tou conseguindo, eu não 'tou produzindo. (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

As artesãs entendem o seu papel de educar os consumidores por um consumo consciente e fazem-lhes refletir sobre as suas reais necessidades em consumir os seus produtos.

A gente sempre fala isso no [nome da marca], que a gente não pode ser somente uma marca e vender roupa, vende acessibilidade, sustentabilidade, a gente também tem que informar porque às vezes a gente não dá valor a uma coisa ou não percebe que tá fazendo algo errado porque a gente não sabe. [...] dá p'ra comprar por necessidade, e dá p'ra gente educar de alguma forma ou sinalizar p'ró cliente que ele não precisa comprar de dois em dois meses e que 'tá tudo bem. [...] Toda vez que a gente vai fazer publicidade tem lá: consumo consciente. Tenha sempre o essencial. A gente tenta nunca atrair pelo desejo. A gente sempre 'tá tentando alertar em relação a isso. Até nossas clientes quando ficam na dúvida, a gente diz: Não, pois não leva não. (Entrevistada 01, vestuário)

O movimento “compre de quem faz”, que ganha força nas redes sociais e em certa medida se relaciona com o ideário do consumo consciente, tem alguma influência, mas não é visto como fator determinante para fechar uma venda, segundo a percepção de algumas das artesãs.

P'ros clientes de certa forma é importante saber quem faz, mas eu não acho que eles [pausa] pelo menos a maioria n'é, é um motivo de venda, mas não... acho que não é a maioria que procura porque vai conhecer quem faz, sabe? (Entrevistada 09, acessórios de moda)

As artesãs em geral são mulheres atentas ao que consomem e que estão mais inclinadas a consumirem produtos artesanais de suas pares.

[Com o trabalho artesanal] a gente acaba entendendo o valor das coisas, tipo hoje em dia eu fico pensando muito se eu compro uma “brusinha” numa... sei lá, uma Riachuelo da vida, ou se eu dou o dinheiro p'ra uma amiga minha que faz aquela blusinha por mais que seja um valor mais alto, se eu posso dar no valor mais alto, eu dou no valor mais alto. E eu falo isso p'ra todo mundo, que eu me sinto muito orgulhosa de sair toda feita a mão assim [risos], toda autoral, eu amo, amo, amo, amo! Eu tenho muito orgulho disso. Tu 'tá de Menah, né? 'Tou de Menah, 'tou de Edominga... aqui a pochete é da Dalê, que também é ela que faz as pochetes. E é super bem acabada, e eu tenho muito orgulho porque eu sei o quanto dá trabalho,

eu também sei o quanto é difícil a gente conseguir tipo se manter só disso, nem todo mundo consegue se manter só disso. (Entrevistada 04, encadernação)

Também tendem a valorizar o que é local e privilegiá-lo no consumo:

[...] eu consumo mais coisas artesanais. E assim já faz um tempo que eu não digo tipo assim, “ah, eu vou comprar uma roupa n’ê?” É uma ocasião especial, não é uma coisa que eu consumo muito, de coisas para mim também, n’ê? Tem uma ... p’ra minha filha, nossa, eu ’tou vendo muito isso assim, tudo que a gente precisa já tem no mundo [risos], então meio que eu troco muitas coisas, eu tenho uma super corrente, assim de roupas de crianças, que vão passando por todas as crianças e tudo. E eu faço algumas coisas, n’ê? Eu tento seguir essa lógica assim, agora ficou bem mais evidente assim, a gente consumir com as pessoas daqui da Cidade 2000. Eu moro aqui na Cidade 2000, n’ê? Então assim tem uma... também muito pela estrutura do bairro, mas assim, tem uma coisa assim de uma comunidade, n’ê?, assim então a gente só consome coisas daqui de dentro mesmo, às vezes pede uma coisa fora, muito de pequeno, sabe? Uma coisa de fortalecer aqui as pessoas aqui do bairro também, sabe? (Entrevistada 02, bonecos de pano e bordado)

São também adeptas a consumir produtos de brechó, que são lojas de artigos antigos e/ou usados, principalmente vestuários, calçados, bijuterias, mas também loiças, artigos decorativos e objetos de arte:

[...] minhas roupas eu compro de loja local ou de brechó [...] eu só não compro local de brechó coisas que não tem, por exemplo não tem sutiã do meu tamanho de uma marca local aqui, não tem. Eu acabo comprando aqui [Centro Fashion, que é um centro comercial de roupas produzidas no estado]. Que acaba sendo uma Flávia num sei o quê, é uma empreendedora aqui de Fortaleza, que a fábrica dela é aqui de Fortaleza. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Eu acho que 80% do meu guarda-roupa é de brechó e tem as marcas que eu não consumo de jeito nenhum, n’ê, que eu sei que tem ali esse processo contrário à sustentabilidade, né? Não só da questão dos vínculos empregatícios. Mas tipo de poluição também, enfim. Aí eu procuro consumir marcas locais. (Entrevistada 03, cerâmica)

[...] mas outras coisas sim, tipo comida, eu 'tou consumindo muita coisa local tipo geleia. Vou sempre comprar aqui fora [comércio local próximo de onde foi realizada a entrevista], até p'ra sair também, p'ra comer eu prefiro sempre comprar das meninas [outras expositoras do Mana a Mana], de gente daqui. Mulher, tudo que eu encontro daqui, eu sempre estou nas feiras, n'ê? Sempre vou em feiras. (Entrevistada 01, vestuário)

A relação de proximidade entre as artesãs extravasa das trocas comerciais.

[...] metade, talvez mais, talvez 100% das minhas amizades sejam que fiz em feira ou de pessoas que fazem seus produtos, ou que 'tão alinhadas junto com isso, n'ê, meio que pensa a mesma coisa, n'ê?, que tão nesse... é, como é que eu posso dizer, 'tão nesse caminho, trilhando isso, n'ê, e se unindo p'ra que dê cada vez mais certo. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Há uma abertura em grande parte das artesãs para a troca de conhecimentos e experiências. Elas buscam ir contra o paradigma da competição e privilegiam a colaboração.

Porque a gente aprendeu que competição não vai levar p'ra canto nenhum, pelo contrário, a gente tem que se unir realmente medir forças e botar nosso valor, n'ê? [...] eu vejo muito isso com outras marcas também acontecendo, mas é muito também do criar consciência e ter essa troca com outros empreendedores. (Entrevistada 04, encadernação)

Eu quero é que tenha mais gente fazendo mesmo porque é aquele negócio assim, “eu me garanto no que eu faço”. Então, ok, você se garantir também. E 'tá tudo muito certo. Eu não tenho medo mesmo de concorrência, é uma coisa que isso não me... é, a pessoa pode fazer o mesmo sabonete. Tanto que eu já fiz uma coprodução com uma colega minha aqui de Fortaleza. Ela veio aqui porque ela queria aprender a fazer um outro tipo de sabão, que era o hot, e tal, e o hot não era muito a minha pegada. Então, eu me reuni com ela para fazer esse hot. Então tudo o que ela fez foi baseado na minha receita, então tipo assim, nos meus cálculos, no tanto que eu boto. Mulher, então tipo assim, ela ficou com o sabão da minha receita, vendendo também, e 'tá tudo bem, entendeu?. Ela tem a marca dela, eu tenho a minha marca, tenho a minha vivência. É o mesmo sabão que ela 'tá

vendendo igual com o nome dela, tem o meu, tem a minha energia. Então assim, realmente concorrência p'ra mim, não é nem concorrência. Eu nem vejo como concorrência, eu vejo como uma somatória mesmo, entendeu? (Entrevistada 08, saboaria e cosmética)

Eu acho que na cerâmica nós temos e não temos concorrentes ao mesmo tempo, sabe? Porque cada pessoa tem seu trabalho tão seu... E aí assim, cara, mas eu não vejo ela como minha concorrência, sabe? Porque a gente pode ter algumas peças parecidas, mas a gente tem um trabalho tão nosso, n'ê? Tão nossa personalidade que não dá não para competir, n'ê? E uma pessoa que comprar de mim, pode comprar dela e vice e versa, entendeu? Porque são trabalhos diferentes, então acho que a cerâmica também faz isso, n'ê? Eu acho que ela congrega sim. (Entrevistada 03, cerâmica)

Algumas artesãs além de produtoras, atuam como facilitadoras do conhecimento, proporcionando workshops, oficinas, inclusive de forma voluntária em ONGs. Elas buscam diversas formas de transmissão dos saberes para que a técnica abranja diferentes públicos.

[...] quando eu voltei [de um intercâmbio no exterior], assim, o que eu queria fazer não era vender sapatos. Eu queria fazer uma escola de sapatos. Aí eu consegui ainda fazer alguns cursos, mas eu acho que não pegou muito e aí eu me acomodei aí nesse lugar. (Entrevistada 07, sapataria)

Para mim quanto mais pessoas... eu não tenho esse preciosismo do bordado: “Ah não! Não vou ensinar não bordado. Eu não vou botar mais gente vai competir comigo não!” E eu não tenho isso sabe? Eu acho que quanto mais pessoas fizerem, mais isso vai ser legal e mais as pessoas vão valorizar. Eu acho que quando 'tá bom para todos... que é melhor que fique bom para todo mundo porque para uma pessoa só, sabe? É muito mais fácil vender isso p'ràs pessoas se mais pessoas 'tiverem fazendo, mais pessoas 'tiverem consumindo. Esse mercado também anda aquecido, n'ê? (Entrevistada 10, bordado)

[...] eu também 'tou sempre fazendo outras coisas, n'ê? Como por exemplo as oficinas de argila n'ê? Nem sempre com um cunho técnico, mas com cunho terapêutico e tal, ou então os decorativos também. Enfim, nas próprias oficinas,

n'ê, eu fico estudando que tipo de oficina eu posso oferecer, p'ra não ser aquela mesma oficina que eu dou sempre, mas diferentes tipos, diferentes abordagens ou então diferentes faixas etárias, n'ê? Então eu também 'tou sempre pensando nessas outras movimentações, n'ê? Então eu acho que isso me ajuda também a não pensar tanto nessa questão de concorrência ou até de pensar, mas de uma forma positiva. [...] De querer dar oficinas, de querer chegar nas comunidades e ter essa troca, entendeu? Porque eu já fiz uma vivência p'ra uma ONG numa comunidade p'ra 100 crianças, e foi incrível assim, foi maravilhoso, foi um trabalho voluntário que eu fiz. [...] cada dia é mais possível eu fazer esse trabalho e poder continuar me encantando e me nutrindo, e levando esse sentimento p'ràs outras pessoas também, n'ê? Que na verdade a missão maior é essa n'ê? De me nutrir e nutrir os outros com esse trabalho. (Entrevistada 03, cerâmica)

6.2. As feiras e as iniciativas colaborativas

O olhar para o coletivo também é impulsionado a partir do fazer artesanal, das trocas e diálogos que se criam. As feiras como a Mana a Mana exalam o poder do coletivo e são imprescindíveis para a construção de teias coletivas. A parceria e cumplicidade que é apercebida nessas feiras tornam esse ambiente um lugar de encontros, de acolhida e de família, onde as mulheres juntam suas forças, suas histórias para fazerem a diferença.

Eu vejo que cada dia mais eu venho me diferenciando no sentido de 'tar buscando informação para mim e para as pessoas [...]. Então eu 'tou sempre nesse processo sabe? De estar buscando algo p'ra mim e para os outros, entendeu? Independente se é concorrente ou não, mas uma coisa que agregue para todo mundo, n'ê? (Entrevistada 03, cerâmica)

A experiência [de participar do Mana a Mana] em si ela é ótima, tanto pelo fato de você se sentir bem acolhida com pessoas... você se sente acolhida e fazendo parte de uma família mesmo, porque acaba que todo mundo conversa, se ajuda. (Entrevista 04, encadernação)

A apoio mútuo, a sororidade, tornam para elas as edições da Mana a Mana esse ambiente mágico permeado por muita força e energia, independente dos imprevistos e percalços:

[...] sempre nas feiras independente de qualquer imprevisto, sempre a energia é incrível, indescritível, porque independente também de como sejamos diferentes, todo mundo sabe que a gente 'tá vindo de alguma forma, que tem algo maior que liga a gente, então tipo assim qualquer dificuldade que tenha nas feiras, na organização, no pré, o que vai ter no pós a gente sabe que a feira ali tem um negócio que a gente tem que curtir, usufruir porque é tipo mágico. (Entrevistada 01, vestuário)

Assim, a Mana a Mana é considerada como lugar de tecer diálogos e colaboração coletiva, lugar que proporciona encontros direto com outras pessoas, futuros clientes, com os fazeres de outras artesãs:

Se cada um faz o seu trabalho, que as feiras são super propícias p'ra isso, a gente consegue avançar mais n'ê, consegue tecer aí vários diálogos, n'ê, consegue andar mais p'ra frente. (Entrevistada 03, cerâmica)

Muitas vezes nas feiras aconteciam trocas então [...] para mim era interessante ter esse contato presencial com as pessoas e às vezes parcerias também, possibilidades de parcerias e projetos nasciam das feiras também, da presença nas feiras, sabe?

Então era muito interessante porque eu conseguia entrar em contato com várias outras pessoas e vários outros fazeres também. [...] ao vivo era diferente, era legal também, ver o interesse e o que aquilo representava para as pessoas também. (Entrevistada 10, bordado)

Nas feiras é o lugar onde eu tenho esse contato direto, n'ê, com as pessoas que se tornam clientes, n'ê? Então assim, a gente conversa muito, n'ê, sempre muito curiosos e como é uma coisa que eu adoro falar, e gosto muito de falar sobre isso. Enfim, acho que quando eu falo dá p'ra ver assim o brilho nos olhos, n'ê, quando eu falo sobre as peças assim, n'ê, como se fossem pequenas filhas assim [risos]. E aí sim, aí elas ficam mais encantadas, n'ê? Porque eu explico o processo e elas perguntam, n'ê, e eu respondo, então normalmente nas feiras existe essa conversa, n'ê, esse diálogo, não é só a compra pela compra. (Entrevistada 03, cerâmica)

Participar da feira Mana a Mana foi de suma importância para o crescimento e amadurecimento do trabalho de muitas artesãs, que tiveram nos eventos suas primeiras experiências como artesãs expositoras e que puderam também estar em contato com temáticas e discussões que consideram extremamente importantes para a sociedade.

[...] a feira assim, que eu digo que é a feira do meu coração, que me abriu para o mercado, mesmo foi a Mana a Mana. Que era de um público alternativo, que era de mulheres, n'ê? Então foi a feira assim que me abriu os olhos. Que fala de sustentabilidade, que fala de empreendedorismo feminino, de empoderamento e só o coletivo Mana a Mana e a feira Mana a Mana, que são duas coisas diferentes, falam sobre isso. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Que é onde eu lembro que a marca cresceu muito e se tornou bem mais conhecida quando eu participei lá do primeiro, acho que eu não participei do segundo, mas sei lá do primeiro e do terceiro Mana a Mana, assim, a marca deu um boom assim, sabe? Foi muito importante p'rá marca ter participado do Mana a Mana. (Entrevistada 03, cerâmica)

Entretanto, nem todas as feiras de produtos autorais e artesanais são bem avaliadas, na experiência de algumas artesãs, alguns eventos atuam como forma de exploração do trabalho devido ao valor alto que cobram de suas expositoras.

[...] mas eu também tive experiências por exemplo participando de feiras que eu acho que continua a ser o mesmo esquema do capitalismo, você ter que pagar muito p'ra alguém, n'ê, e aí acaba descontando do seu tempo, do seu trabalho, então de certa forma continua sendo uma forma de exploração do trabalho do outro, n'ê? Então eu acho que tem que ter muito cuidado, sabe, com isso, de onde você 'tá se colocando e colocando a sua força e sua energia. (Entrevistada 06, escultura de papel)

Eu acho que tem algumas feiras que pensam mais no lance da grana mesmo, sabe? Mas aí com o tempo, elas não dão continuidade, n'ê? Acho que justamente por conta disso, talvez ou não tem outros motivos também, óbvio que não é só isso, até porque é muito difícil fazer uma feira, não é fácil. (Entrevistada 03, cerâmica)

Um dos grandes diferenciais da Mana a Mana é que o grupo não é apenas uma feira comercial, é também um coletivo, que vive e se mantém principalmente em ambiente digital, através de um grupo de Whatsapp onde diariamente as artesãs estão em contato. Alguns eventos também já foram realizados, como confraternização de fim de ano, encontro na casa de alguma das participantes e outros ainda mais informais. Para além das feiras, as artesãs dizem,

Fazemos muitas trocas. A gente conversa muito sobre precificação, a gente conversa sobre as feiras, sobre leis, sobre tanta coisa, sobre dicas de Instagram. Principalmente de vender, nós vamos para feiras que tenham algum sentido e que não seja algo apenas comercial. Que a feira tenha um porquê. A feira tenha uma visão. Então a gente troca muita informação sobre isso, sobre pontos de venda, sobre clientes. Como lidar com certos tipos de clientes. Divulga matérias primas às vezes, onde encontrar matéria prima tal. (Entrevistada 05, saboaria e cosmética)

Entretanto, os projetos colaborativos apareceram apenas como exemplos, somente duas afirmaram estarem habituadas a collabs, e em alguns casos trabalham em parceria, mas seus nomes e marcas não aparecem.

Já fiz vários [projetos colaborativos], tanto aberto, n'ê, assim então vamos fazer esse trabalho juntos, como já fui contratada p'ra fazer trabalho que o meu nome não aparecia. Eu fiz os sapatos e ela pintou pássaros ameaçados de extinção no Nordeste. Acho que foi o último que fiz. E 'tô com um meio engatado com as Todos os Poemas em que eu fiz o sapato que elas bordaram o tecido, mas com essa loucura da pandemia nem sei se vai acabar indo pro mundo. (Entrevistada 07, sapataria)

Por um outro lado, o período da pandemia propiciou uma collab para a artesã bordadeira, que teve a preocupação em não passar a imagem de estar tirando proveito da situação.

Era uma parceria, era uma colaboração. Então eu fui paga, claro, mas ia ser vendido para o público com esse tom também de uma collab mesmo, sabe? A minha marca aparecia, a dela aparecia então não era uma coisa que eu ficava só nos bastidores. Eu não procurei olhar assim se aquela proposta tinha a ver assim, com que eu... me preocupei muito de ser uma coisa parecendo uma coisa

mercenária, sabe? Monetizar em cima de uma pandemia, e não era isso assim, era uma coisa bem sobre “’tá? Como é que a gente pode continuar fazendo o que a gente faz?” Que ’tá relacionado à venda, tem a ver com dinheiro, mas de um jeito que seja legal, assim de um jeito que as pessoas sintam vontade de consumir, conectado também com esse momento, com o que tá acontecendo. E aí tinha uma proposta também beneficente de cada camisa vendida tinha doações para o instituto Povo do Mar, que eu conheço, já fiz trabalho voluntário lá, então a campanha ’tava bem redondinha, sabe? E p’ra mim tinha a ver assim, isso aqui é massa, é uma marca legal, é uma coisa que vale a pena colocar meu nome assim. Porque era um momento, como ’tava bem no começo, era um momento bem delicado, sabe, p’ra fazer qualquer coisa assim, ’tava todo mundo meio que observando como é que aquilo ali ia se configurar. Mas foi a partir de um ponto bem sensível assim e foi bem legal também. (Entrevistada 10, bordado)

Além das feiras e das parcerias colaborativas, as artesãs em sua grande maioria também estão presentes em lojas colaborativas. Que são lojas multimarcas, especialmente focadas em produção autoral, local, ou que privilegiam as marcas artesanais.

Eu comecei lá em Jericoacoara com uma loja colaborativa, isso p’ra mim é revolucionário, assim porque era eu, a Núria e mais duas amigas, eram quatro mulheres que dividiam a loja e fazendo o que queriam, n’é, e aí eu acho que isso é um passo revolucionário que mostra que a gente pode fazer o que a gente tem vontade de fazer, o que a gente quer colocar no mundo. (Entrevistada 06, escultura de papel)

’Tô também em loja colaborativa, ’tô na Aldeota que é onde ’tá meu principal público, na Elabore. ’Tô na Colabora que é na 13 de Maio ali Fátima [...] E tem aqui, n’é [loja colaborativa local onde foi realizada a entrevista e de que a entrevistada é sócia]. (Entrevistada 09, acessórios de moda)

Para essa outra artesã, as lojas colaborativas funcionaram muito mais como vitrine.

Eu acho que a época que mais funcionou mesmo de venda, foi na época que eu estive da Revival, que aí era uma coisa de fazer uma coleção e lançar uma coleção. E a partir dela receber encomendas enquanto ’tava numa loja assim. Então eu acho que ir, p’ra ir p’ra uma dessas lojas colaborativas, funcionou muito mais como

estandarte, como “vejam aqui esse trabalho”, porque eu não vendi quase nada, mas eu recebia muitas encomendas a partir disso. (Entrevistada 07, sapataria)

O envolvimento das artesãs com seus clientes e entre si, revela uma predominância da valorização dos aspectos humanos. O contato humano e a pessoalidade, além de fazer parte da natureza do fazer artesanal e de todos os valores que este carrega, são contraditoriamente amplificados pelas ferramentas de comunicação digitais. No mundo virtual através de poucos cliques é possível se ter acesso às produtoras, conhecer seu portfólio, as etapas de seus processos produtivos, as parcerias que estabelecem, os eventos em que vão participar e tudo o que acontece no dia a dia de trabalho das artesãs. O mundo virtual colabora para a construção de laços reais e por que não dizer, manuais?

Conclusões

A mudança dos valores é, de acordo com a teoria de Inglehart, lenta e gradual, e observada sobretudo em sociedades pós-industriais, em que a maioria da população tem suas necessidades de segurança econômica atendidas. Necessidades estas que, segundo a hierarquia das necessidades de Maslow em que Inglehart se baseou, são desde básicas e fisiológicas, como água e comida, até necessidades de segurança, como casa, emprego, saúde e etc. Embora o Brasil seja considerado um país em vias de desenvolvimento econômico, ainda com número expressivo de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza, possui diferentes realidades econômicas que podem variar por região, nível de escolaridade e de rendimentos das famílias.

As artesãs entrevistadas encontram-se na faixa dos 21% dos brasileiros que, segundo dados da OCDE (OECD 2019) possuem ensino superior completo, e que por isso estão em posições privilegiadas dentro da realidade do país, correspondendo nesse aspecto ao perfil que Inglehart traça dos grupos sociais protagonistas da mudança de valores, a que acresce o peso adicional específico da variável educação que Ribeiro (2010) encontra, ao relacionar os valores pós materialistas com atitudes como a tolerância, no contexto brasileiro. Pode-se observar também que, apesar das constantes referências aos desafios financeiros encontrados para a manutenção de suas atividades artesanais, e em alguns casos algum nível de desânimo por ainda não conseguirem ser financeiramente estáveis, são pessoas que direta ou indiretamente contam, ou sabem que podem contar, com apoios econômicos de suas famílias. Enquanto algumas destas artesãs se definem nas características de um “empreendedorismo por necessidade” (Seraine 2019), outras não, pois declararam ter optado pelo artesanal face a alternativas em outras carreiras e ocupações que lhes garantiriam a subsistência e maior renda. Para estas, a “oportunidade” visada no empreendedorismo é de mudança do modo de vida, não a de ampliação de negócio e lucro. No geral, as artesãs podem subordinar a sua sustentabilidade econômica individual, em prol de outros ganhos relacionados aos valores pós-materialistas como o tempo, a criatividade, a qualidade de vida e a liberdade.

Os desafios enfrentados pelas artesãs no que diz respeito a meios de subsistência são muitos, e são diversas e diferentes também as motivações pelas quais elas optaram por desenvolver suas atividades artesanais. Um aspecto convergente entre as diferenças indicia que há um processo contínuo de reflexão, conscientização e autoconhecimento

que leva este perfil de artesãs a priorizarem, na generalidade de suas vidas, mas com expressivo reflexo em suas atividades artesanais enquanto profissão, valores pós-materialistas. Em geral, estão presentes a profunda necessidade de reconexão com elas mesmas, a busca por fazer algo que tenha sentido e que esteja alinhado aos seus valores pessoais. Tais valores relacionam-se com o desenvolvimento do bem-estar próprio e socioambiental, ao demonstrarem maior respeito por si mesmas e por suas limitações da condição humana, e respeito ao tempo dos processos da natureza, o que a seu ver contribui para que se tornem mais resilientes e pacientes, também perante as outras pessoas.

A busca por realinhamento do ritmo de vida, que respeite o momento individual de cada uma, mais evidente entre aquelas artesãs que têm ou que tiveram previamente experiências profissionais em ambientes empresariais ou de emprego por conta de outrem, evidenciam a priorização de aspectos relacionados à qualidade de vida. As artesãs buscam reduzir o ritmo acelerado das exigências diárias, privilegiam um estilo de vida *slow* e conectado com os ciclos naturais. Embora nem sempre consciente e nem sempre referido verbalmente, o conceito *slow living* está presente quando as artesãs afirmam buscar ter mais tempo de qualidade para si, para a família, para o lazer e para desenvolverem seus próprios projetos.

Na maior parte dos casos, as artesãs sentem-se atraídas pela possibilidade de criação proporcionada pelo fazer artesanal. Para elas, expressarem-se com liberdade, autenticidade e autonomia são valores conquistados que lhes permitem responder aos pré-conceitos normatizados na sociedade patriarcal e por isso repleta de desafios para as mulheres. Embora nem sempre isso se apresente de forma consciente, resgatar os conhecimentos, as sabedorias e o modo de vida ancestral, é para várias delas uma forma também de se anteporem ao modelo de vida predominante, é uma forma de se reconhecerem capazes e assim reforçar sua autoestima e suas necessidades por autonomia.

Os fazeres artesanais, que historicamente são tidos como fazeres delicados, domésticos, e por isso femininos, através dos corpos e das mãos das novas artesãs urbanas, ganharam para elas um novo significado. Nele expressam suas verdades, suas dores, suas lutas, e refletem os seus anseios por mudanças sociais de valores materialistas para pós-materialistas, como equidade de gênero, igualdade de oportunidades, justiça e liberdade. As artesãs encontram no criar, fazer, produzir e existir formas de lutar. Para

elas, trabalhar de forma artesanal é um ato político, que direta ou indiretamente é refletido no seu próprio sentimento de empoderamento em relação à vida.

O empoderamento proporcionado pela atividade artesanal é sobretudo coletivo. Nasce de um processo de socialização e aprendizagem recíproca dessas mulheres, que são comprometidas em ajudarem-se umas às outras, a se ouvirem, a trocarem experiências, e a levantarem discussões comumente abafadas ou não valorizadas pela sociedade, como é o dar visibilidade ao trabalho das mulheres negras, ou à valorização do empreendedorismo materno.

A maneira como as artesãs que são mães optaram por vivenciar a maternidade também se relaciona com valores defendidos pela teoria do desenvolvimento humano de Inglehart. De forma consciente, privilegiam estar presentes, ter tempo de qualidade e participar ativamente da criação de seus filhos, gozam da flexibilidade oferecida pelo fazer artesanal doméstico, embora algumas exerçam ainda outras atividades profissionais para além da artesanal.

Muito embora as artesãs, mães ou não, privilegiem a qualidade de vida, as preocupações em relação ao bem-estar social e busquem evitar as tensões impostas pela vida moderna e cotidiana, sendo pessoas inclinadas a viver de forma mais consciente, elas se deparam com pressões acerca da criatividade, produtividade e sobretudo com as preocupações financeiras.

Estas artesãs contradizem os pressupostos materialistas ao se oporem de forma consciente ao modelo industrial produtivista e toda a cultura de exploração do mercado de trabalho. Assumem uma postura crítica sobre as normatividades que lhes são impostas. Em grande parte, fizeram ou estão em processo de transição profissional em busca de autonomia e autenticidade. Enveredaram no mundo do empreendedorismo, por necessidades financeiras, por vislumbrarem oportunidades de mercado, ou por quererem fazer a diferença no mundo, e para a maioria delas a sua visão como empreendedoras não colide com a realização dos valores pós-materialistas que buscam, antes surge como um meio para a sua realização.

Apesar das limitações de escala e dos recursos financeiros disponíveis em seus pequenos empreendimentos, em geral consolidam preocupações e atitudes favoráveis às questões ambientais. Embora nem sempre estas atitudes sejam ativas em todas as áreas de suas vidas, as artesãs tentam, na medida de suas possibilidades e viabilidade

financeiras, introduzir mudanças em seus processos produtivos para produzirem produtos cada vez mais amigos do ambiente. São, portanto, pessoas com pensamento crítico e atentas à sustentabilidade ambiental.

O aspecto social também demonstrou ser alvo da atenção por parte das entrevistadas, que em grande parte afirmaram ter atitudes em prol da cidadania, acessibilidade e igualdade de oportunidades, e favorecimento do bem-estar coletivo. As iniciativas descritas indiciam, assim, um processo de mudança de valores individualistas para um maior senso de comunidade e equidade.

A predisposição à colaboração é mais uma característica que contribui para a aplicabilidade da teoria de Inglehart ao contexto analisado. As artesãs mostraram-se abertas para partilharem o conhecimento e trocarem com outras artesãs e com a comunidade. Algumas delas, além de produzirem e comercializarem seus produtos, também atuam como facilitadoras de conhecimento, perpetuando a arte dos ofícios na sociedade. Contudo, os projetos colaborativos com outras artesãs e empresas, embora tenham sido experienciados em alguns casos, ainda carecem de maior articulação e envolvimento por parte das artesãs. Apesar disso, grande parte das entrevistadas demonstram em suas falas estarem inclinadas a contribuir para um novo paradigma da colaboração, em detrimento do materialista assente na competição.

Entretanto, o coletivo do qual fazem parte tem atuado de forma limitada, principalmente neste último ano, quando a troca e contato entre as artesãs tem se reservado apenas a mensagens de Whatsapp, muito decorrente do ano atípico que está sendo vivenciado com todas as restrições de contacto físico ainda vigentes. Apesar disto, a feira representou nos últimos anos um novo fôlego para o grupo de mulheres, que encontrou nos eventos e no apoio de outras mulheres força, empoderamento e sentido. Grande parte relembra os momentos que tiveram juntas com grande afeto e refere a participação na Mana a Mana como marco em suas vidas.

A construção de laços afetivos demonstrou sem dúvida ser uma forte característica desse grupo de artesãs, que vivenciam transformações a nível cultural no processo de transição para valores pós-materialistas. As artesãs estabelecem relações diferenciadas com toda a cadeia de valor do seu trabalho, especialmente com os clientes e entre elas mesmas. Por mais que todas tenham logotipo, identidade visual, páginas nas redes sociais destinadas aos seus projetos e algumas até websites e lojas virtuais, o fator mais

diferenciador e expressivo em seus trabalhos é exatamente o humano. Representam-se apenas pessoas produzindo, vendendo e se relacionando com outras pessoas, muito embora o sucesso dessas relações esteja associado às ferramentas de comunicação digitais que atuam como facilitadoras para a construção e manutenção desses laços. A valorização das ideias, da criatividade, da expressão individual e do contato humano indiciam uma forte componente de valores pós-materialistas no cerne desse movimento.

Com base no que foi apresentado, o potencial transformador do resgate e valorização da atividade artesanal urbana é indiciador de uma mudança cultural de prioridades valorativas pós-materiais na vida de quem produz, que lhes é refletida na forma de pensar e atuar em sociedade. Entretanto os resultados deste estudo, de caráter qualitativo, representam um pequeno recorte social específico do tipo “novos artesão urbanos” (Esteves 2009) e particularmente alinhado com as características sociais associadas aos valores pós materialistas, que não reflete a generalidade do universo de profissionais artesãos urbanos e muito menos a do universo artesanal brasileiro, sendo necessária a multiplicação de estudos de casos e, eventualmente, uma posterior análise quantitativa para averiguar de um modo mais geral o enraizamento e a contribuição desses coletivos artesanais para uma via pós-materialista do desenvolvimento humano.

Referências

- Altberg, Ana, Mariana Menegueti e Gabriel Kozlowski. 2019. *Oito Reações Para o Depois*. Rio de Janeiro: Rio Books.
- Barbosa, Vera Lucia, e Maria Inácia D'Ávila. 2014. “Mulheres e Artesanato: Um ‘Ofício Feminino’ no Povoado do Bichinho/Prados-MG”. *Revista Ártemis*. João Pessoa. 17 (1): 141-52. <https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p141-152>
- Barenco, Maristela. 2020. “O Valor Sagrado do Trabalho”. Podcast Mil em Rama, (40), 28 de setembro. <https://open.spotify.com/episode/4POzwzicFrc6HmU6hKTQ9V>
- Baudrillard, Jean. 1975. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Botta, Marta. 2016. “Evolution of the Slow Living Concept Within the Models of Sustainable Communities”. *Futures*, 80: 3–16. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2015.12.004>
- Castro, Mary Garcia. 2001. “Feminização da Pobreza em Cenário Neo Liberal”. In: Alvaro Gomes. (Org.). *O Trabalho no Século XXI*. São Paulo: Anita Garibaldi, 257-278. <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/mulheretrabalho/article/viewFile/2671/2993>
- Esteves, Denise Gayou Lima Reis. 2009. “Estragar a Mão: Práticas Culturais Híbridas no Campo das Artes e Ofícios”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/11889>
- Felton, Emma, Christie Collis, e Phil Graham. 2010. “Making Connections: Creative Industries Networks in Outer-Suburban Locations”. *Australian Geographer* 41 (1): 57–70. <https://doi.org/10.1080/00049180903535576>
- Fernández Chiti, Jorge. 2003. *Artesania, Folklore y Arte Popular*. Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi.
- Figueiredo, Marina Dantas de, Auristela Melo, Fátima Matos e Diego Machado. 2015. “Empreendedorismo Feminino no Artesanato: Uma Análise Crítica do Caso das Rendeiras dos Morros da Mariana”. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*. 14: 110 -123 <https://doi.org/10.21529/RECADM.2015010>

- Fontenele, Santana Maíra. 2020. "Trajetória do Artesanato Brasileiro: Perspectivas das Políticas Públicas". Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/40378>
- García Canclini, Nestor, 2000. *Transforming Modernity: Popular Culture in Mexico*. Austin, TX: University of Texas Press.
- Hayes, Bernadette C., Ian McAllister, and Donley T. Studler. 2000. "Gender, Postmaterialism, and Feminism in Comparative Perspective." *International Political Science Review* 21(4): 425–439.
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0192512100214006>
- Heying, Charles H. 2010. *Brew to Bikes: Portland's Artisan Economy*. Portland, OR: Ooligan Press.
- Hirata, Helena. 2014. "Gênero, Classe e Raça: Interseccionalidade e Consustancialidade das Relações Sociais". *Tempo Social*. 26 (1): 61-73.
- Hissa, Celina Cavalcante. 2015. "A Coexistência Como Resistência: Um Esboço na Definição de Coletivo a Partir das Práticas Artísticas de Três Grupos em Fortaleza, CE". Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará.
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22635>
- Hor-Meyll, Luís Fernando, e Renata Celi Moreira da Silva. 2016. "Simplicidade Voluntária: Escolhendo uma Nova Forma de Viver". *Pretexto*, 17 (2): 98-116.
<https://doi.org/10.21714/pretexto.v17i2.3772>
- Inglehart, Ronald. 1990. *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University Press.
- Jackson, Tim. 2013. *Prosperidade sem Crescimento: Economia para um Planeta Finito*. Lisboa: Tinta da China.
- Kozinets, Robert V. 2014. *Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online*. Porto Alegre: Penso.
- Krenak, Ailton. 2019. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- 2020. *A Vida Não É Útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, Ailton e Sergio Cohn (org) 2015. *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue.

- Latouche, Serge. 1998. *Os Perigos do Mercado Planetário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- 2011. *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*. Lisboa: Edições 70
- Marquesan, Fábio Freitas e Marina Dantas de Figueiredo. 2014. De Artesão a Empreendedor: A Ressignificação do Trabalho Artesanal Como Estratégia Para a Reprodução de Relações Desiguais de Poder. *Rev. Adm. Mackenzie*, 15 (6): 76-97. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n6p76-97>
- Medeiros, Emanuel Oliveira. 2008. *Pensar Como uma Montanha, de Aldo Leopold: um Caminho de Educação e Ética Ambiental*. Ribeira Grande: Amigo dos Açores.
- Migliorin, Cezar. [2012]. “O que É um Coletivo.” *IMS* [boletim não numerado]: 2-8. Gávea: Instituto Moreira Sales. https://www.academia.edu/2451138/O_que_%C3%A9_um_coletivo
- Moraes, Maria Dione, Ana Beatriz Seraine, e Carol Barbosa. 2020. “Artesanato e Políticas Públicas no Brasil”. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 10 (25): 159-82. <https://doi.org/10.32335/2238-0426.2020.10.25.3499>
- Norberg-Hodge, Helena. 2019. *Local is Our Future: Steps to an Economics of Happiness*. East Hardwick, VT: Local Futures.
- OECD. 2019. *Education at a Glance*. OECD indicators. <https://doi.org/10.1787/f8d7880d-en>
- Paim, Claudia. 2006. “Práticas Coletivas de Artistas na América Latina Contemporânea”. <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/paim.pdf>
- Pena, Rui, e Carlos Laranjo (org). 2000. *Microempresas, Artes e Ofícios Tradicionais e Micro Empresas Comerciais*. Portugal: Livros e Leituras.
- Portilho, Fatima. 2005. *Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania*. São Paulo: Cortez.
- e Marcelo Castaneda 2011. “Certificação e Confiança Face a Face em Feiras de Produtos Orgânicos”. *Revista de Economia Agrícola*, 58 (1): 11-21. <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=12274>
- Ramadani, Veland., Robert D. Hisrich, e Shqipe Gërguri-Rashiti. 2015. “Female Entrepreneurs in Transition Economies: Insights from Albania, Macedonia and

- Kosovo”. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 11 (4): 391-413. <https://doi.org/10.1504/WREMSD.2015.072066>
- Ribeiro, Ednaldo. 2007. “A Consistência das Medidas de Pós-Materialismo: Testando a Validade dos Índices Propostos por R. Inglehart no Contexto Brasileiro”. *Sociedade e Estado*, 22 (2): 371-400. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000200006>
- Ribeiro, Ednaldo e Julian Borba. 2010. “Participação e Pós-materialismo na América Latina”. *Opinião Pública*, 16 (1): 28-63. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762010000100002>
- Salgado, Mara, e Kety Valeria Franciscatti. 2007. “Contraponto entre Arte, Artesanato e Trabalho: A Falsa Diferenciação e a Atrofia da Fantasia”. *2o Colóquio de Psicologia da Arte*. São Paulo, SP.
- Sapiezinskas, Aline. 2012. “Como se Constrói Um Artesão: Negociações de Significado e Uma ‘Cara Nova’ Para as ‘Coisas da Vovó’”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. 18 (38): 133-158.
- Schumacher, E. F. 1980. *Small Is Beautiful: Um Estudo de Economia em que as Pessoas Também Contam*. Dom Quixote. Lisboa.
- Sennet, Richard. 2009. *O Artífice*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record.
- SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). (2013). Pesquisa: O Artesão Brasileiro. Recuperado de http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf
- Seraine, Ana Beatriz Martins dos Santos. 2009. “Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990: o encontro entre artesanato e empreendedorismo”. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281033>.
- Sérgio, António. [s.d.]. *O Cooperativismo: Objectivos e Modalidades*. [s.l.]. Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo.
- Silva, Augusto. 1988. *Uma Arte do Povo, e que Tem a sua Ciência: Representações Sociais do Artesanato*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais.

- Sobrinho, João Moraes, Thaís Ferreira, Diogo Helal e Márcia Costa. 2013. “O Papel do Estado no Desenvolvimento Regional: Análises das Políticas Públicas Voltadas ao Artesanato da na Cidade de Lajes Pintadas - RN”. *Sinergia*, 17 (1): 23-24.
<http://repositorio.furg.br/handle/1/7909>
- Souza, Helaine Pereira. 2018. “Coletivo Cultarte: Limites e Possibilidades Para Autonomia e Empoderamento de Mulheres no Antigo Quilombo do Cabula”. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação.
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26548>
- Steel, B.S., R.L. Warner, B. Stieber and N. Lovrich. 1992. “Postmaterialist Values and Support for Feminism among Canadian and American Women and Men.” *Western Political Quarterly*, 45: 339–353.
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/106591299204500204>
- UNCTAD (United Nations Conference on Commerce and Development). 2008. *Creative Economy Report 2008*. Geneva: UNCTAD/UNDP.
http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf.
- Wittel, Andreas. 2001. “Toward a Network Sociality”. *Theory, Culture & Society*, 18 (6): 51-76. <https://doi.org/10.1177/026327601018006003>